

# INTERDISCIPLINARIDADE

ISSN 2179-0094

volume 1 | número 2 | out. 2012



Logo Inter, pesquisa interdisciplinar em arte de Ricardo Hage

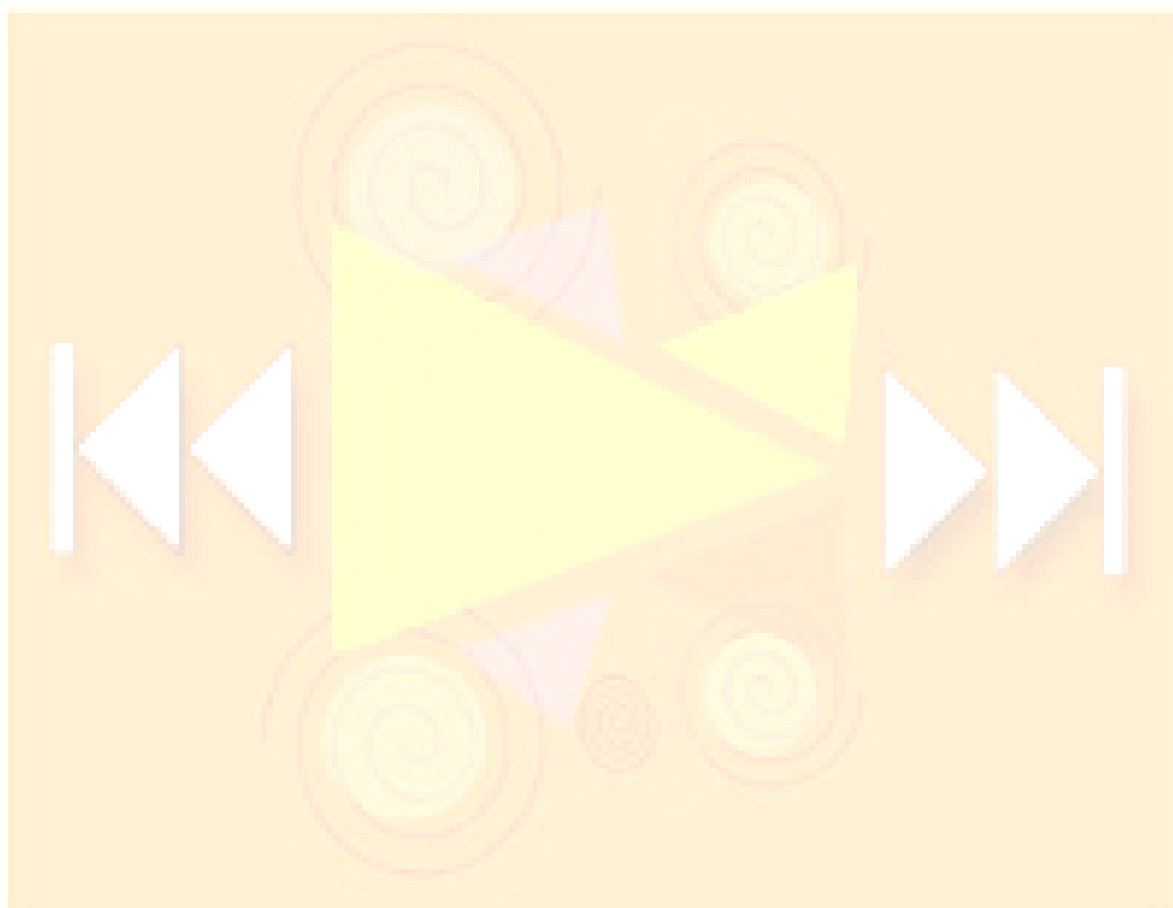
ISSN 2179-0094

# INTERDISCIPLINARIDADE

volume 1

número 2

out. 2012



=====

**Publicação Oficial do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI) –**  
**Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade: PUC/SP**

=====

## Interdisciplinaridade

Publicação Oficial do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI)  
Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade: PUC/SP

*e-mail:* gepi@pucsp.br

*Site:* <http://www4.pucsp.br/gepi/>

© Copyright 2012

Interdisciplinaridade / Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI) – Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade – v. 1, n. 2 (out. 2012) – São Paulo: PUCSP, 2012 – Periodicidade anual.

ISSN 2179-0094

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação. 2. Professores-Formação. 3. Currículos. I. Título.

CDD 371.3  
22.ed.  
CDU 37(05)

Dados internacionais de catalogação na publicação  
Bibliotecária responsável: Leocilêa Aparecida Vieira – CRB 9-1174

As opiniões emitidas nas matérias desta Revista são de inteira responsabilidade dos seus autores. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, porém, deve-se citar a fonte.

Revista

## **Interdisciplinaridade**

### **Editores**

Ivani Catarina Arantes Fazenda

### **Comitê editorial**

Cláudio Picollo  
Herminia Prado Godoy  
Leocilêa Aparecida Vieira

### **Consultores**

Ana Lúcia Gomes da Silva  
Ana Maria Ramos Sanchez Varella  
Beatriz Marcos Telles  
Mariana Aranha Moreira José  
Maurina Passos Goulart Oliveira da Silva  
Nali Rosa Silva Ferreira  
Raquel Gianolla Miranda  
Rodrigo Rodrigues Mendes  
Rosangela Almeida Valério  
Ruy Cezar do Espírito Santo

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                          |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Editorial</b> .....                                                                                                                                                   | 8  |
| <i>Cláudio Picollo</i>                                                                                                                                                   |    |
| <b>Interdisciplinaridade para Ivani</b> .....                                                                                                                            | 10 |
| <i>Ruy Cezar do Espírito Santo</i>                                                                                                                                       |    |
| <br><b>Artigos Originais</b>                                                                                                                                             |    |
| Reflexões sobre a institucionalização de um curso de educação continuada para professores da rede oficial de ensino: uma possibilidade dentro das impossibilidades ..... | 12 |
| <i>Cláudio Picollo</i>                                                                                                                                                   |    |
| Manifestações interdisciplinares do teatro na formação cultural .....                                                                                                    | 20 |
| <i>Ana Lúcia Gomes da Silva e Denise Abrão Nachif</i>                                                                                                                    |    |
| Conceito, o que é isto? .....                                                                                                                                            | 26 |
| <i>Diva Rangheti</i>                                                                                                                                                     |    |
| <br><b>Artigos Revisitados</b>                                                                                                                                           |    |
| Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas e as condições de produção .....                                                         | 33 |
| <i>Ivani Catarina Arantes Fazenda</i>                                                                                                                                    |    |
| Natureza e Interdisciplinaridade: reflexões para a Educação Básica .....                                                                                                 | 42 |
| <i>Ivani Fazenda e Silmara Rascalha Casadei</i>                                                                                                                          |    |
| Proposta de uma educação para a espiritualidade .....                                                                                                                    | 71 |
| <i>Herminia Prado Godoy</i>                                                                                                                                              |    |
| <br><b>Pesquisas</b>                                                                                                                                                     |    |
| Práticas e Pesquisas Interdisciplinares: Diálogo aberto e permanente no GEPI da PUC/SP .....                                                                             | 84 |
| <i>Ivani Catarina Arantes Fazenda; Ana Lúcia Gomes da Silva; Telma Teixeira de Oliveira Almeida e Ana Lourdes Lucena de Sousa</i>                                        |    |
| Práticas Interdisciplinares com a Agricultura Natural e seus Desarolos Sin-cerus por Jovens Reclusos em Instituição de Re-socialização .....                             | 90 |
| <i>Rodrigo Mendes Rodrigues</i>                                                                                                                                          |    |

**Resenhas do livro "Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia" de Ivani Fazenda realizada por seus alunos no ano de 2012**

Resenha 1..... 104

*Ana Cristina S. Limeira*

Resenha 2..... 107

*Jerley Pereira da Silva*

Resenha 3..... 113

*Juliane Anjos*

**Interdisciplinaridade com Arte**

Emília e as Estripulias com a tal da Interdisciplinaridade..... 121

*Ana Lúcia Gomes da Silva, Celso Solha, Kátia Regina Conrad Lourenço, Marilda Prado Yamamoto, Odila Amélia Veiga, Rodrigo Mendes Rodrigues e Telma Teixeira Oliveira de Almeida)*

**Espaço aberto**

Saber coletivo, como raiz da interdisciplinaridade e saber de si como fonte para o autoconhecimento; resistências sociais à temática..... 132

*Ruy Cezar do Espírito Santo*

**Lançamento de livros**

Encontros e desencontros nada é por acaso..... 140

*Ana Maria dos Santos Sanches Varela*

Arte e pesquisa na Pós-Graduação..... 141

*Claudio Picollo e Sonia Regina Albano de Lima*

Introdução ao Estudo da Radiestesia e Radiônica;

Terapia da Consciência Multidimensional

A Consciência Espiritual na Educação Interdisciplinar..... 142

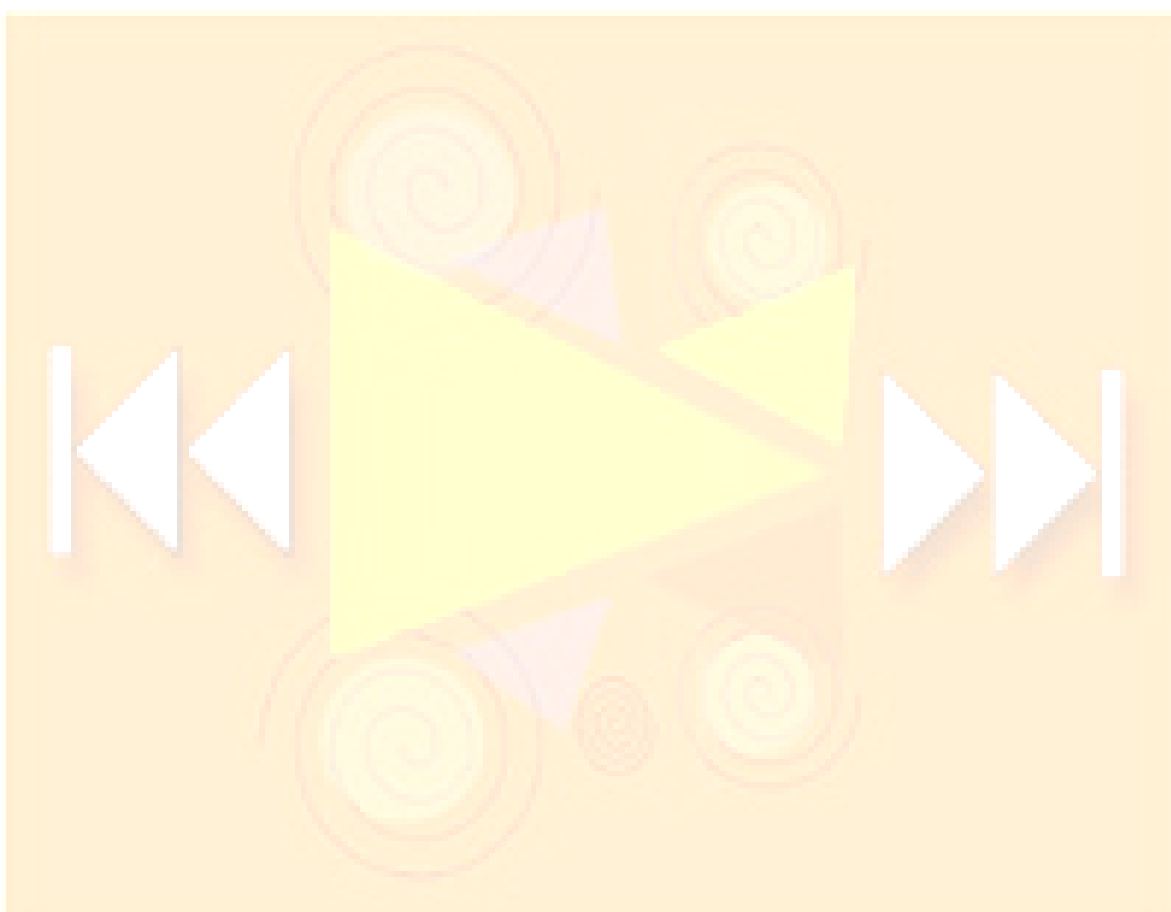
*Herminia Prado Godoy e Colaboradores*

**Comunicados**

XI Congresso Nacional de Educação- Educere 2013..... 145

**Dados biográficos do editor, comitê e conselho editorial..... 146**

*Interdisciplinaridade, São Paulo, v.1, n. 2, out. 2012.*



## EDITORIAL

A REVISTA INTERDISCIPLINARIDADE no. 2 vislumbra mostrar ao leitor a repercussão, reverberação e disseminação da pesquisa construída em 2012.

Em todo o conteúdo dessa publicação, a atitude interdisciplinar permeia cada linha produzida; isto nos mostra o árduo trabalho de cada pesquisador nela envolvida, na busca incessante de um olhar abrangente, multidirecionado, capaz de penetrar diversos campos de conhecimento dispares, porém intervenientes a fim de religar importantes e valorados aspectos educacionais que aparentemente estariam completamente desligados, caso o olhar fosse direcionado somente ao campo de atuação de cada pesquisador: um olhar míope, incapaz de ver além do seu território de ação.

Assim sendo, os dois “Artigos Originais”, o primeiro focalizando a necessidade um curso de Educação Continuada por parte do MEC e o segundo, nos mostrando as manifestações culturais interdisciplinares da Arte na formação do repertório cultural dos indivíduos, já nos remetem a necessidade de educar nosso pensamento interdisciplinarmente.

Os dois “Artigos Revistados”, o primeiro tratando mais especificamente da complexidade dos conceitos de Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade e suas inserções e uso dentro da Didática e das Práticas de Ensino e o segundo, lidando com o resgate da Espiritualidade na Educação nos mostram mais uma vez, a possível e necessária religação de conceitos que ao serem reconceitualizados, nos viabilizam o reconhecimento de o ser humano como corporal, mental, psíquico e espiritual.

As “Pesquisas em Andamento” também estão contempladas neste número. As *Práticas e Pesquisas interdisciplinares* concentrou-se na organização de uma reflexão escrita primorosa baseada na leitura de textos, livros e resenhas usadas no GEPI em 2011.

A segunda, *Práticas Interdisciplinares com a Agricultura Natural e seus Desarolos Sin-cerus por Jovens Reclusos em Instituição de Re- Socialização* é parte de uma pesquisa em andamento e nos mostra atividades visando a *biofilia* para sensibilizar os jovens sobre as práticas no meio ambiente, aproximando-os de conceitos como a paciência, o respeito e o olhar vigiado.

O script *Emília e as Estripulias com a tal da interdisciplinaridade* nos evidencia a possibilidade de fazer com que a audiência sinta, por intermédio de uma peça teatral, a atuação do ‘como’ interdisciplinar, haja vista a Interdisciplinaridade ser uma



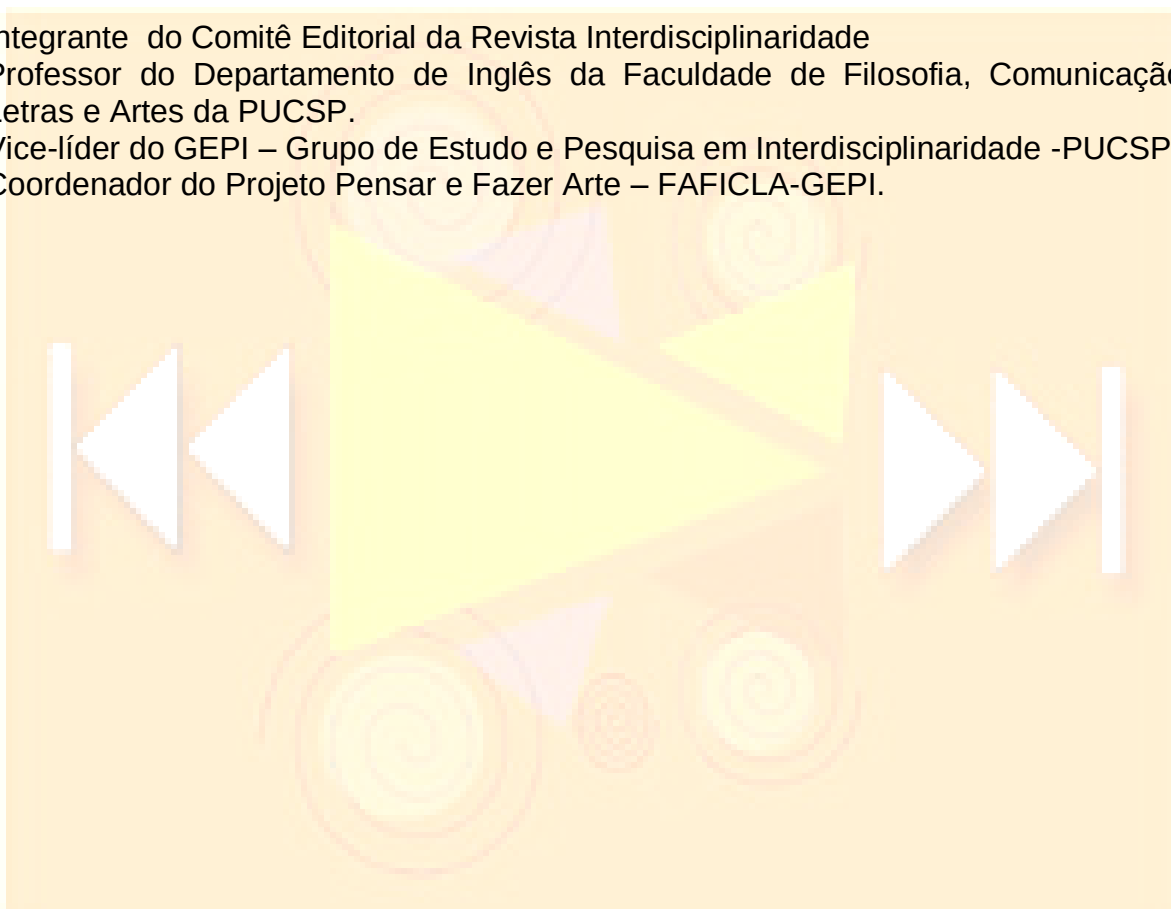
categoria de ação exercida na prática pedagógica, inter-relacionada com o saber epistemológico e ontológico.

Finalmente, no “Espaço Aberto” temos um texto contundente que nos remete à discussão da resistência social e científica de pontos que se referem à Interdisciplinaridade e ao Auto Conhecimento.

Espero que o prazer que esta leitura me proporcionou atinja o leitor de forma a fazê-lo pensar na possibilidade de pensar diferente, pois quando todos pensam da mesma maneira, é porque nenhum pensa grande coisa.

**Prof. Dr. Claudio Picollo**

Integrante do Comitê Editorial da Revista Interdisciplinaridade  
Professor do Departamento de Inglês da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUCSP.  
Vice-líder do GEPI – Grupo de Estudo e Pesquisa em Interdisciplinaridade -PUCSP  
Coordenador do Projeto Pensar e Fazer Arte – FAFICLA-GEPI.



## INTERDISCIPLINARIDADE (PARA IVANI)

*Não há definição  
Não há palavra  
Não há conceito...*

*Há percepção  
Intuição  
Sabedoria nascente...*

*Mergulhar fundo na realidade  
Além dos conceitos  
Das palavras  
Da estrita racionalidade...*

*Perceber a Unidade do Saber  
O sentido do movimento  
A perenidade das transformações  
E o despertar da consciência no instante presente...*

*Tentar definir tal instante  
Situa-lo no papel  
Escrevendo-o  
É fazer poesia...*

*É soltar-se no espaço infinito  
Na dança cósmica  
Na relatividade do tempo e do espaço  
No querer a unidade...*

*Então nasce a interdisciplinaridade...  
Na profunda busca de si mesmo  
No situar, amorosamente, a energia única do Saber.  
Para aqueles que buscam...*

*Ruy*

# ***INTERDISCIPLINARIDADE***



## Reflexões sobre a institucionalização de um curso de Educação Continuada para Professores da Rede Oficial de Ensino: uma possibilidade dentro das impossibilidades

Cláudio Picollo<sup>1</sup>

*Dedico este artigo à Marina Feldmann<sup>2</sup>.*

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo vislumbrar a efetivação de um curso de Educação Continuada permanente por parte do Ministério da Educação como uma possibilidade de Reforma Educacional que contemple o contexto, a situação e conhecimento do aluno. Assim sendo, o **Conhecimento Local** poderá servir de base para o real comprometimento governamental com assuntos referentes à Educação.

A leitura de *Por um Currículo Nacional, Sem Meias palavras* escrito por Fernanda Salla, na seção *NOVA ESCOLA DISCUTE* provocou em mim o desejo de escrever este artigo que tem como principal objetivo fazer com que o MEC repense sua ação no que concerne a formação de professores da Rede Oficial de Ensino sob a ótica de um curso de Educação Continuada ininterrupto.

Publicado na edição número 254 em agosto de 2012, o texto citado acima apresenta um subtítulo significativo: *Precisamos de um documento claro e detalhado, com os direitos e os objetivos de aprendizagem para toda a Educação Básica.*

Penso que todos os documentos mais recentes até hoje elaborados: as Diretrizes Curriculares Nacionais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as Propostas da Secretaria da Educação nunca se privaram de dar aos professores diretrizes **para** como atuar na sua ação pedagógica.

---

<sup>1</sup> Prof. Dr. Cláudio Picollo: Possui graduação em Letras Germânicas - Bacharelado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1971), graduação em Letras: Português Inglês e Latim - Licenciatura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1971), mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981) e doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005) e pós doutor em Interdisciplinaridade. É vice-líder do GEPI Grupo de Estudo e pesquisa em Interdisciplinaridade liderado pela Profa. Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda e coordena o Projeto institucional /interinstitucional Pensar e Fazer Arte junto ao GEPI. Atualmente é professor assistente-doutor do Departamento de Inglês da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, Educação: Currículo - linha Interdisciplinaridade, formação do professor, currículo e Projeto de Pesquisa. CONTATO: e-mail: spreadingshit@uol.com.br

<sup>2</sup> A Profa. Dra. Marina Feldmann é Vice Reitora Acadêmica da PUCSP, grande amiga e educadora com a qual, em parceria, cultivamos o sonho de uma Educação digna e justa.

Escrever e atuar de cima para baixo, ação típica do MEC e Secretarias, **não** apresentou até hoje, um relevante e real compromisso para tudo o que se refere à Educação.

Embora esses documentos sejam bem escritos e bem fundamentados teoricamente não alcançam os professores da Rede Pública haja vista a má formação adquirida ou a falta de subsídios teórico/ práticos para que os professores os entendam.

Esta má formação se deve ao descompromisso educacional que o Governo insiste em perpetuar, permitindo a existência de inúmeros cursos em muitas faculdades que não possuem a mínima condição de formar professores. Há ainda uma grande ignorância a este respeito. A primeira está ligada à permissividade governamental em deixar esses estabelecimentos continuarem a ganhar dinheiro ao invés de fechá-los e a segunda a uma das principais deficiências das autoridades: de não dar voz aos professores e, estes, por sua vez, de não ter a oportunidade de dialogar entre si a fim de se desenvolver mais na arte do ensino em cursos de educação continuada que obrigatoriamente, deveriam ser promovidos pelo Governo, com ações que pudessem causar impacto junto ao MEC, às instituições de ensino, aos professores e ao alunado.

Sem a promoção desta relação dialógica, o Governo impede o desenvolvimento do saber e faz com que o professor permaneça nos seus atos de rotina que, segundo Dewey, citado em Zeichner (1993, p.18):

são guiados pelo impulso, tradição e autoridade. Nas escolas existem uma ou mais definições da **realidade**, de acordo com as quais se definem os problemas, as metas e os objetivos. Enquanto as coisas prosseguem sem grande ruptura, esta realidade é percebida como não apresentando qualquer problema. O modo como cada professor vê a realidade serve como barreira, impedindo-o de reconhecer e experimentar pontos de vista alternativos.

Salla (2012, p.34) nos diz que: "No entanto, muitos deles (documentos) não atendem a uma necessidade do cenário atual: deixar claro **para**<sup>3</sup> os professores não só o que precisa ser ensinado, mas também **como**<sup>4</sup> fazê-lo. Ou seja, não cumprem a função de um currículo nacional." Pensamos que é dever do Estado (e somente dele) não só deixar claro ao professor o 'para' e o 'como', até agora sempre muito bem feito a distancia, como também o esperado trabalho árduo **com** o professor o qual é sempre negligenciado pelo Governo que parece se eximir da responsabilidade verdadeiramente trabalhosa. Ele precisa sair dos gabinetes e procurar atuar juntamente com equipes de profissionais com grande experiência e sapiência teórico pratica por ele recrutados a principio em cada capital.

Quando se negligencia trabalhar **com** o professor, podemos ter milhares de reformas e documentos promissores, como foram os Parâmetros Curriculares, mas

<sup>3</sup> Grifo meu

<sup>4</sup> Grifo meu

*Interdisciplinaridade, São Paulo, v.1, n. 2, out. 2012.*

que não surtiram nenhum efeito haja vista o professor da Rede Pública não possuir ainda um curso de formação continuada que o fizesse compreender a parafernália teórica subjacente ao que era proposto. A grande maioria foi incapaz de entender **o que e para que** foram escritos por falta da parte principal: o trabalho **com** o professor<sup>5</sup>.

Schon (1992, p.79) nos diz com muita clareza que: “culpamos professores e escolas pelas inadequações da educação na América. Isto equivale a culpar as vítimas”. No mesmo artigo (SCHON, 1992, p.79), o autor observa:

por um lado temos a legislação a ditar regras e as instituições periféricas a torner regulamentos e arranjar os relatórios de modo a sintonizá-los com a política central. O resultado disto é uma espécie de jogo paralelo entre as escolas de periferia que procuram fazer **as mesmas atividades** e as autoridades centrais que tentam **controlar os comportamentos da escola** onde o conhecimento emanado do centro é imposto na periferia não se admitindo sua reelaboração.

No caso do ensino fundamental e médio, temos a nítida impressão de que o controle é frágil e a reelaboração impossível de ser tentada haja vista o seu estado caótico de funcionamento. Os documentos acima citados são o meio pelo qual a o Governo procura atuar paliativamente junto à formação do professor. Eles visam a mudanças e mudanças também requerem tempo. O discurso transcrito acima nos dá a impressão de que os detentores do poder institucional não parecem ter consciência de tal fato. Reconhecer que documentos, como tentativas de reformas, não devam ser gerados de cima para baixo é um dos fatores mais importantes para o estabelecimento de qualquer tentativa de mudança. A atitude tomada habitualmente pelo MEC tende a acelerar ainda mais a desestruturação escolar. É necessário pensar numa outra espécie de organização, na qual o professor exerce sua capacidade de promover mais conhecimento mediante a curiosidade de buscar incessantemente o saber em estreita **parceira entre o Governo, escola, alunos e sociedade**. A defesa de seus interesses e de seus direitos estará garantida pela conquista desse instrumento.

O discurso das autoridades produtoras desses documentos implicitamente leva o professor a crer que o objetivo de uma determinada Proposta, Parâmetros, Diretrizes é o de oferecer uma **possibilidade** de formar mentes críticas, audazes e criadoras. Como podemos ter tal expectativa, se o que há realmente é uma grande contradição na má formação do professor,

no comportamento apassivado da professora, escrava do pacote, domesticada por seus guias, limitada na aventura de criar, contida na sua autonomia e na autonomia de sua escola e o que se espera da prática dos pacotes: crianças livres, críticas, criadoras (FREIRE, 1995: 16).

E ainda, Freire (1995, p.16):

<sup>5</sup> Ver: <http://www.youtube.com/watch?v=fEmyMUu1-wg&feature=relmfu>  
*Interdisciplinaridade, São Paulo, v.1, n. 2, out. 2012.*

Entre eles, por exemplo, o de recusar o papel de puras seguidoras dóceis dos pacotes que sabichões e sabichonas produzem em seus gabinetes numa demonstração inequívoca, primeiro de seu autoritarismo; segundo, como alongamento do autoritarismo, de sua absoluta descrença na possibilidade que têm as professoras de saber e de criar.

Perrenoud (1993, p.21) considera:

ao não encararem a acção pedagógica como sendo, em parte, uma acção espontânea improvisada, ou pelo contrário, uma acção baseada em rotinas não pensadas a força de serem interiorizadas, os formadores correm um sério risco: não terem **nenhuma compreensão real**<sup>6</sup> sobre o que determina uma boa parte dos atos profissionais.

Tais documentos nem sempre são do conhecimento de todos os professores e, quando são, oferecem dificuldade de entendimento promovido pela má formação que receberam/recebem.

Assim sendo, além de não provocarem mudanças substanciais, aumentam a distância entre o professor e o poder institucional. O professor raramente recebe reciclagem, mas sim documentos que incluem unicamente sugestões porque se supõe erroneamente que o professor possua o saber epistemológico, praxiológico e ontológico e tempo para a preparação de suas aulas. Tão pouco consideram as autoridades que os professores leem com pouca velocidade e baixa compreensão. Essa opinião acima é também dividida com Schiefelbein (1994, p.6) quando diz que “(...) o professor teria que dedicar demasiado tempo para preparar e digerir o que é apontado dentro de cada proposta sugerida [...] mas o sistema não aprova isto. Aliás, nada que é bom é aprovado pelo sistema”.

Tudo isto acima exposto não se caracteriza como formação continuada. Essa pressupõe um trabalho árduo, eminentemente interdisciplinar, **com** os professores. Há muita coisa a ser feita pelo Governo em curto, médio e longo prazo no que se refere às Práticas de Ensino na Academia e principalmente aos professores em exercício no que diz respeito à relação ensino aprendizagem interdisciplinar, mas até agora não houve uma firme determinação governamental para a instauração de cursos de formação continuada<sup>7</sup>, um trabalho em **parceria** com Universidades de renome em cada capital, o que infelizmente torna sua ação tacanha, truncada, inadequada e recheada de incompletudes, haja vista a repetição enfadonha e triste da mesma ação a cada novo documento.

<sup>6</sup> Grifo meu.

<sup>7</sup> Uma citação de Adolfo Lima (1915 – pp. 360-361) *apud* Novoa, 1992 (: 17) vem realmente colocar o poder político no seu devido lugar. Para ele, “o poder político é, por definição, incompetente para exercer a função educadora e tratar de assuntos doutra técnica que não seja a da política. Um recrutamento de professores só pode ser feito por quem conheça perfeitamente as necessidades do ensino. O recrutamento de técnicos só pode ser consciente feito pelos seus iguais”.



O novo Plano Nacional de Educação (PNE) corre o sério risco segundo Salla (2012, p. 34) de “surgir uma papelada generalista, que o educador não consegue usar em sala, ficando à deriva”.

Embora no referido artigo a autora (SALLA, p.34) nos diz que:

se bem elaborado, esse documento fará as vezes de um currículo nacional: esclarece quais são as capacidades e os conteúdos mínimos que as crianças e os jovens precisam, aprender como ensiná-los, as condições necessárias para isso e como avaliar a aprendizagem.

Ainda assim tornam-se timoratos todos esses objetivos que embora vislumbrem uma equidade de educação nacional, sonho completamente sem nexo e desprovido de qualquer conhecimento mais aprofundado de currículo, mais uma vez, a ação perante o documento tenderá a não produzirá efeito, haja vista as dimensões territoriais brasileiras, seus diferentes contexto, situações e culturas.

Penso ao me referir a currículo que a experiência do professor é que faz toda a diferença e que o **conhecimento local** somado a outros conhecimentos locais podem nos levar a uma troca valorada de conhecimento, a qual expande a prática significativa e a cada expansão, um novo repensar de currículo.

Esse repensar curricular estimulante é brilhantemente abordado por Feldmann (2004), quando nos diz que “a prática pedagógica libertadora enunciada por Paulo Freire é baseada numa racionalidade comunicativa dialógica, que pressupõe a pedagogia da autonomia da escola, do professor e de todos **os autores e atores** sociais que convivem em determinadas situações educativas. A pedagogia freiriana pressupõe uma prática transformadora construída pelo homem que dialoga, indaga, refaz e recria sua própria teoria. Nessa perspectiva, o ato de educar é sempre um ato de criação. Dentro dessas referências, a formação de professores é também uma autoformação, uma vez que os professores reelaboram os seus saberes em experiências cotidianamente vivenciadas em situações contextualizadas”.

Não há dúvida que a ideia de um currículo único com diretrizes claras, mostrando aos professores o que deve ser ensinado, as praticas usadas e a maneira de avaliar sejam necessárias porque há sempre que se medir a aprendizagem a fim de se evitar que os alunos sejam aprovados sem ter adquirido as competências e habilidades em cada série e que ele seja “empurrado com a barriga”, ação esta já muito praticada, desprovida de mérito e seriedade por parte do governo.

Essa ação já produziu milhares de analfabetos funcionais, que chegam a Academia com um Repertório muito aquém das expectativas.

Mas, a grande questão ainda não resolvida pelo Governo é como promover cursos de educação continuada **para e com** professores ininterruptamente a fim de que a cada novo documento, o **diálogo, a parceria, a coordenação de conhecimento, articulação de ação, procura de soluções, superação de contradições, Interdisciplinaridade**, São Paulo, v.1, n. 2, out. 2012.



**questionamento de certezas, explicitação do implícito, preenchimento de lacunas informacionais, expansão do conhecimento e tomadas de decisões** decorrentes deles sejam a mola propulsora para uma profícua ação pedagógica estritamente interdisciplinar.

Sem estes importantes elementos, parte inerente do processo de Educação Continuada, certamente de execução muito onerosa e de difícil implementação para quem sempre esteve longe dos problemas reais da educação no que concerne verba e cuidado acadêmico, cumpre-nos dizer que nada funcionará enquanto as autoridades não investirem em Educação, na educação de professores e nas diferentes metodologias que só um trabalho direto **com** o professor pode nos revelar a sua dimensão, o que acontece na sala de aula e fora dela, a abrangência, a utilidade, a inutilidade, a aceitação ou até a recusa de cada novo documento.

Como também nos diz Perrenoud (1993, p. 51) há estratégias para favorecer os efeitos indiretos da investigação em educação; a mais importante é “investir no enriquecimento do conjunto dos materiais a partir dos quais o professor fabrica, tal como um *bricoleur*, as atividades propostas na aula.” Devemos também notar que a ausência de referencial ritual à formação de base não deve ser esquecida: sem negar sua importância, o mesmo autor (PERRENOUD, 1993, p. 51) nos diz que se “acredita demasiado nas reformas da formação, justamente porque nos fechamos numa imagem de prática como concretização de métodos aprendidos”. Tanto as teorias como os métodos e as abordagens são efêmeras.

É necessário, portanto que o Governo obtenha conhecimento sobre os professores como indivíduos e como membros integrantes de uma escola. Isto é fundamental para o trabalho de formação do professor interdisciplinar. Atenção não deve ser dada apenas ao que o coordenador e/ou diretor pensam sobre o que os professores precisam saber ou são capazes de fazer; atenção ao professor como indivíduo (ser humano) e à relação deste ser humano com o coletivo é também importante, a fim de que um programa de formação de professores seja um profícuo gerador de mudanças para ele próprio e para os alunos porque se sabe que:

bem sucedidos programas de formação de professores são contínuos, possuindo uma linha de continuidade, não sendo caracterizados como eventos únicos (...) se movem através do tempo (...) caminham para frente de uma maneira coordenada, com atividades que se relacionam *entre si* e que estão ligadas a intenções de construção e acumulação de conhecimento (GRIFFIN, 1987, p. 35).

No que se refere à segunda parte da publicação “material para nortear a prática e proporcionar a equidade”, a autora (GRIFFIN, 1987) também reconhece que a Secretarias de Educação não têm nenhuma condição de desenvolver um documento de qualidade, pois não possuem pessoal suficientemente gabaritado para realizar o trabalho.

Ora, isso nos leva a crer o total descaso de o Governo para a formação de uma ponte lógica entre MEC, Secretarias e Escolas. As três instâncias não **dialogam**

como deveriam. Essa ponte já deveria ter sido formada há muitos anos o que levaria o Governo a trabalhar não com a aparência de mudança, trabalho esse que já demonstrou sua total ineficiência, mas com uma incipiente e promissora tentativa de instauração de um curso Educação Continuada ininterrupto em cada capital e que progressiva e paulatinamente se estendesse para outras cidades de cada estado.

Destarte, penso que assim agindo, o MEC estaria a principio formando uma pequena e singela célula, (curso de Educação Continuada) numa escola de uma das zonas da capital paulista, por exemplo, pois creio que o que repercute, reverbera e o que reverbera, dissemina.

Obviamente, deveríamos obrigatoriamente de pensar em outras ações dentro da escola escolhida como, por exemplo, um quadro de professores em período integral, onde além das aulas a serem ministradas recebessem apoio **contínuo** do curso tanto no que diz respeito ao saber epistemológico, praxiológico e ontológico em cada disciplina como no cultivo de uma atitude interdisciplinar que reúne o diálogo, a parceria, o desapego, a humildade, coerência e respeito, categorias da Interdisciplinaridade brasileira, sem o qual o exercício da profissão docente se manterá, infelizmente, na inteligibilidade óbvia, desprovido de significado.

Daí, após termos plantado a semente, incluiríamos paulatinamente outras escolas da mesma zona, incluindo os próprios professores da Rede Oficial que se destacaram nas atividades e tarefas do curso, juntamente com o grupo selecionado pelo MEC. Eles poderiam atuar como futuros multiplicadores, formando novos grupos de formação continuada, em outras zonas até que em médio e longo prazo todos os professores da cidade de São Paulo fossem assistidos pelo curso *continuamente*.

Gostaria de terminar *parcialmente* este artigo com uma citação de Marías (1985, p. 117-123):

O *que fazer* ou tarefa que nos 'ilusiona' nos remete ao que não está dado. A viagem pela qual sentimos ilusão é um projeto, e esse caráter se conserva enquanto se está realizando.

O investigador, o artista, o escritor têm ilusão por seus projetos, ainda que sejam distantes, ainda que duvidem de se chegarão a realizá-los. Esta ilusão é o motor que impulsiona, às vezes durante muitos anos, até certos descobrimentos, quadros, edifícios, músicas, teorias.

E com outra de Machado (1995, p. 72): "Ter ilusão é estar no jogo, estar desiludido é não ter mais vontade de jogar."

## REFERÊNCIAS

FELDMANN, Marina Graziela. Formação de Professores e Ensino de Arte na Escola Brasileira. **PUC Viva**, v. 6, n. 22, out.-dez. 2004.

*Interdisciplinaridade, São Paulo, v.1, n. 2, out. 2012.*

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

GRIFFIN, Gary A. The school in society and the organization of the school: implications for staff development. In: WIDEEN, Marvin; ANDREW, Ian (Eds.). **Staff development for school improvement**: a focus on the teacher. New York: Falmer Press, 1987.

MACHADO, Nilson José. **Epistemologia e didática**: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. São Paulo: Cortez, 1995.

MARÍAS, Julián. **Breve tratado de la ilusion**. Madrid: Alianza, 1985.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas e profissão docente e formação**: perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

SCHIEFELBEIN, Ernesto. Estratégias para elevar la calidad de la educación, **La Educacion: Revista Interamericana de Desarrollo Educativo**, v. 38, n. 117, p. 1-18,. 1994.

SALLA, Fernanda. **Por um currículo nacional, sem meias-palavras**. Nova Escola, São Paulo, v. 27, n. 254, 2012.

SCHON A. Donald. **Formar professores como profissionais reflexivos**. Lisboa: Publicações Don Quixote – Instituto de Inovação Educacional, 1992.

ZEICHNER, Ken. **Novos Caminhos Para o *Practicum***: uma perspectiva para os anos 90. Lisboa: Publicações Don Quixote – Instituto de Inovação Educacional, 1992.

## Manifestações interdisciplinares do teatro na formação cultural

Ana Lúcia Gomes da Silva<sup>1</sup>

Denise Abrão Nachif<sup>2</sup>

### RESUMO

Nesse estudo, a cultura contemporânea é compreendida como produção da imaginação e expressão do homem no momento da criação intelectual e artística, estendendo-se a todos os aspectos da vida humana, especialmente quando tratamos sob um enfoque interdisciplinar. O objetivo do nosso trabalho é contribuir com estudos e discussões, sob um olhar interdisciplinar de duas professoras de arte, sobre o teatro na formação cultural de uma sociedade em pleno processo de mudanças. Buscamos entre os autores Ivani Fazenda, pelo seu comprometimento com os diferentes valores culturais e pela sua dinâmica sensível em realinhar ideias sobre interdisciplinaridade como um eixo integrador. A condução das nossas discussões contempla a manifestação do teatro enquanto formador da cultura contemporânea, e, a revisão bibliográfica pertinente aos assuntos teatro e cultura se faz numa roda de conversa entre os autores que compartilham desta energia.

<sup>1</sup> Profa. Ana Lúcia Gomes da Silva: Formada em Artes Plásticas, Mestrado em Educação/Formação de Professores pela Universidade Católica Dom Bosco-MS e Doutoranda na linha de pesquisa: Interdisciplinaridade coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ivani Catarina Fazenda no Programa de Educação: Currículo, pela PUC de São Paulo, como bolsista do CNPq. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Aquidauana. Desenvolve estudos como pesquisadora no grupo: Interdisciplinaridade da PUC de São Paulo e História, Ensino, Cultura e Constituição de Identidades na Região de Aquidauana da UFMS/Campus de Aquidauana. Atua principalmente nos seguintes temas: Educação Escolar Indígena/Currículo/Interdisciplinaridade/Arte-Educação (Leitura de Imagens)/Inclusão/Linguagens/Cultura e Ludicidade. CONTATO: e-mail: [analucia.sc1@hotmail.com](mailto:analucia.sc1@hotmail.com)

<sup>2</sup> Profa. Denise Abrão Nachif: Graduada em Educação Artística: habilitação em Artes Plásticas pela Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Presbiteriana Mackenzie (1981, SP). Mestrado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (2004, CG/MS). Experiência docente atual em arte educação, especialmente nos fundamentos da arte e diversidade cultural, metodologia do ensino da arte, práticas do ensino da arte, história da arte, estética, fundamentos da linguagem visual e tridimensional e oficinas de técnicas artísticas. Nesse momento exerce a docência na Universidade Estadual do MS e na Universidade Católica Dom Bosco/MS. Com ênfase interdisciplinar, atua como coordenadora do laboratório pedagógico das licenciaturas, LABINTER/UCDB, com a proposta do desenvolvimento das práticas educativas das áreas do conhecimento de biologia, pedagogia, filosofia, letras, geografia e história, ressaltando as atividades de pesquisa, ensino e extensão, como eixos articuladores do processo de produção do conhecimento para a formação docente. Ainda, a coordenação é também desdobrada para um grupo de estudos sobre estética com acadêmicos do curso filosofia/OCDE, com o objetivo de fomentar a extensão em comunidades educacionais e seu entorno. CONTATO: e-mail: [rf6186@ucdb.br](mailto:rf6186@ucdb.br)

## INTRODUÇÃO

Para situar o indivíduo no meio em que vive, emerge a necessidade de reflexões interdisciplinares sobre a globalização permeando todos os níveis da atividade humana, inclusive do imaginário, onde os espaços de cultura apontam claramente a diversidade de princípios estéticos típicos da cultura contemporânea.

Essa perspectiva valoriza o exercício do teatro na percepção sobre o fenômeno da globalização. Indica uma atitude de intervenção nas práticas da educação, da ética, da política, da pluralidade e da diversidade, podemos dizer que nesse panorama da cultura teatral, encontramos elementos que representam certa identidade coletiva na consciência do eu, do outro e do seu meio. Para esta atuação coletiva é atribuído ao teatro a necessária interdisciplinaridade e integração social, no embate das diferenças individuais.

## MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS INTERDISCIPLINARES TEATRAIS COMO FOMENTO DA CULTURA

Ninguém tem a menor dúvida de que a cultura é o bem mais precioso de um povo e que através da arte e de tantas outras manifestações culturais, expressamos pensamentos e construímos diversas formas de conhecimento.

Das linguagens da arte - música, artes visuais, dança e teatro - como elementos artísticos representativo do sistema cultural no Brasil, a linguagem do teatro é representada na cultura no momento em que, segundo Cristina Mato Grosso:

o homem se utiliza da representação para projetar seu universo em construção, tornando-se capaz de estabelecer uma relação do seu domínio consciente sobre o mundo sensível com a matéria que emana do seu inconsciente, certamente, ele está pondo em exercício o que vem chamado de Arte (OLIVEIRA, 2007 p.48).

Uma vez que o significado da palavra teatro, originária do grego, é o “lugar de onde se vê”, pode-se inferir da reflexão da autora que, no processo de fruição teatral aquelas pessoas que observam, apreciam e analisam as mais variadas concepções estéticas, criam um acervo íntimo e pessoal para a compreensão dos significados ali expostos. Trabalhar o teatro com esta abordagem interdisciplinar é trabalhar a sensibilidade responsável por grandes mudanças sociais. Ivani Fazenda corrobora



quando trata sobre o cenário do século XXI num contexto de internacionalização caracterizada por uma imensa troca entre os homens; aí a interdisciplinaridade torna-se uma grande protagonista. Além do desenvolvimento de novos saberes, a interdisciplinaridade possibilita outras “formas de aproximação da realidade social e novas leituras das dimensões socioculturais das comunidades humanas” (FAZENDA, 2002, p. 14).

À esse respeito, no olhar dos idealizadores dos Parâmetros Curriculares Arte, a Educação em Arte é mencionada como uma Educação Estética que ensina o observador a apreender realidades sensíveis por meio da apreciação do objeto estético. Segundo os PCNs (2001) no volume Arte, esse observador da cena deve ser educado para reconhecer e compreender as propriedades comunicativas e expressivas das diferentes formas dramatizadas, como o teatro em palco e em outros espaços como circo, teatro de bonecos, manifestações populares dramatizadas. E, ainda, esse “lugar de onde se vê” oferece ao indivíduo maior consciência da cultura em que se insere, localiza-o historicamente diante das demandas sociais vigentes.

Laraia (2004), numa das abordagens sobre a demonstração da cultura, a considera como um sistema simbólico, não como um complexo de comportamentos concretos, mas sim um conjunto de símbolos e significados que são compartilhados pelos membros do sistema cultural. Desse sistema simbólico, manifesta-se a criação acumulativa de um povo. A arte, por exemplo, é uma dessas acumulações representativas.

Discutir arte e cultura como manifestação do humano, é discutir algo em ebulição, termo usado pela autora Adriana Rocha (1998) que nos apresenta um mundo de grandes descobertas e de mudanças feitas num acelerado processo, reformulando modelos como ideia de vanguarda para compreender os sinais dos tempos, relacionando-as com o nosso cotidiano e com a nossa produção. Essas manifestações interdisciplinares no teatro são voltadas ao desenvolvimento da mente, abrangendo os conflitos, as fantasias e os medos capazes de serem exteriorizados pelos seres humanos de diferentes formas.

Laraia (2004) diz que os sistemas culturais estão sempre em mudança, e entender essa dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Dessa forma é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos e culturas, é necessário saber entender os meandros que ocorrem dentro de cada sistema. Segundo o autor, este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável “mundo novo”. Diante de tal desafio, a interdisciplinaridade exige reflexões e ações conjuntas, onde cada participante torna-se ao mesmo tempo, ator e autor do processo. Vale destacar, que quando há busca e diálogo numa comunicação aberta tudo muda e se tudo se transforma. Para Fazenda “Só conhecemos nosso ser em nossos atos; e esses atos traduzem-se na comunicação com o outro, nos encontros” (FAZENDA, 2003, p.32).

É dentro dessa perspectiva que o teatro tem a sua função estética, transformadora, política e social na cultura, uma obra de arte enquanto atividade artística que expressa o homem e os seus sentimentos.

Para Moraes (1998) a construção das manifestações das linguagens artísticas ou identidade artística brasileira, para fomentar a cultura, está atrelada ao fato de que um país não se constrói apenas com usinas, rodovias, ferrovias e outros grandes empreendimentos econômicos. A imagem de um país, seu caráter ou identidade, está sendo construído continuamente por artistas que sabem captar e expressar desejos profundos da Nação, seu imaginário.

Se, o homem brinca, sonha, canta, inventa pode exercitar arte cênica, uma vez que, o teatro compreende a expressão dos sentidos mais urgentes e das fantasias mais gritantes.

E, a manifestação interdisciplinar pelo teatro é justamente quando se permite desinibir, elevar, criar e consequentemente transformar algo na sociedade.

Na obra artística brasileira, fruto dos diversos espaços culturais, os artistas expressam realidades do ambiente em que vivem e do qual se mantêm. Nardin e Ferraro (apud FERREIRA, 2001) comentam sobre a importância de observarmos a arte voltada para o cotidiano, para as manifestações de rua e dos grupos minoritários, teatros, filmes, propagandas, TV, revistas, CDs, enfim, para a sensibilidade da nossa época. A partir desse comentário, é possível entender as relações das produções dos artistas com a história da arte, com a cultura de massa, com o mercado, com a política e com as revoluções tecnológicas. As autoras afirmam que a arte expressa dessa forma, cria algo novo e não reproduz, representando assim ideias com significados.

Esta forma tão diversa e abrangente de pensar a Cultura nos faz revisitar as ideias de Ivani Fazenda pela força da interdisciplinaridade, numa sociedade que chama pela união junto ao sentido da integração e a fragmentação na relação dos homens entre si e no espaço social. Esta malha social aponta para as instituições do teatro, com rede de significados, como conjunto de valores mutuamente reforçados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No palco onde os autores mencionados conversaram e abriram espaço para refletirmos sobre nossa trajetória, encontramos subsídios que contribuíram para expandirmos nosso cenário cultural e interdisciplinar. Identificamos a complexidade nas transformações sociais, como num espetáculo do mundo, que por vezes nos desconcerta e por vezes nos faz sentir fortes no teatro da vida. Buscamos na nossa formação em arte as experiências mais significativas com o teatro, como o uso de metáforas e com a interpretação simbólica do mundo.

Sabemos que não é tarefa fácil, pois estamos, neste exato momento, vivenciando a produção cultural e artística da atualidade, onde ainda se ouvem os velhos e conhecidos jargões “O povo não tem cultura”, “O povo não vai ao teatro”, “O povo não tem educação”. Promover mudanças diante da situação presente representa um desafio. Mas, acreditamos que trabalhando com representações, recriando-as segundo suas necessidades específicas, os artistas criam uma espécie de arquivo

*Interdisciplinaridade, São Paulo, v.1, n. 2, out. 2012.*

multifacetado do Brasil, arquivo a ser consultado por qualquer um que queira conhecer melhor a identidade do país em que vive, seja ele crítico de arte, antropólogo, educador, psicanalista, sociólogo, político ou mero cidadão do mundo (MORAIS, 1998). Daí sim a importância da promoção das produções artísticas enquanto agentes da identidade nacional.

A realização destas produções, que se manifestam por meio de exposições de arte em museus, manifestações de ruas, teatros, centros culturais, fundações estatais, instituições particulares e outros, têm estimulado as pessoas a refletirem sobre a sua condição contemporânea, sua cultura, parecendo indicar a necessidade de criar um mundo novo.

Da produção artística do teatro enquanto agente cultural que modifica Oliveira (2007) considera a produção artística teatral como instrumento de transformação social, uma causa imediata movida por interesses específicos, e ainda, por seu caráter emergencial, como palco de ideias que justificam e apontam os estados sociais.

Sobre as reflexões feitas, pode-se salientar o pensamento de Konrad Fiedler (apud MORAES, 1998), que considera a cultura artística como capaz de desenvolver o impulso obscuro e confuso de nossa própria natureza e do meio em que estamos inseridos, até uma clara contemplação, até transformar em vivência a peculiar consciência do mundo que nasce das manifestações do artista.

Assim, tendo em vista o pensamento de Fieldler, e ponderando toda a discussão interdisciplinar, a expressão artística teatral de hoje torna visível a reflexão e a investigação do artista, expõe sua poética e educa a sociedade para que possa conviver estética e politicamente com o seu tempo numa constante e acelerada mudança social e cultural por um “admirável mundo novo” .

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte** (volume 6). Brasília, 2001.

CANCLINI, Nestor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DOMINGUES, Diana (Org.). **A arte no século XXI**. São Paulo: Unesp/Fundação Editora da UNESP, 1997. (Primas)

FAZENDA, Ivani C. Arantes (Orgs.), SEVERINO, Antônio Joaquim. **Formação docente: rupturas e possibilidades**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.



LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

MELLO, Mário Vieira de. **O conceito de uma educação da cultura com referência ao estetismo e à criação de um espírito ético no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Educação e comunicação, v. 17).

MORAIS, Frederico. **Arte é o que eu e você chamamos arte**: 801 definições sobre arte e o sistema da arte. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MOREIRA, M. A. **Pesquisa em ensino**: aspectos metodológicos e referenciais teóricos à luz do vê epistemológico. São Paulo: EPU, 1999.

NARDIN, Heliana Ometto; FERRARO, Mara Rosângela. Artes visuais na contemporaneidade marcando presença na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes**: construindo caminhos. Campinas, SP: Papirus, 2001. (Coleção Ágere). p. 181-222

OLIVEIRA, Maria Cristina Moreira de. **Teatro popular, estética e política**. Campo Grande, MS: Alvorada, 2007.

ROCHA, Adriana Magalhães. **Pós-modernidade**: ruptura ou revisão? São Paulo: Cidade Nova, 1998. (Pensar Mundo Unido)

## Conceito: qual a ética e a estética de sua composição para a teoria da interdisciplinaridade?

Diva Spezia Ranghetti<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a relevância do sentido e do significado do conceito e os significados de seus desdobramentos, ao longo da história, nos diferentes campos do saber, necessários para a (re)construção do conhecimento que tem como pressuposto a interdisciplinaridade. Detalha o caminho utilizado para a elaboração do conceito próprio, necessário para a reconstrução do conhecimento, uma vez que esse diz do sujeito e é construído a partir dos referenciais de cada um. Também intenciona refletir sobre a relevância da (re) construção do conceito, sua (re) significação é condição essencial para nos tornarmos parte ativa na construção da história da humanidade, como atores e autores presentes, vivos e conscientes de nossas ações.

**Palavras chaves: conceito, interdisciplinaridade, conhecimento**

*Os conceitos são as senhas com que se de-senha a realidade*

(Eduardo Nicol)

Conceito, termo de origem latina *conceptum* que designa “[...] ação de conter, ato de receber, germinação, fruto, feto, pensamento [...]”. Em sua raiz, está o verbo *conceber* que significa gerar, compreender. Por isso, ao definir conceito (HOUAISS, 2001) apresenta-o como um “[...] produto da compreensão que alguém tem de uma palavra; noção, concepção, ideia”. Para a concepção filosófica o conceito é uma “[...] representação mental de um objeto abstrato ou concreto, que se mostra como um instrumento fundamental do pensamento em sua tarefa de identificar, descrever e classificar os diferentes elementos e aspectos da realidade.” Contudo, a tradição racionalista da filosofia ocidental, de Platão (427-348 a.C.) a Hegel (1770-1831), traz como significação a manifestação da essência ou substância do mundo real. Já na “[...] tradição que atravessa o *estoicismo* grego, o *nominalismo* medieval e o *empirismo* moderno, conceito é um signo ou representação linguística que mantém uma relação significacional - não ontológica - com os objetos do conhecimento” (HOUAISS, 2001, grifos do autor).

<sup>1</sup> Doutora em Educação: Currículo – pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade da PUC/SP – GEPI/SP. Professora e Coordenadora de Extensão Comunitária do Centro Universitário Católica de Santa Catarina em Jaraguá do Sul (SC). E-mail: diva.ranghetti@uol.com.br.

Nesta perspectiva, podemos dizer que conceito, do ponto de vista lógico possui duas propriedades: **extensão e compreensão**. A “[...] compreensão é formada por um conjunto de caracteres que constituem a definição ou o conceito e a extensão caracteriza-se pelos elementos particulares dos seres aos quais se estende esse conceito” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 48-49).

Terezinha Rios (2001, p. 65-67) utiliza-se da lógica aristotélica, como recurso, para ampliar a compreensão do significado de conceito.

[...] O núcleo da investigação da lógica é o *juízo*. Estes são expressos em *proposições*. [...] os juízos se compõem de conceitos, que são representações mentais dos objetos do conhecimento: homem, salário, etc. Os conceitos se expressam em *termos ou categorias*. Exemplificando: a extensão do termo homem será o conjunto de todos os seres que podem ser designados e chamado de homem. A compreensão é formada pelas qualidades e características do termo homem: racional, bípede, mortal, mamífero.

Constata-se que quanto maior for a extensão de um termo, menor é sua compreensão e vice-versa. Ex.: se tomarmos o termo Sócrates a extensão é menor, pois diz de um único ser humano; no entanto, sua compreensão é maior porque, além das propriedades do termo homem, têm as propriedades que lhes são próprias. Entretanto, há de se ressaltar que estas propriedades têm sofrido modificações ao longo dos tempos, bem como do contexto em que são utilizados.

A palavra conceito, no pensamento Junguiano, tem duas posições, a saber: 1ª) o conceito é uma essência particular, enquanto produto do processo antropológico do conhecimento. É sempre parcial e relativo a tal processo, visto que, o pensamento conceitual e a linguagem captam as coisas no seu ser fenomênico. É visto como ocasião para prender parcialmente e relativamente, de um lado, a essência do objeto, e de outro a essência do sujeito, pois para Jung (1927/1931), “[...] a função da consciência é não só a de reconhecer e assumir o mundo exterior pela porta dos sentidos, mas traduzir criativamente o mundo exterior para a realidade visível.” (*apud* PIERI, 2002, p. 115). 2ª) conceito como signo se encontra numa relação de significação, na qual revela sua natureza de signo. É um ato interpretativo que permite ao sujeito compreender conscientemente, ou evitar assimilações ou dissimilações inconscientes. De outro lado possibilita ao objeto ser compreendido e, assim, sair da obscuridade e da sua condição de singularidade (*apud* PIERI, 2002, p. 115). Por isso, Gamboa (1997, p.101) argumenta que, “[...] a compreensão de um fenômeno só é possível com relação à totalidade à qual pertence (horizonte da compreensão)”. Ou seja, visa entender a dimensão objetiva e subjetiva do fenômeno.

Na interdisciplinaridade os conceitos suscitam a compreensão porque esta teoria intenciona aproximar-se da totalidade do fenômeno que se pesquisa, estuda. Encontra no diálogo o movimento que dá sustentação aos entrelaços da objetividade e subjetividade, da interioridade e exterioridade, da razão e emoção, da teoria e prática, do sujeito e objeto, acompanhando a história e a historicidade do fenômeno, considerando o contexto, as ações, as reações, os sujeitos que afetam e são

*Interdisciplinaridade, São Paulo, v.1, n. 2, out. 2012.*

afetados no decurso da história. Compreender é ver além do alcance do olhar e conforme os argumentos de Pineau (2000, p. 23), fineza, brandura, trato, sensibilidade, movimento, laços são as características, hoje, necessárias à compreensão.

Para Fóurez<sup>2</sup> (1995, p. 231) conceito é um termo de âmbito preciso, teórico e axiomático. Portanto, cada disciplina deverá ressignificá-lo. Como exemplo pode-se citar o termo “coma”. Para criar uma linguagem mais operacional do termo, os médicos necessitam redefini-la em um conceito que fará referência a várias teorias. Este autor assume em seus argumentos que as representações são conceitos historicamente construídos num dado contexto, por isso são relativos. Representar uma situação é construir um modelo conceitual com certa intenção e objetivo. Pressupõe imaginação e criatividade, na medida em que, essa representação é singular e única, pois cada um vê a vida e a própria história de maneira individual (FOUREZ, 2001, p. 6).

A ênfase dada ao relativo em detrimento ao absoluto, na construção de conceitos, está diretamente relacionada à singularidade das experiências dos contextos, do movimento histórico e cultural em que se vive. Por isso, “[...] definir um conceito é indicar quais são os relatos que lhes corresponderão. [...] os relatos ligados aos conceitos fornecem as pessoas às ‘palavras para expressar’, as palavras para falar sobre a sua própria experiência” (FÓUREZ, 1995, p. 238).

Deste modo, conceitos são construtos que servem para comunicar experiências com sentido próprio e, para isto, faz-se necessário “[...] criar uma nova maneira de ver as coisas [...] histórias que narram maneira de agir que sejam aceitáveis por uma comunidade científica, na qual introduz normatividade<sup>3</sup> aos conceitos” (FÓUREZ, 1995, p. 238). Este autor nos traz uma contribuição importante para pensar o conceito a partir da teoria da interdisciplinaridade: **a observação**. Observar é interpretar integrando certa visão na representação teórica que fazemos da realidade. “[...] favorece novas formas de aproximação da realidade social e nova leitura das dimensões socioculturais das comunidades humanas” (FAZENDA, 2000, p.11). Todavia, há necessidade de descrevê-la a partir dos conhecimentos que se possui. Por isso, aquele autor diz que “[...] a observação é uma *interpretação teórica não contestada*, porém, ao colocar em dúvida o próprio conceito em relação ao fenômeno observado não se estará apenas observando, mas teorizando” (FOUREZ, 1995, p. 40, grifos do autor).

Na teoria Junguiana, a função do conceito é concebida de dois modos: **finalisticamente** (valor de fazer ser a coisa) ou **instrumentalmente** (assume por si o valor do instrumento). Nesta função final do conceito, Jung (1947/1954) escreve

<sup>2</sup> Fóurez (1995, p.231) procura fazer uma diferenciação entre os termos: conceito, ideia e noção. Para este autor, noção possui um certo conhecimento, uma representação vaga das coisas sem a pretensão de conhecê-la utilizando-se da lente de uma teoria ou da ideologia para designar o que seria tal coisa. Já o termo ideia requer uma definição que funciona como norma, de maneira universal, do que é essa noção. Ex.: *amizade*. As ideias para Platão estariam encarnadas nas coisas: ex.: *justiça ideal*.

<sup>3</sup> Esta normatividade da convenção particular da linguagem produz o conceito.

que “[...] o fato de apreender conceitualmente um objeto propicia-lhe a melhor oportunidade de desenvolver todas aquelas propriedades que jamais se manifestariam, se ele não tivesse sido circunscrito mediante uma definição conceitual” (*apud* PIERI, 2002, p. 117). Já na função instrumental do conceito, para a psicologia tem a função de estabelecer limites conceituais, conferir nomes bem definidos a determinadas esferas de fatos psíquicos. Assim, os principais aspectos dessa interpretação são: a) descrever e reconhecer os objetos e fazer referências a eles; b) classificatória; c) organizativo, mas não sistemático; d) antecipatório-projetivo. Jung explica “[...] que a realidade da psique é sua hipótese de trabalho, portanto sua principal atividade consiste em reunir, descrever explicar um material objetivo” (*apud* PIERI, 2002, p. 118).

Ricoeur, linguista, utiliza a mediação da linguagem, a mediação do texto (escrito, obra de arte, montanhas, pirâmides do Egito, etc.) – como uma construção humana, que se coloca de formas diferentemente escritas ao longo da sua caminha. Por isso, faz-se necessário a análise conceitual: trazer a raiz da palavra, sua evolução histórica, como ela se desdobra e aparece nas outras línguas, em outras áreas do saber. Este autor traz o sentido de uma análise proposicional mais ampla, a qual resgata o sentido (enunciação). Contudo, esta análise estaria incompleta se nós não buscássemos as contribuições da análise fenomenológica hermenêutica que resgata a ontologia, as questões que relevem o ser como é e o que está por trás de todo conhecimento.

O conhecimento diz do sujeito e é construído a partir dos referenciais de cada um. Desta maneira, o sentido de um trabalho interdisciplinar está na sabedoria de aprender a construir sem destruir o construído. Uma construção que tem o velho como ponto de partida para que o novo possa se constituir (FAZENDA, 2000). Para a interdisciplinaridade a análise conceitual é o ponto de partida, o *locus* em que reside a matriz da **compreensão** e da **autorevelação** do conhecimento que se põe a (re)construir, (re)criar, ou melhor dizendo, ressignificar.

Na pesquisa de mestrado “*O conceito de afetividade numa educação interdisciplinar*” percorri diferentes labirintos para encontrar-me com o *locus*, no qual a matriz do conceito de afetividade se aninhava. A partir daquele encontro o diálogo se instaurou. Dialoguei com as teorias, com a prática de outros profissionais, com a minha própria, com as experiências vividas como pessoa e profissional e com a história de vida. Estendi o diálogo, também com as definições gerais sobre afetividade presente na literatura geral e dicionários e com a literatura específica, na área da filosofia, da psicologia, da sociologia e da educação. Todavia, esse diálogo foi acompanhado de lentes transparentes, límpidas, desvinculadas de pré-conceitos, constituída pelos princípios e pressupostos da teoria da interdisciplinaridade. Por isso, foi possível (re)significar o conceito de afetividade com sentido e significado para o contexto educacional.

Gostaria de partilhar momentos de ousadia mesclados com a coragem e o medo que o ato da criação suscita. Como professora procuro desenvolver nas primeiras aulas a relevância de se conhecer o sentido e o significado das palavras para poder argumentar, compreender, discutir, apreender, duvidar. Com uma turma de Pedagogia organizei uma tabela, que apresento na sequência, para auxiliar os (as) acadêmicos(as) a verificarem seus conhecimentos sobre determinados termos

*Interdisciplinaridade, São Paulo, v.1, n. 2, out. 2012.*



utilizados no cotidiano da profissão docente. Os conceitos pesquisados<sup>4</sup> relacionavam-se à construção de um projeto educativo próprio.

TABELA 1 – ELABORAÇÃO CONCEITO PRÓPRIO

| CONCEITOS | CONHECIMENTOS PRÉVIOS | PESQUISA EM DIFERENTES FONTES            |                            |                         |                         | ELABORAÇÃO DO CONCEITO PRÓPRIO |
|-----------|-----------------------|------------------------------------------|----------------------------|-------------------------|-------------------------|--------------------------------|
|           |                       | Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia | Dicionário ou Enciclopédia | Literatura Específica 1 | Literatura Específica 2 |                                |

Fonte: organizado pela autora

Com a organização da tabela 1 os(as) acadêmicos(as) perceberam a diferença entre apropriar-se dos conceitos e/ou definições que se encontram elaborados, e (re)elaborar um novo conceito, sem negar o existente, mas sobretudo, acrescentar a ele os desdobramentos presentes na história do contexto do próprio conceito, bem como a experiência de vida do ser que dele irá se utilizar. Segundo depoimento de uma das acadêmicas, “[...] foi muito significativa esta etapa, pois não havia imaginado a importância da construção de conceitos e desconhecia a diferença entre conceitos e significados”.

Este foi um dos momentos em que houve a compreensão da relevância dos conhecimentos gerais, específicos, do senso comum e/ou prévios, das experiências de vida, no movimento que se produz no ato de ensinar e de aprender, da teoria, da prática do conhecimento da etimologia da palavra para a compreensão dos termos e conceitos, utilizados, na maioria das vezes, sem o devido entendimento. A compreensão permite conhecer o fenômeno investigado, “[...] apreendê-lo no conjunto dos acontecimentos históricos, não na frisa do tempo em que a história se realizou, mas no conjunto do seu movimento, das suas idas e vindas, assim como nas grandes rupturas em que se produziram” (MARTINS, 1992, p. 63).

A (re) construção do conceito, sua (re) significação é condição essencial para nos tornarmos parte ativa na construção da história da humanidade, como atores e autores presentes, vivos e conscientes de nossas ações. Por isso, a teoria da interdisciplinaridade insiste na relevância de “habitar” o conceito, torná-lo seu, após estudo, reflexão, contextualização no tempo e no espaço, comparações, críticas. Assim, ao transformá-lo em conhecimento possamos devolver-lhe o grau de saber, após travestirmo-nos com/de sua sabedoria. Acredito que é isso que a análise conceitual busca “[...] desvendar o significado de um conceito, detalhando claramente seus relacionamentos com outros conceitos e revelando seu papel em nossas práticas sociais” (GARCIA, 1997, p.3).

<sup>4</sup> Alguns conceitos que foram pesquisados: homem, mundo, sociedade, educação, , currículo, aprendizagem, ensino, observação, registro, avaliação, prática, interdisciplinaridade, projeto, criança, conhecimento escolar, conhecimento científico, estratégia, procedimento, pesquisa, escola, projeto pedagógico, disciplina científica, método, cultura, conceitos, pergunta, problema, limite, ser humano, atitude, sono, infância, educar, cuidar, espaço, movimento, tempo, rotina, etc.

Apropriar-se dos diferentes saberes, apreender e aprender em meio dessa complexidade o que realmente necessitamos para viver com sabedoria, dignidade e afeto, parece-me impossível, sem uma sólida formação epistemológica em determinada área do saber, uma cultura geral acurada, um saber/fazer/ser de comunicação, por meio do qual poderemos nos relacionar e interagir com o outro e com o mundo. Conhecer o sentido e o significado das palavras pesquisando o seu desenrolar e suas diferentes nuances no decurso da história é condição *sine qua non* para compreendermos o presente, sairmos do anonimato e como seres inacabados, conscientes do não saber, assumirmos a continuidade da própria história, da história desse mundo que também é nossa. Eis a virtude da força do olhar! Daquele olhar que vê, desfaz, desmonta, desmaterializa, com a intenção de (re)construir, (re)significar, des-velar, para gerar e apreender o conhecimento que, por muito tempo, na história da humanidade, foi/ privilégio de poucos.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha. **A escola: um enfoque fenomenológico**. São Paulo: Escuta, 1993.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

FÓUREZ, Gerard. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: UNESP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos epistemológicos para a interdisciplinaridade**. 2001. (Mimeografado).

GARCIA, Joe. **Análise conceitual: uma introdução**. São Paulo: 1997. (texto inédito).

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como póiesis**. Organização de Vitória Helena C. Espósito. São Paulo: Cortez, 1992.

NICOL, Eduardo. **El porvenir de la filosofía**. México: Fondo de Cultura: Económica, 1997.



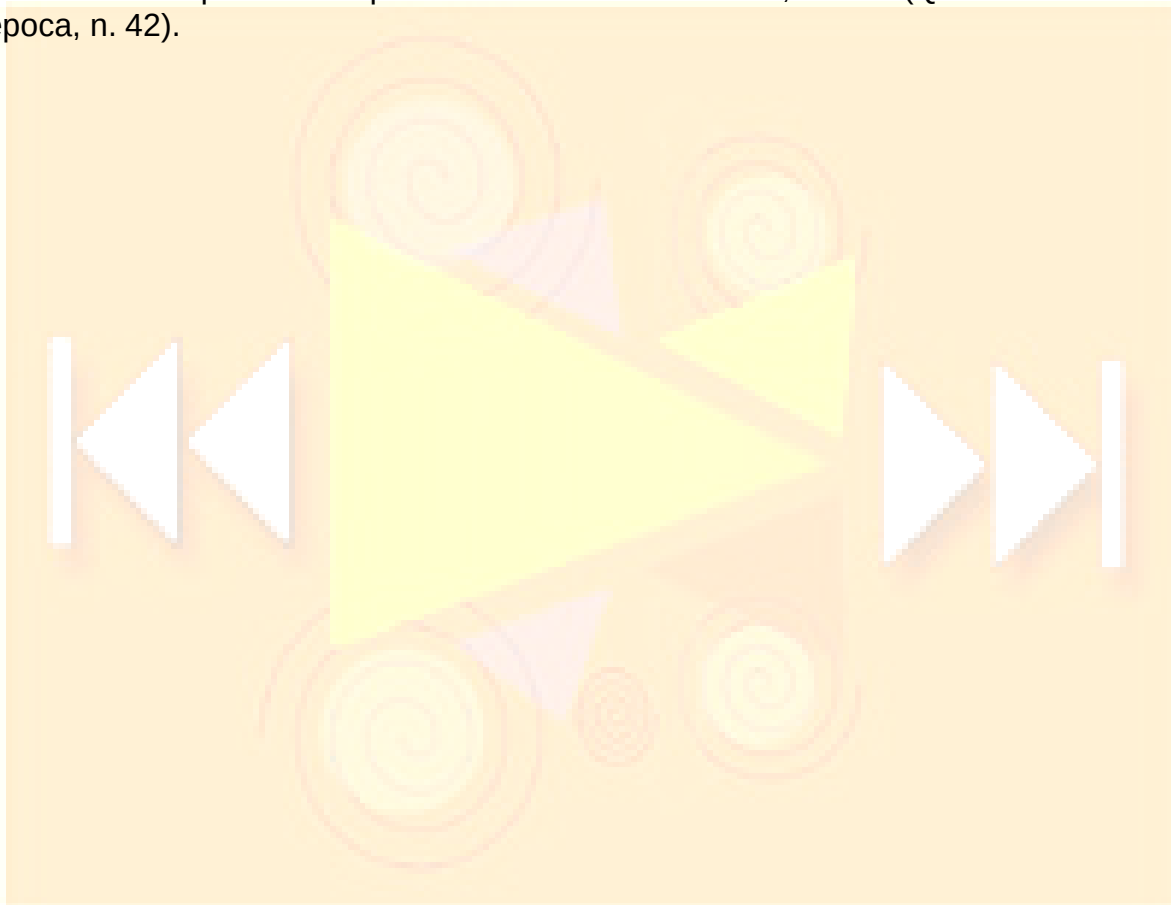
PIERE, Paolo Franceso. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

PINEAU, Gastão (org.). O sentido do sentido. In: Nicolescu, B. et al. **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: Unesco, 2000. p. 31-56.

RANGHETTI, Diva Spezia. **O conceito de afetividade numa educação interdisciplinar**. Dissertação (Mestrado) - PUC/SP. São Paulo. 1999.

RIOS, Terezina Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SANTOS FILHO, José Camilo dos.; GAMBOA, Silvio Sanchéz. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995. (Questões da nossa época, n. 42).



# ***INTERDISCIPLINARIDADE***



## **Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas e as condições de produção<sup>1</sup>**

*Ivani Catarina Arantes Fazenda*

O presente texto objetiva abordar sócio historicamente os termos Inter e Transdisciplinaridade partindo da polissemia que os envolve, buscando em alguns de seus pesquisadores aspectos contidos na diversidade cultural que envolvem definições múltiplas, conceitos variados e resultados aferidos a partir das configurações assumidas quando tratamos da questão formação de professores seja na Didática e ou na Prática de Ensino.

### **INTERDISCIPLINARIDADE- VARIAÇÕES TEMÁTICAS**

Se definirmos Interdisciplinaridade como junção de disciplinas, cabe pensar currículo apenas na formatação de sua grade. Porém se definirmos Interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores.

Assim, na medida em que ampliamos a análise do campo conceitual da Interdisciplinaridade surge a possibilidade de explicitação de seu espectro epistemológico e praxiológico. Somente então, torna-se possível falar sobre o professor e sua formação, e dessa forma no que se refere à disciplinas e currículos. Reportamo-nos à questão: como a Interdisciplinaridade se define quando a intenção é formar professores?

Servindo-nos, por exemplo, de uma definição clássica produzida em 1970 pelo CERI – Centro para Pesquisa e Inovação do Ensino – órgão da OCDE (Documento CERI / HE / SP / 7009) onde Interdisciplinaridade é definida como interação existente entre duas ou mais disciplinas, verificamos que tal definição pode nos encaminhar da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos chaves da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino, relacionando-os. Tal definição como se pode constatar é muito ampla, portanto não é suficiente nem para fundamentar práticas interdisciplinares e nem para pensar-se uma formação interdisciplinar de

---

<sup>1</sup> Texto publicado na: **Revista Ideação**, v. 10, n. 1, 1º sem. 2008. Foi elaborado e apresentado no ENCONTRO NACIONAL de DIDÁTICA e PRÁTICA de ENSINO - XIV- ENDIPE- Simpósio 46, 2008, Porto Alegre- RS.

professores. Podemos nesse caso proceder a uma decodificação na forma de conceber a Interdisciplinaridade. Fourez (2001) fala-nos de duas ordens distintas, porém complementares, de compreender uma formação interdisciplinar de professores, uma ordenação científica e uma ordenação social.

A científica nos conduziria à construção do que denominaríamos saberes interdisciplinares. A organização de tais saberes teria como alicerce o cerne do conhecimento científico do ato de formar professores, tais que a estruturação hierárquica das disciplinas, sua organização e dinâmica, a interação dos artefatos que as compõem, sua mobilidade conceitual, a comunicação dos saberes nas sequências a serem organizadas. Essa proposição conduziria à busca da cientificidade disciplinar e com ela o surgimento de novas motivações epistemológicas, de novas fronteiras existenciais. Por isso, entendemos o seguinte: cada disciplina precisa ser analisada não apenas no lugar que ocupa ou ocuparia na grade, mas, nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram, próprios de seu lócus de cientificidade. Essa cientificidade, então originada das disciplinas ganha status de interdisciplina no momento em que obriga o professor a rever suas práticas e a redescobrir seus talentos, no momento em que ao movimento da disciplina seu próprio movimento for incorporado.

A segunda, então denominada ordenação social, busca o desdobramento dos saberes científicos interdisciplinares às exigências sociais, políticas e econômicas. Tal concepção coloca em questão toda a separação entre a construção das ciências e a solicitação das sociedades. No limite, diríamos mais, que esta ordenação tenta captar toda complexidade que constitui o real e a necessidade de levar em conta as interações que dele são constitutivas. Estuda métodos de análise do mundo, em função das finalidades sociais, enfatiza os impasses vividos pelas disciplinas científicas em suas impossibilidades de sozinhas enfrentarem problemáticas complexas.

No referente à primeira ordenação, científica, diríamos com Lenoir (2001) o seguinte a cientificidade aqui revelada estaria em conformidade com a forma de pensar de uma cultura eminentemente francófona na qual o saber se legitima pela beleza da capacidade de abstração – um saber/saber.

Ainda apropriando-nos dos escritos de Lenoir (2001) diríamos que a segunda classe de ordenação, social, se aproximaria mais de uma cultura de língua inglesa na qual o sentido da prática, do para que serve, impõe-se como forma de inserção cultural essencial e básica – saber fazer.

Duas culturas diferentes, duas formas diferenciadas de conceber conhecimento e organizar seus currículos de formação de professores.

Porém, Lenoir (2001) aponta para o surgimento de uma terceira cultura legitimada como a do saber ser. Refere-se a uma forma brasileira de formar professores. Sua conclusão fundamenta-se na análise de estudos e pesquisas sobre Interdisciplinaridade na formação de professores produzidos no Brasil. Sem abdicar das duas anteriores, um denominador comum: a busca de um saber ser

interdisciplinar. Essa busca explicita-se na inclusão da experiência docente em seu sentido, intencionalidade e funcionalidade diferenciando o contexto científico do profissional e do prático (LENOIR; FAZENDA 2001).

Abarcar a questão da experiência docente nessa tríplice dimensão: do sentido, da intencionalidade e da funcionalidade, requer cuidados de diferentes ordens (FAZENDA, 2002), cuidados nas pré-suposições teóricas investigando os saberes que referenciaram a formação de determinado professor, cuidados ao relacionar esses saberes ao espaço e tempo vivido pelo professor, cuidados no investigar os conceitos por ele apreendidos que direcionaram suas ações e finalmente cuidado em verificar se existe uma coerência entre o que diz e o que faz.

Para melhor compreendermos o significado dessa ordenação brasileira que poderíamos denominar interacional, precisaríamos adentrar em aspectos teórico/práticos apenas emergentes nas pesquisas sobre Interdisciplinaridade e em outros um pouco mais aprofundados na produção brasileira. Estamos nos referindo a questões como: estética do ato de apreender, espaço do apreender, intuição no ato de apreender, design do projetar, tempo de apreender, importância simbólica do apreender.

Abstraindo-se implicações de natureza mítica do conceito de interdisciplinaridade ou de outra perspectiva qualquer que apenas fixe a mesma às questões relativas à unidade do saber (FAZENDA, 2003, LENOIR, 1995) enfatizamos a posição de Morin (1990) ao vincular o uso da palavra interdisciplinaridade à expansão da pesquisa científica (FAZENDA, 2003) .o que a institucionaliza no século XX, porém forjada no século XVII quando a ciência adquire progressivamente formas diversas de interpretação da natureza em suas relações sócio culturais, portanto adquirindo visões e esquemas de interpretação do mundo que se diferenciam se levarmos em conta a história da humanidade (FAZENDA, 2003).

Assim, reafirmando o que anteriormente dissemos em estudos anteriores (FAZENDA, 1979) o debate inicia-se na universidade com a necessidade de inclusão inexorável do ser humano na organização dos estudos, porém gradativamente amplia-se a um segundo patamar de preocupações: o das diferentes esferas da sociedade necessitadas de rever as exigências dos diferentes tipos de sociedades capitalistas onde o cotidiano das atividades profissionais desloca-se para situações complexas para as quais as disciplinas convencionais não se encontram adequadamente preparadas.

Navegar entre dois polos: da pesquisa de sínteses conceituais dinâmicas e audazes e a construção de formas de intervenção diferenciadas constituem-se objeto de pesquisa há quase vinte anos , entre muitos pesquisadores da área: Klein (1985), Lynton (1985), Fazenda (1990).

A inquietação dos pesquisadores que à interdisciplinaridade se dedicam converge desde o início da década de 60 e amplia-se cada vez mais na compreensão dos paradoxos advindos da necessidade da busca de sentidos existenciais e ou intelectuais (PINEAU, 2007). Essa busca de sentido exige respeito a critérios de

funcionalidade necessários sem que com eles quebre os princípios básicos de humanidade no seu mais amplo significado.

O conceito de interdisciplinaridade como ensaiamos em todos nossos escritos desde 1979 e agora aprofundamos, encontra-se diretamente ligado ao conceito de disciplina, onde a interpenetração ocorre sem a destruição básica às ciências. Não se pode de forma alguma negar a evolução do conhecimento ignorando sua história.

Assim se tratamos de interdisciplinaridade na Educação, não podemos permanecer apenas na prática empírica, mas é imperioso que se proceda a uma análise detalhada dos porquês dessa prática histórica e culturalmente contextualizados.

Caminhando nesse raciocínio falar de interdisciplinaridade escolar, curricular, pedagógica ou didática requer uma profunda imersão nos conceitos de escola, currículo ou didática. A historicidade desses conceitos, entretanto requer igualmente uma profunda pesquisa nas potencialidades e talentos dos saberes requeridos ou a requerer de quem as estiver praticando ou pesquisando (FAZENDA, 2003).

Interdisciplinaridade escolar não pode confundir-se com interdisciplinaridade científica (LENOIR; SAUVÉ, 1998; FAZENDA, 1992).

Na interdisciplinaridade escolar a perspectiva é educativa, assim os saberes escolares procedem de uma estruturação diferente dos pertencentes aos saberes constitutivos das ciências (CHERVEL, 1988; SACHOT, 2001).

Na interdisciplinaridade escolar as noções, finalidades habilidades e técnicas visam favorecer, sobretudo o processo de aprendizagem respeitando os saberes dos alunos e sua integração.

Cabe-nos também mais uma vez reafirmar a diferença existente entre integração e interdisciplinaridade (FAZENDA, 1979). Apesar dos conceitos serem indissociáveis são distintos: uma integração requer atributos de ordem externa, melhor dizendo da ordem das condições existentes e possíveis, diferindo de uma integração interna ou interação, da ordem das finalidades e sobretudo entre as pessoas. Com isso retomamos novamente a necessidade de condições humanas diferenciadas no processo de interação que faça que saberes de professores numa harmonia desejada integrem-se aos saberes dos alunos. Isso requer outro tipo de profissional com novas características ainda sendo pesquisadas. Assim como o conceito de integração—primeiro conceito por nós pesquisado, muitos outros ensaiamos pesquisar no nosso grupo de pesquisas.

Em todos esses quase trinta anos dedicados ao estudo e à pesquisa sobre Interdisciplinaridade o que mais nos conforta é perceber que ao orientarmos nossas pesquisas para a gênese das definições mais comuns utilizadas na Educação, necessariamente verificamos uma gradativa mudança na compreensão dos pesquisadores por nós iniciados. Essa compreensão que acreditamos nascer do cuidado na potencialidade do estudo de conceitos tem conduzido nossos pesquisadores à aquisição de um olhar divergente e paradoxalmente convergente á



historia do conceito e sua representação sócio cultural, aliando-se sobretudo às diferentes perspectivas de produção.

Estamos constatando em nossas pesquisas brasileiras como o estudo de definições preliminares podem aos poucos adquirir uma tridimensionalidade ou a potência de conduzir o pesquisador a enxergar além das mesmas e dos conceitos através delas produzidos, como dissemos em textos anteriores à admiração das possíveis entrelinhas e das infinitas possibilidades latentes e ainda não ensaiadas (FAZENDA, 1992 a 2007).

A pesquisa interdisciplinar somente torna-se possível onde várias disciplinas se reúnem a partir de um mesmo objeto, porém, é necessário criar-se uma situação problema no sentido de Freire (1974) onde a ideia de projeto nasce da consciência comum, da fé dos investigadores no reconhecimento da complexidade do mesmo e na disponibilidade destes em redefinir o projeto a cada dúvida ou a cada resposta encontrada.

Nesse caso, convergir não ao sentido de uma resposta final, mas à pesquisa do sentido da pergunta inicialmente enunciada..

A interdisciplinaridade na formação profissional requer competências relativas às formas de intervenção solicitadas e às condições que concorrerem ao seu melhor exercício. Neste caso, o desenvolvimento das competências necessárias requerem a conjugação de diferentes saberes disciplinares. Entenda-se por saberes disciplinares: saberes da experiência, saberes técnicos e saberes teóricos interagindo dinamicamente sem nenhuma linearidade ou hierarquização que subjugu os profissionais participantes (BARBIER, 1996; TARDIFF, 1990; GAUTHIER, 1996).

A formação interdisciplinar de professores, na realidade deveria ser vista de um ponto de vista circundisciplinar (LENOIR; SAUVE, 1998) onde a ciência da educação fundamentada num conjunto de princípios, de conceitos, de métodos e de fins convergem para um plano meta-científico. Tratamos nesse caso do que poderíamos chamar interação envolvente sintetizante e dinâmica, reafirmando a necessidade de uma estrutura dialética, não linear e não hierarquizada, onde o ato profissional de diferentes saberes construídos pelos professores não se reduzem apenas a saberes disciplinares. Começamos aqui a tratar de um assunto novo, recentemente pesquisado denominado intervenção educativa onde mais importante que o produto seja o processo.

Assim consideraríamos etapas ou fases que no dizer desses autores denominam-se como pré ativa, interativa e pós ativa (COUTOURIER, 2004; MAUBANT, 2007). No meu caso em particular amplio essa designação denominando-as por metáforas congruentes com o tema que estiver sendo pesquisado (FAZENDA, 2007).

A circundisciplinaridade não exclui a necessidade de uma formação disciplinar, indispensável no processo de teorização das práticas, mas como denomina Freitag (1995) o desenvolvimento de um corpo sintético de conhecimentos debruçando-se sobre um sistema teórico, visando uma síntese explicativa, pré-ditiva e

compreensiva. Trata-se assim o ato educativo escolar numa dimensão complexa e interligada de diferentes componentes e de diferentes regulamentações. Sua transmissão apenas parte de um conteúdo disciplinar pré-determinado porém amplia-se numa dimensão planetária de mundo onde os estudos encontram-se sempre numa dimensão de esboços inacabados de um design de projeto que se altera em seu desenvolvimento.

Todos os aspectos aqui considerados neste item são objetos de estudos e pesquisas dos principais centros de referência das questões inter e transdisciplinares.

### **TRANSDISCIPLINARIDADE: VARIAÇÕES TEMÁTICAS**

Como estudiosa das questões da interdisciplinaridade não poderia neste momento deixar de pontuar avanços específicos, porém aqui ainda tratados de forma genérica, de questões afeitas à transdisciplinaridade os quais pretendo historiar demoradamente em outro contexto.

Os estudos e pesquisas sobre Transdisciplinaridade como nomeiam alguns de seus pesquisadores antecedem os da Interdisciplinaridade (JAPIASSU, 2007) em seu mais recente livro onde trabalha a noção de Sonhos Transdisciplinares - publicado pela Imago) destaca como o termo foi gestado por Piaget, lembrando os anos que frequentou seu laboratório.

Ou lembrando Joel Martins com quem dividi parte desses sonhos poderia ensaiar dizer que os termos da forma como aqui são tratados não se diferenciam mas se auto incluem e complementam-se.

Basarab Nicolescu desde 1995 debruça-se muito seriamente na construção de uma fundamentação epistemológica tendo como finalidade argumentar em favor da unidade do conhecimento por ele denominado transdisciplinar.

A necessidade do diálogo, a adoção de um olhar transdisciplinar, questões relativas à complexidade ,auto-formação ,eco-formação e,heteroformação ganham destaque cada vez maior entre os estudiosos da Transdisciplinaridade.

Questões ambíguas como cura (PATRICK, 2007), amor (BARBIER, 2007) espiritualidade, negociação, reconhecimento, gratidão (RICOEUR, 2006) respeito, desapego e humildade (MATURANA,1997, RICOEUR, 2006) fazem parte de um novo pensar sobre a Didática e a Prática de Ensino.

Em várias de minhas obras recorro a princípios que sintetizo em palavras como: Espera, Coerência, Humildade, Respeito e Desapego, sob a estreita vigilância de um Olhar multifacetado e atento, síntese essa que tomo como necessária ao pensar Inter ou Transdisciplinaridade nas pesquisas que oriento e realizo.

Alguns organismos mundiais dos quais faço parte, tais que *Centre International de Recherche et Etudes Transdisciplinaires* (CIRET) (<http://nicol.club.fr/ciret/>) em dezembro de 2007 realizará um simpósio do qual participarão vários dos autores aqui citados onde a discussão magnificamente colocada por Ubiratan D'Ámbrósio (2003) poderia de certa forma representar do que lá trataremos:

POR QUE ESTOU AQUI? Essa pergunta é difícil !,

Gostaria que nos dedicássemos mais à questão do por que, do que como é?, mexer com ela e, a partir dela, talvez, achar um novo comportamento que nos permitisse abrir as portas das Gaiolas Epistemológicas nas quais há tanto tempo nos encerramos!

Outros organismos nacionais tais que CETRANS-USP (Centro de Estudos Transdisciplinares) que nesse ano de 2007 completa dez anos de estudos e pesquisas, apontam para dimensões novas no processo de uma inter ou transdisciplinaridade na educação e outras áreas do conhecimento.

Em Barcelona, num congresso ocorrido em março de 2007, contribuições como as de Edgar Morin, Raul Motta, Gaston Pineau, Emilio Ciurana, Joan Mallart e outros, entre os quais me autoincluo, construíram um esboço de **Decálogo sobre transdisciplinaridade e ecoformação**. Esse esboço nos remete a necessidade de pesquisa em dez campos principais de projeção transdisciplinar e ecoformadora:

1. Pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos de olhares transdisciplinares.
2. Projeções tecno-científicas no campo da religação de saberes.
3. Projeção ecossistêmica na relação ecologicamente sustentável.
4. Projeção social , como consequência de uma cidadania planetária.
5. Convivência e desenvolvimento humano sustentável: visão axiológica e de valores humanos.
6. Projeção nas políticas de trabalho e sociais, tendo em vista a satisfação das necessidades humanas.
7. Projeção no âmbito da saúde e da qualidade de vida em busca da felicidade.
8. Projeção nas reformas educativas onde se busca formar cidadãos na sociedade do conhecimento.
9. Projeção na educação, dar respostas a uma formação integradora, sustentável e feliz.
10. Projeção nas organizações e no estado de bem estar, onde a auto-organização e a dimensão ético-social sejam atendidas

A partir desse evento nasce uma rede de interligação de saberes envolvendo até o momento mais de 15 universidades, ainda em construção.

## REFLEXÕES FINAIS

Quem habita o território da interdisciplinaridade não pode prescindir dos estudos transdisciplinares. O cuidado construído arduamente nos dois territórios precisa ser devidamente respeitado em suas limitações, mas principalmente nas inúmeras possibilidades que se abrem para uma educação diferenciada onde o caráter **humano** se evidencia.

Um grande número de publicações em várias línguas, muitas das quais em português encontram-se disponíveis, seja no site do CIRET, do CRIE-Universidade de Sherbrooke - Canadá. ou mesmo do GEPI - PUCSP [www.pucsp.br/gepi](http://www.pucsp.br/gepi). A Bibliografia aqui apresentada ainda é diminuta frente às inúmeras alternativas de atualização na área.

Todas as 102<sup>2</sup> pesquisas produzidas pelo GEPI-PUCSP encontram-se disponibilizadas em nosso ambiente virtual e à distância, para debate. Em todas elas um efetivo encontro com a Didática e a Prática de Ensino.

## REFERÊNCIAS

FAZENDA, I. C. A. **Dicionário em Construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Integração como proposta de uma nova ordem na Educação**. In: Linguagens, espaços e tempos . Rio de Janeiro: Agir, 2000.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. (org). **Didática e Interdisciplinaridade**. São Paulo: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. (org). **Práticas Interdisciplinares na Escola**. São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Loyola, 1979

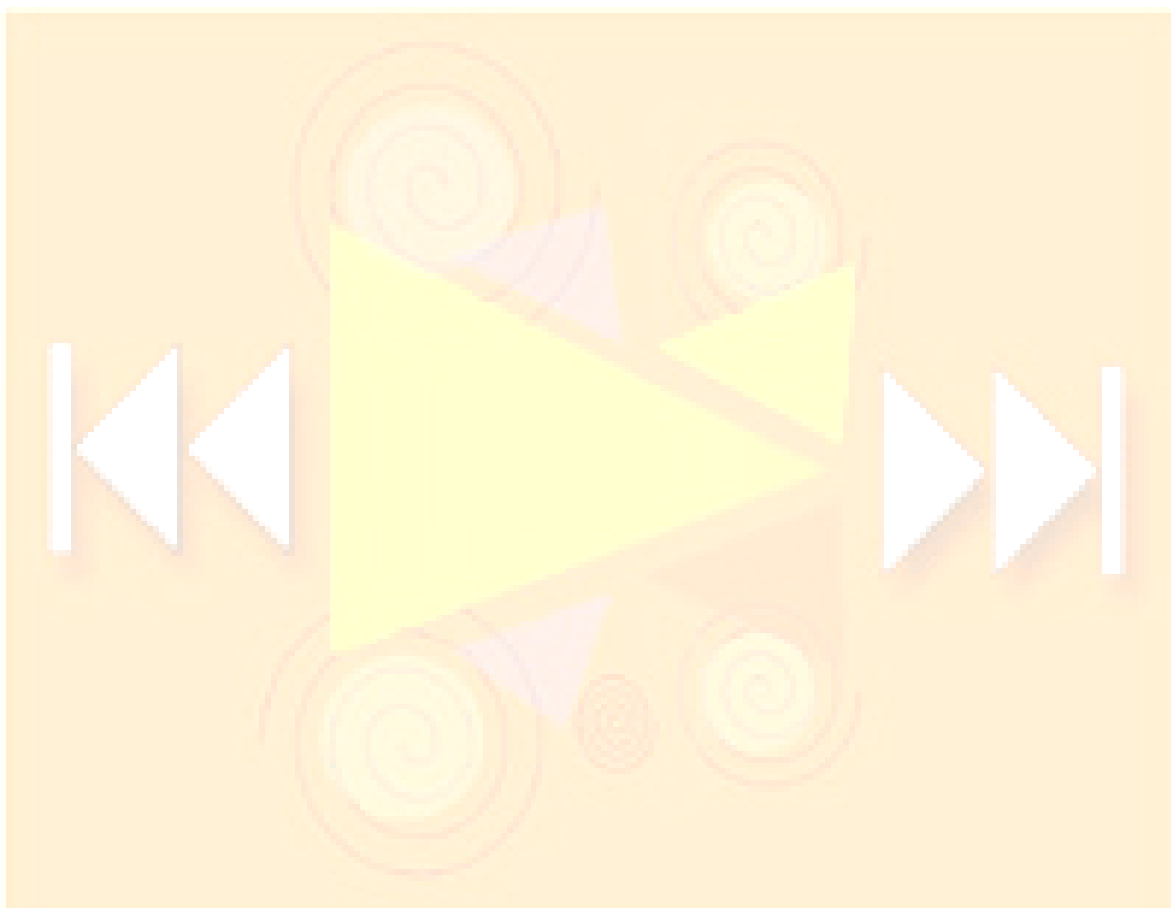
<sup>2</sup> Até 17 de outubro de 2012 já foram realizadas 114 pesquisas orientadas por Fazenda.

FOUREZ, G. **Fondements épistémologiques pour l'interdisciplinarité.** In: LENOIR, REY, FAZENDA. **Les fondements de L'interdisciplinarité dans la formation à L'enseignement.** Canadá: Éditions du CRP/UNESCO, 2001.

PINEAU, G. **Les Histoires de Vie,** Paris: PUF, 2002.

\_\_\_\_\_ et al. **Chemins de formation au fil du temps,** n.6- Les écritures de soi, Université de Nantes, 2003.

TORRE, S. **Transdisciplinaridad y Ecoformacion:** uma nueva mirada sobre la Educacion, Spain: Editorial Universitas, 2007.



## Natureza e INTERDISCIPLINARIDADE: reflexões para a Educação Básica

*Ivani C. A. Fazenda  
Silmara Rascalha Casadei*

### RESUMO

A presente organização de trabalhos, iniciativas e relatos compilados originam-se do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares da PUCSP, com a contribuição do Núcleo de Estudos do Futuro da PUCSP. Objetiva contribuir com as discussões sobre a inserção ou não da disciplina de Educação Ambiental na Educação Básica do Brasil. A apresentação deste trabalho ocorreu em Brasília junto ao Ministério de Educação e Cultura e teve a representação da Prof. Dra. Ivani Fazenda, que participou da mesa redonda, além de entregar por escrito os pareceres e os relatos aqui descritos. A iniciativa é parte da programação da RIO + 20, que ocorreu em junho de 2012, e que contou com a participação de representantes da ONU – Organização das Nações Unidas e de representantes de diversos países na cidade do Rio de Janeiro. Os trabalhos aqui relatados apresentam os dois grupos de pesquisa envolvidos, **a proposta de inserção interdisciplinar da temática da educação ambiental como compromisso de todas as áreas do saber** e descrevem variadas possibilidades da ação educativa em várias disciplinas que contribuem em suas práticas com uma “atitude” interdisciplinar” de diálogo e aproximações na construção de sentidos para a preservação da vida planetária (humana e ambiental).

**Palavras-chave:** interdisciplinaridade; educação ambiental e projeção para o futuro

### QUEM SOMOS

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI) foi criado em 1981 pela Profa. Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda na PUC São Paulo, Brasil e teve seu reconhecimento pela CAPES em 1986. É composto por pesquisadores atuantes nas mais variadas áreas do saber e ligados a Universidades e Instituições de Pesquisa do Brasil e do Exterior tais como o Núcleo de Estudos para o Futuro (NEF) da PUC São Paulo, e com professores das Universidade de Évora em Portugal, do Instituto Luso-Brasileiro de Educação e Ciências, da Universidade de Sherbrooke no Canadá, da Université François Rabelais em Tours na França e da Universidade de Toulouse na França.

O NEF – Núcleo de Estudos para o Futuro, aqui representado pelo Dr. Prof. Dr. Arnold José de Hoyos Guevara, busca selecionar painéis de especialistas, integrando um grupo diversificado de indivíduos com o objetivo de continuamente avaliar e analisar os temas de longo prazo mais significativos. Coordena também uma rede de comunicação entre especialistas em Estudos do Futuro e Prospectiva com um sistema internacional de informações de acesso público, além de identificar lideranças políticas e empresariais do terceiro setor para eventuais estudos



estimulando a visão do futuro e o pensamento prospectivo por meio de outras vertentes do conhecimento.

Atualmente, essa parceria mantém contato permanente com seus vários interlocutores por meio de encontros presenciais que ocorrem todas as quintas-feiras, das 9h às 12h, na PUC de São Paulo e através do site <http://www4.pucsp.br/gepi/index.html> pelo sistema Teleduc, disponibilizado pela PUC-SP e, mensalmente, promovendo os ENCONTROS COM O FUTURO na forma de Seminários para atualizar os temas de interesse na área, além de intercambiar contatos através do site [www.nef.org.br](http://www.nef.org.br).

Esses ambientes virtuais, ampliam também as possibilidades de contato e trocas de conhecimentos e práticas interdisciplinares, além de facilitarem a obtenção de técnicas de amostragem para análises estatísticas, coleta de dados, pesquisas de opinião, técnicas participativas com o foco de obtenção de uma descrição e uma análise de tendências passadas e condições do presente numa base de projeção e construção do futuro. Auxiliam, inclusive na formalização das parcerias nacionais e internacionais com o principal objetivo de que todos possam se sentir, cada vez mais, corresponsáveis pela socialização de textos, reflexões, artigos, fotos, bibliografias e tantos outros registros que fazem parte dos estudos e das práticas interdisciplinares e dos estudos para o futuro. "A Interdisciplinaridade nos diz que não devemos negar nossa história e, socializá-la é nosso dever como pesquisadores" (FAZENDA, 2000).

O GEPI têm se caracterizado como grande produtor de pesquisas na área dos estudos interdisciplinares. Essa produção aparece na forma de publicações específicas com inúmeros artigos científicos, mas de trinta livros sobre o tema e nas orientações realizadas pela Prof. Dra. Ivani Fazenda, [ifazenda@uol.com.br](mailto:ifazenda@uol.com.br), de mais de duzentas teses e dissertações de mestrado e doutorado.

Ser um centro de referência nacional e internacional pela promoção do pensamento antecipatório e prospectivo sob uma ótica humanista, valorizando a ética e contribuindo para a evolução da consciência e da responsabilidade socioambiental (NÚCLEO DE ESTUDOS DO FUTURO).

O NEF se caracteriza pela elaboração e difusão de artigos científicos e pela publicação de livros, revistas eletrônicas e boletins virtuais O professor Dr. Arnoldo ajuda na coordenação destas publicações: [arnoldodehoyos@yahoo.com.br](mailto:arnoldodehoyos@yahoo.com.br).

## CONTEXTO

A Educação para o desenvolvimento sustentável nos desafia a olhar para o amanhã como o dia "que pertencerá a todos ou não pertencerá a ninguém". Já em 1972, o

Congresso sobre Meio Ambiente Humano, promovido pela ONU, em Estocolmo, Suécia, deu origem a vários órgãos de proteção ambiental. Após dez anos, a comunidade mundial refletiu e compreendeu que as questões de degradação ambiental não poderiam ser dissociadas das questões humanas, como a extrema pobreza. Em 1987, a Comissão Brundtland (presidida pela sra. Gro Brundtland, ex-primeira ministra da Noruega) definiu desenvolvimento sustentável como “o desenvolvimento que atende às necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades” (UNESCO:1987). Em 1992, no Rio de Janeiro, no Congresso da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO 92, elaborou-se o Programa de Ação para o Século XXI – Agenda 21, orientado para a promoção de valores e atitudes em relação ao Planeta Terra, colocando a educação como um dos fatores de maior contribuição. Em Joanesburgo, África do Sul, em 2002, no encontro da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, **a visão se afirmou sobre a importância de abarcar a justiça social e a luta contra a pobreza, ou seja, aspectos de sobrevivência humana e social pautados pela solidariedade, igualdade, parceria e cooperação são tão cruciais para a proteção ambiental quanto as abordagens científicas para o desenvolvimento sustentável. As implicações econômicas, culturais, sociais e ambientais são enormes e clamam por uma transformação de mentalidade, comportamento, modo de viver e de cuidar** (ONU: 2002, grifo nosso).

É relevante lembrar que, em meados da década de 1970, o PEA- UNESCO - Programa das Escolas Associadas UNESCO, incluiu “o homem e o meio ambiente” como parte integrante de suas orientações às escolas:

Essa década servirá como o momento de virada importante ao **integrar o desenvolvimento sustentável a todo o currículo e a toda a vida**, contribuindo, assim, para um futuro melhor para todos. (UNESCO Associate Schools Good Practices for Quality Education, Genebra, 2008).

Para Outubro, 2012, passados vinte anos da realização da Conferência Rio 92, que teve o mérito de sensibilizar a sociedade civil sobre os desafios do desenvolvimento sustentável, observamos que muitos deles permanecem presentes nos dias atuais. O conflito entre o modelo de crescimento econômico de base industrial e seus efeitos nocivos ao meio ambiente continua gerando problemas como urbanização crescente; crescimento populacional e desigual distribuição demográfica e econômica, uso excessivo de energias não-renováveis; consumo ilimitado de recursos naturais; desertificação do solo; contaminação da água, do ar e do solo; desflorestamento; redução da biodiversidade, entre outros. Os impactos da atividade humana no planeta e na sociedade continuam se ampliando e trazendo perspectivas desanimadoras a respeito da disponibilidade de recurso como água, solo e ar limpos para as próximas gerações, bem como qualidade de vida para todos os seres vivos.

Há uma necessidade urgente de ampliar o olhar dos indivíduos para que compreendam os impactos de suas ações na economia, na sociedade, no ambiente,

nos diferentes públicos, no presente e no futuro; conscientizar e engajar as pessoas para desenvolverem atitudes de parceria e colaboração melhorando a cooperação entre indivíduos, organizações e setores para enfrentarem juntos os desafios da atualidade. A educação ocupa um papel central neste processo. Não por acaso, a preocupação com a superação desses desafios e o entendimento da educação como “a força motriz para que ocorra a mudança necessária”, incentivaram a Assembleia Geral das Nações Unidas a proclamar o período entre 2005 - 2014 como a *Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável*, escolhendo a UNESCO para liderar a iniciativa e elaborar um plano internacional de implementação. Assumindo que a tarefa é complexa e ambiciosa, a UNESCO declara que “o objetivo global da Década é integrar os valores inerentes ao desenvolvimento sustentável em todos os aspectos da aprendizagem com o intuito de fomentar mudanças de comportamento que permitam criar uma sociedade sustentável e mais justa para todos”. (UNESCO, 2005 in: Outeiro, 2012).

#### **PROPOSTA: NATUREZA INTERDISCIPLINAR - OLHAR DIFICULDADES E ENXERGAR POSSIBILIDADES**

A natureza é interdisciplinar e todos os seus filhos – seres vivos - coexistem de modo integrado e atuante. A Terra é um sistema complexo que se auto-organizou a partir do caos. Desenvolver sensibilidades para a percepção de si, do outro e do ambiente e a descoberta de suas funcionalidades é ensiná-los a aprender sobre o maravilhoso assombro que é a Vida. Coligar o homem a sua natureza e a natureza externa e contribuir para a expressão dessas interações será o papel do educador do presente que mediará estudos e ações que deverão superar no futuro, os desafios que estão postos no mundo.

Lançar reflexões a respeito destes desafios e do papel da educação para os tempos atuais e futuros, diante de uma perspectiva interdisciplinar, é conclamar todas as disciplinas para formarmos “coletivos de docentes competentes e integrados” que mediarão os aprendizados para a melhoria das relações humanas e destas com a natureza.

O respeito pelas descobertas passadas e pela evolução do conhecimento e a humildade diante das possibilidades das descobertas presentes serão amparadas pelo fomento da teoria da interdisciplinaridade e dos estudos de projeção para um futuro viável para todos.

Eu demorei 10 anos, nos programas da Cruz Vermelha, como uma das participantes de um projeto da ONU, que auxiliava crianças órfãs, em zonas de conflitos entre nações, nas mais graves situações de guerra para conseguir olhar dificuldades e enxergar possibilidades. Por exemplo: viabilizar programas de adoção, encaminhar crianças mutiladas para projetos de reabilitação, constituir eco-vilas. (Discurso proferido por Audrey Kitagawa, Assistente Especial das Nações Unidas para Crianças em Áreas de

Conflito - Congresso da Rede Paz ocorrido no SESC Vila Mariana em 2003).

Olhar dificuldades e enxergar possibilidades representa para nós um lema a ser seguido, uma iluminação extra que nos oferece “*insights*” para enxergarmos quais as possibilidades de novas frentes de trabalho. Nossa proposta é que se incluam nos programas de formação docente, a possibilidade de uma agenda para a educação interdisciplinar e de estudos de projeção para o futuro. É preciso promover nos encontros, tempo para troca de experiências, observação e estudo do contexto, relatos de histórias de vida, aprofundamento nos conhecimentos, expressão das percepções e dos sentimentos utilizando esses saberes internos e externos como recursos no debate e nos estudos da teoria interdisciplinar, nas projeções do futuro e num COMPROMISSO DE TODAS AS ÁREAS para o estabelecimento de projetos em que a progressão e a interação de conhecimentos sobre a VIDA e o AMBIENTE não neguem o desenvolvimento humano e os cuidados com o planeta.

## DIFUSÃO/ANEXOS

O grupo tem disseminado a abordagem interdisciplinar no Brasil e no mundo conforme relatamos a seguir por meio de uma pequena amostra de nossas atividades:

- **8TH INTERNATIONAL CONFERENCE ON INNOVATION AND MANAGEMENT 2011 - JAPAN**

**Comunicação Oral: “Interdisciplinaridade – Um Impulso à Criatividade e Inovação”**

*Ivani Fazenda;  
Arnoldo José Hoyos Guevara;  
Christine Syrgiannis;  
Telma Teixeira de Almeida;  
Ana Lúcia Gomes da Silva*

## RESUMO

A Interdisciplinaridade e um olhar para as possibilidades do futuro nos inspiram a colocarmos nossa Atenção no aqui / agora, com a Intenção de nos abirmos à nossa Luz e aos desdobramentos de cada encontro em Celebração à Vida. A Interdisciplinaridade é uma atitude ao conhecimento que propicia integração com diferentes disciplinas, com diferentes pessoas, o encontro de cada um consigo mesmo para os naturais desdobramentos e desvelamentos que se seguem, como uma onda, articulando Teoria e Prática. Ela lida com os aspectos visíveis e invisíveis dos Estudos e Trabalhos de Pesquisa, numa aproximação por camadas, deixando o sentido emergir a partir do registro de palavras e figuras que vão sendo correlacionadas. É assim que se dá o processo de Criação, etapa fundamental para

levar ao Desenvolvimento Pessoal Sustentável – permitindo que a semente que cada um de nós é se transforme na árvore a que se destina. Colhe-se da fase de Criação alguns elementos que podem ser tecidos em uma proposta inovadora com unidade. Cada aspecto da proposta é detalhado com experiências pessoais, enriquecido com troca com outras pessoas e pesquisas que buscam convergência entre os saberes, seres e fazeres. A Consciência de Si surge e se entrelaça no conhecimento específico e sua aplicação prática. Dinamiza-se a Espiral. O processo dinâmico permite que ajustes sejam feitos sempre que necessários, trazendo Clareza e Harmonia à ação, em uma atitude ativa e receptiva. Quem sou? De onde falo? O que? Para que? Através de que? Define-se o Caminho específico para o desenvolvimento da Proposta de cada um em seu estilo próprio, com Simplicidade, Transparência e Inocência. O Desapego dos resultados acelera a Realização dos objetivos com Auto-Realização. Como Sidharta fez consigo próprio, Ivani Fazenda – um Ser de muita Luz e Amor – permite que cada um se ilumine ao esquecer que essa era sua ambição, e não segue nenhum modelo, somente sua Humildade de deixar sua própria Luz conduzi-lo.

#### • PROJETO PENSAR E FAZER ARTE

O Projeto institucional Pensar e Fazer Arte, PUCSP-GEPI, sob a coordenação do Prof. Dr. Claudio Picollo consubstancia-se na repercussão, reverberação e disseminação da educação arte e cultura. Já foram realizados mais de quarenta vídeos na TV PUC dos quais 16 já foi parte da Programação do Canal universitário, CNU. São Eles:

1. Duas entrevistas com o professor e crítico de arte Sergio Casoy;
2. Duas entrevistas com a Profa. Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda.
3. Uma entrevista com a Dr. Patricia Guardia.
4. Duas entrevistas com o Prof. Dr. Fernando Segolin
5. Uma entrevista com a professora Silvia Simone Anspach.
6. Uma entrevista com o Dr. Spartaco Ângelo Vizzotto
7. Duas entrevistas com a Profa. Dra. Maria Antonieta Alba Celani
8. Uma entrevista com a cantora lírica, professora Eloisa Baldin (Teatro Municipal de São Paulo)
9. Uma entrevista com o maestro Mario Zaccaro (Teatro Municipal de São Paulo)
10. Uma entrevista com o Prof. Dr. Ruy Cesar do Espírito Santo.
11. Uma entrevista com a Profa. Dra. Mara de Oliveira
12. Uma entrevista com a Profa. Dra. Sonia Albano de Lima

No que se refere a publicações há uma no prelo:

PICOLLO, Claudio; LIMA, Sonia R. Albano (org). Arte e Pesquisa na Pós-Graduação. São Paulo: Ícone Editora (2012)



Artigos já publicados:

LIMA, Sonia R. Albano, PICOLLO, Claudio, LIMA, Flavia Albano. The interdisciplinary reading of opera contexts: an innovative way of teaching arts in educational projects and environments, 2011. In: *RISUS*, Journal on Innovation and Sustainability, v. 2, n. 3, p. 34-43. ISSN 217903565

LIMA, Sonia Albano, PICOLLO, Claudio, ALBANO DE LIMA, Flavia. A leitura Interdisciplinar de contextos operísticos: Uma forma inovadora de ensinar arte em projetos e ambientes educacionais. In. Colombia: A Contratiempo. Revista de Música en la Cultura, n. 17, 3 série, jueves, 17 de mayo del 2012. ISSN 2145 – 1958.

• **XVII ENCONTRO INTERNACIONAL DE EDUCADORES DA AMSE – FRANÇA  
- 3 a 8 junho, 2012**

**Apresentações Orais e Colóquios Selecionados Interdisciplinaridade e Pesquisa: Sentidos e funções na Educação.**

*Dirce Encarnacion Tavares,  
Fernando C. de Souza,  
Sonia R. Albano de Lima*

**RESUMO**

Este colóquio pretende discutir com a comunidade acadêmica, o sentido e a função atribuídos às pesquisas interdisciplinaridade que trabalham com processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos no Brasil, seja em ambientes formais ou não formais. A temática contempla o sub-tema articulado no Encontro: *Pesquisa em educação e treinamento. Questões pragmáticas*. Tal abordagem leva em conta o discurso teórico e os trabalhos pedagógicos analisados e veiculados no Grupo de Ensino e Pesquisa em Interdisciplinaridade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (GEPI-PUC/SP), ligado ao programa de pós-graduação em Educação – Currículo, dirigido e coordenado pela Prof. Dr. Ivani C. A. Fazenda. Este grupo de pesquisa com trinta anos de existência teve o reconhecimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no ano de 1986. É composto de pesquisadores atuantes nas mais variadas áreas de conhecimento e tem se caracterizado como grande produtor de pesquisas na área de estudos interdisciplinares ligados à educação<sup>3</sup>.

A interdisciplinaridade na área de educação contempla diversas leituras. O GEPI-PUCSP tem como meta de pesquisa promover uma leitura de caráter fenomenológico por parte do docente, quanto à sua prática, priorizando a melhoria do ensino nos diversos ambientes educacionais e nos cursos de formação de docente. Configura-se mais propriamente como um “saber-ser” docente. O olhar deste professor é introspectivo quando analisa a sua prática, mas também é

<sup>3</sup>site: <http://www.pucsp.br/gepi/pesquisas.html>



intersubjetivo ao conectar-se com os diversos planos pedagógicos e a complexidade da sociedade contemporânea. Esses procedimentos envolvem diversas categorias interdisciplinares, entre elas: o diálogo, a parceria, o poder de reflexão com respeito às práticas pedagógicas, o respeito pela competência alheia, a coerência e equilíbrio nos procedimentos pedagógicos aplicados. Assim pensado, as observações proferidas por Y. Lenoir são pertinentes quanto ao trabalho interdisciplinar desenvolvido por I. Fazenda a frente deste grupo de pesquisa e na educação brasileira:

Esta abordagem fenomenológica da interdisciplinaridade, bem ilustrada pelos textos de Fazenda, coloca em destaque a questão da intencionalidade, a necessidade do autoconhecimento, da intersubjetividade e do diálogo (FAZENDA, 1979, 1991, 1994) e ela se centra principalmente no saber-ser, entendido como descoberta de si pelo estudo dos objetos inteligíveis e a atualização de atitudes reflexivas sobre seu agir. Coloca também em evidência que esta pessoa é inserida em uma realidade social problemática sob numerosos aspectos e que ela não pode se subtrair às questões políticas. Nesse sentido, a interdisciplinaridade traz também um projeto político no plano educativo, o de propor outras maneiras de conceitualizar a sociedade, outras abordagens da ação de formação e, assim, outras visões de relações sociais, mais respeitosas da dimensão humana (LENOIR, 2005).

Não podemos pensar numa educação informacional que prega o conhecimento sem uma finalidade prática, nem podemos conceber uma educação que privilegia apenas a prática empírica sem maiores reflexões. Como nos ensina I. Fazenda: é necessário na educação que se proceda à análise detalhada dos porquês de uma prática histórica e culturalmente contextualizada. Caminhando nesse raciocínio falar de interdisciplinaridade escolar, curricular, pedagógica ou didática requer uma profunda imersão nos conceitos de escola, currículo ou didática. A historicidade desses conceitos, entretanto, requer igualmente uma profunda pesquisa das potencialidades e talentos dos saberes requeridos ou a requerer de quem as estiver praticando ou pesquisando (FAZENDA, 2003).

Atendendo a esses objetivos, o presente colóquio abrigará alguns pesquisadores interessados em disseminar práticas pedagógicas refletidas, coerentes com a realidade sociocultural brasileira e, principalmente, capazes de formar novos docentes, conscientes da sua responsabilidade junto à educação.

## REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

LENOIR, Yves. Três interpretações da perspectiva interdisciplinar em educação em função de três tradições culturais distintas. **Revista E- Currículum**, São Paulo, v. 1, n. 1, dez-jul. 2005-2006. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ecurriculum>>. Acesso em: 30 de novembro de 2011.

- **GESTÃO ESCOLAR E DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM CONVITE PARA O DIÁLOGO**

*Marilice Pereira Ruiz do Amaral Mello*

### RESUMO

Este artigo pretende mostrar a importância de um diálogo entre as duas áreas do saber, **gestão escolar** e **docência** na Educação Infantil. Ultimamente é muito comum a preocupação com a interdisciplinaridade no momento de se fazer um projeto pedagógico de curso, e em especial nos cursos de licenciatura. Vamos nos referir aqui basicamente aos projetos de curso de pedagogia com foco na formação de professores para a Educação Infantil. Na maioria dos Projetos de Curso, verificamos a fragmentação dessas duas áreas. A gestão escolar não dialoga com a docência, agem como se fossem coisas distintas, e muitas vezes uma área desvalorizando a outra. Sabendo disso nosso artigo vem fazer um convite, aos personagens deste cenário (profissionais da educação), a um diálogo entre essas duas áreas a fim de contribuir para a qualidade do atendimento da educação infantil. Neste sentido a formação inicial tem um importante papel. Por meio da análise de dois projetos de curso de pedagogia, iremos sugerir ações possíveis para este diálogo. O que percebemos foi que existem algumas tentativas de mudança, porém a organização do currículo, a mudança constante de professores, as disputas internas em prevalecer uma concepção de formação ou outra tem dificultado este diálogo, tornando uma discussão complexa e carregada de fragmentos. A docência e a gestão escolar devem ter metas comuns em que o aprendizado dos alunos sejam pontos convergentes e a escola seja um espaço de formação permanente e dinâmico.

Palavras chave: Gestão Escolar; Docência; Diálogo; Formação de Professores.

- **O OLHAR DA CRIANÇA SOBRE A ESCOLA, A PROFESSORA E A DIRETORA POR MEIO DA INTERPRETAÇÃO DE DESENHOS**

*Marilice Pereira Ruiz do Amaral Mello*

### RESUMO

O reconhecimento da criança enquanto um sujeito sócio-histórico-cultural que não só reproduz, mas produz e transforma cultura é palco das discussões e pesquisas

*Interdisciplinaridade, São Paulo, v.1, n. 2, out. 2012.*

recentes, tanto no Brasil, como em outros países (Itália, Portugal, Inglaterra e etc). Nesta perspectiva, a escola precisa redimensionar suas práticas pedagógicas para atender esta concepção de sujeito, e uma destas ações seria ouvir o que as crianças pensam sobre a escola, os professores, os espaços por elas ocupados, o lanche e etc. Nesta concepção o objetivo deste estudo é investigar a visão que as crianças têm sobre estes espaços a partir dos pilares de uma gestão democrática, em que todos possam participar das decisões que emergem do contexto escolar, incluindo assim, a participação não só dos adultos, mas das crianças neste processo. Este trabalho é um recorte de uma pesquisa que envolveu quatro escolas de educação infantil da rede municipal de Piracicaba – SP, os participantes da pesquisa são crianças entre 4 e 6 anos de idade. Apresento cinco análises de desenhos infantis e relatos orais das crianças, a partir de suas representações sobre a escola, a diretora e a professora. Mesmo diante de tantas discussões e estudos sobre a importância da concepção de gestão voltada a participação, nesta pesquisa foi possível verificar que ainda há muito que fazer em relação a uma gestão democrática. O papel do diretor ainda é visto pelas crianças como um executor de tarefas, muitas vezes encaminhadas pela secretaria de educação. Diante disso a equipe de gestão e ao corpo docente tiveram a oportunidade de refletir sobre suas atuações; o espaço do parque que embora seja significativo as crianças é pouco utilizado pelo professor para realizar suas atividades descritas no planejamento e projeto pedagógico da escola, a questão da “lição” fortemente marcada pela sala de aula, as cadeiras enfileiradas, e outros.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Gestão Escolar; Pesquisa com Criança.

- **TRAJETÓRIAS PELOS “CAMINHOS DAS PEDRAS” NA PESQUISA INTERDISCIPLINAR: EXPERIÊNCIAS COM A LINGUA E COM A ARTE NA CULTURA INDÍGENA TERENA DE MATO GROSSO DO SUL/BRASIL**

*Ana Lúcia Gomes da Silva  
Ivani Catarina Arantes Fazenda*

## **RESUMO**

Este artigo reflete as contribuições das discussões provocadas no Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares da PUC/SP coordenado pela Professora Dra. Ivani Fazenda, as trajetórias no Grupo de Pesquisa: “A Educação Escolar Indígena: língua, raça, cultura e identidade” da UFMS/Aquidauana, coordenado pela Professora Dra. Claudete Cameschi de Souza, as experiências com a “Formação de Professores na Universidade Federal de MS/Campus de Aquidauana e, na Organização Mundial para Educação Pré Escolar de Aquidauana-Ms. Nosso trabalho tem por objetivo analisar o caminho, que denominamos “das pedras”, da pesquisa interdisciplinar no projeto Revitalizando a Cultura Terena desenvolvido na Escola Municipal 31 de Março no município de Nioaque-MS, no I Seminário Regional de Planejamento de Práticas e Pesquisas Pedagógicas Indígenas realizado pela UFMS/Campus de Aquidauana em Parceria com a Prefeitura Municipal de Aquidauana e região, ainda, nas experiências com a leitura de imagens no ensino da língua materna e língua portuguesa com alfabetizadores do

acampamento indígena “Mãe Terra” e da reserva da Cachoeirinha, município de Miranda-MS, Os procedimentos metodológicos incluíram levantamento bibliográfico, leituras e atividades de intervenção que caracterizam a pesquisa como uma “pesquisa-ação”. Para realização dos nossos trabalhos revisamos a literatura de Barbosa (2010); Ferraz e Fuzari (1993); Fazenda (1997, 2005, 2007 ); Gusdorf (2006); Pineau (2000); Silva (2005) e Souza (2006 e 2008) . Os resultados apontam, que o percurso interdisciplinar no “caminho das pedras” é rico em todos os sentidos e direções e que os sinais nos estimulam a ampliar os horizontes no valor da busca e descobertas.

**Palavras-Chaves:** Pesquisa Interdisciplinar, Arte/Cultura Indígena, Formação de Professores.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, 1998.

CABRAL, Paulo Eduardo. **Educação Escolar Indígena em Mato Grosso do Sul: algumas reflexões**. Campo-Grande MS, 2002.

CASA EM REVISTA. **Interdisciplinaridade**. Ano 2. Ed. Especial. São Paulo, novembro de 2010.

FAZENDA. (Org.) **Práticas Interdisciplinares na Escola**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. A Formação do Professor Pesquisador: 30 anos de pesquisa. **Revista e-Curriculum**, PUC-SP, v. 1, n. 1, 2005.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FERRAZ, M. H. C. de T.; REZENDE, Maria F. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

GUSDORF, George. Conhecimento interdisciplinar. In: POMBO, Olga; GUIMARÃES, Henrique M. (Org.). **Interdisciplinaridade: antologia**. Porto: Campo das Letras, 2006. p. 37-58.

PINEAU, Gaston. O sentido do sentido. In: NICOLESCU, B. et.al. **Educação e Interdisciplinaridade**. Brasília: Unesco, 2000

SILVA, Ana Lúcia Gomes. **O Ensino da Arte**: contribuições para o processo ensino-aprendizagem no município de Aquidauana. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco-MS, 2005.

SOUZA, Claudete Cameschi de. **A Educação Escolar Indígena**: língua, raça, cultura e identidade. Aquidauana/Campo Grande: PROPP/UFMS/CNPq, 2006. (Projeto de pesquisa).

\_\_\_\_\_. (Org). **Povos Indígenas**: mitos, educação escolar e realidade histórico-cultural. Campo-Grande-MS: UFMS, 2010.

# • UM DIÁLOGO SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE NO ESPAÇO DA PESQUISA E FORMAÇÃO DOCENTE: ALGUMAS ABORDAGENS

Ivani Catarina Arantes Fazenda  
Telma T. de Oliveira Almeida  
Ana Lúcia Gomes da Silva  
Ana Lourdes Lucena Sousa

## RESUMO

A disciplina *Interdisciplinaridade: desafios metodológicos à investigação interdisciplinar* oferecida no ano de 2010 no Curso de Doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/ São Paulo/Brasil constituiu como espaço de vivências contextualizadas sobre os fundamentos e práticas interdisciplinares, enquanto campo de estudos e pesquisas. Os pressupostos metodológicos da interdisciplinaridade serviram de base para nos valermos das leituras dos textos, livros, resenhas e participarmos dos diferentes exercícios, debates, diálogos e pesquisa, somados às experiências com percepções e aprendizagens significativas, que ao final foram organizados em forma de produção escrita. A reflexão sobre esse processo compõe o objetivo do presente texto, no sentido de compreender as questões ali abordadas. Com base em autores como Fazenda e outros que tratam da percepção e assumem um posicionamento de abertura para as novas possibilidades de análise do fenômeno educacional estivemos atentas para a sensibilização, a memória, as histórias de vida e o registro como proposta de novas indagações e percepções no espaço da pesquisa e formação docente.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade, Docência, Ensino, Pesquisa.



- **A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E A FORMAÇÃO DO SUJEITO: UM CAMINHO INTERDISCIPLINAR**

*Thais Floriano Ribeiro*

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo destacar a relevância da educação não-formal na constituição do sujeito, na construção do seu pensamento e na inter-relação dos saberes, encontrados em Morin (2007), onde o conceito sobre a necessidade de desenvolvimento do pensamento complexo está na idéia de que a produção científica se organizou para a categorização das disciplinas e influenciou a forma como as pessoas foram educadas e doutrinadas a pensar e agir. O pensamento, dentro desta visão, deixa de ser sistêmico, correndo o risco de levar os indivíduos à cegueira, uma vez que a dificuldade está em enfrentar a incerteza e a contradição da vida, para o qual não fomos educados. Por outro lado, a educação formal - a escola - tem um papel fundamental no desenvolvimento humano, por meio de propostas pedagógicas e ações educacionais, que se inovadoras, podem orientar e levar os alunos a viver esta mudança de pensar a complexidade. No entanto, não só a escola pode ser uma organização geradora, mas os grupos não formais, como as comunidades temáticas e outros ambientes de aprendizagem podem ser incubadores neste sentido. Nesses grupos, o indivíduo apreende um conceito e o traduz em ação na vida cotidiana, inter-relacionando os saberes e agindo sobre o mundo com o qual ele interage. Esse processo é possível pela ação interdisciplinar e que traz interferência direta na formação do sujeito, mesclando os vieses social, científico, filosófico e comportamental.

**Palavras-chave:** educação não-formal, interdisciplinaridade, sujeito, complexidade.

- **HISTÓRIA ORAL: O OLHAR INTERDISCIPLINAR E INTERGERACIONAL PARA A REVISÃO DO PASSADO E COMPREENSÃO DO FUTURO**

*Maria Helena Esteves da Conceição  
Dirce Encarnacion Tavares  
Ana Maria Ruiz Tomazoni  
Graziella Bernardi Zóboli*

### **RESUMO**

A história oral é tomada como fonte para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Faz parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permite compreender como indivíduos experimentam e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral, o que denominamos intergeracionalidade. Neste trabalho foi feita uma revisão conceitual sobre história oral, na gerontologia, na psicogerontologia e na



psicosociogerontologia, possibilitando sua utilização como metodologia de pesquisa interdisciplinar, onde se convive com alunos pré-adolescentes a idosos.

**Palavras-chave:** História Oral; Interdisciplinaridade; Intergeracionalidade; Psicosociogerontologia; Contemporaneidade.

- **PESQUISA INTERDISCIPLINAR NA PERFORMANCE MUSICAL E NA DOCÊNCIA**

*Sonia Albano Lima*

### **RESUMO**

Um olhar interdisciplinar sobre a performance e a docência musical, pressupõe uma ação investigatória que extrapola a dimensão sintática da linguagem musical. Esse olhar propõe atitudes que incorporam à prática musical e à prática de ensino, sentidos e valores que melhor evidenciam a dimensão comunicativa da música, criam novos referenciais para os processos criativos, a interpretação e a docência musical, revelam uma área de conhecimento que contribui para o desenvolvimento mais harmonioso da personalidade humana, e, atribuem um sentido hermenêutico ao fazer musical.

**Palavras-chave:** interdisciplinaridade, pesquisa, docência, performance.

- **LIVRO INFANTIL: Seis Razões para as coisas durarem mais**

*Nilson José Machado  
Silmara Rascalha Casadei  
Michele Rascalha*

### **RESUMO**

A longevidade é um das grandes marcas da natureza. Em nosso universo, os longos períodos de tempo são a chave do processo evolutivo e da diversidade. Por exemplo: em planetas situados ao redor de estrelas capazes de durar mais tempo (não milhões, mas bilhões de anos) a vida tem maiores chances de surgir, evoluir e diversificar-se. Já em planetas localizados ao redor de estrelas que esgotam seu combustível mais rapidamente, em poucos milhares de anos, a vida mal tem chances de florescer ou deixa de existir ainda no início de sua história. Além disso, a matéria que nos constitui é o resultado de incontáveis ciclos de reciclagem e transformação de matérias primas incrivelmente antigas. É fantástico pensar que os átomos de nosso corpo podem ser tão antigos quanto nosso Sol! A natureza é, por assim dizer, feita para durar! Assim, o livro "Seis Razões para as Coisas Durarem

Mais", resultado das visões compartilhadas de um matemático doutor em educação, de uma poetisa que atua como gestora educacional e de uma bióloga que se dedica ao ensino, objetiva despertar o pequeno leitor para a importância de ampliar a longevidade daquilo que nos cerca e também de aspectos que nos fazem humanos. Dentro dessa perspectiva, a obra se debruça sobre a necessidade de fazer durar desde nossos os sentimentos (como a amizade), até os utensílios que utilizamos, passando pelos recursos naturais e pela vida em nosso planeta.

- **EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: DESAFIOS, PRINCÍPIOS E A PRÁTICA INTERDISCIPLINAR**

*Andyara de Santis Outeiro*

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo lançar reflexões a respeito dos desafios e do papel da educação na ampliação de consciência humana na perspectiva do desenvolvimento sustentável da sociedade. São apontados princípios da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, que procuram impulsionar a transformação da consciência necessária para o enfrentamento dos desafios da atualidade. Destacam-se a complexidade e o pensamento sistêmico como teorias que podem contribuir para a mudança de visão de mundo do ser humano e a interdisciplinaridade como caminho viável para promover esta transformação por meio da educação.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Sustentável; Paradigma; Educação; Interdisciplinaridade.

### **DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Passados vinte anos da realização da Conferência Rio 92, que teve o mérito de sensibilizar a sociedade civil sobre os desafios do desenvolvimento sustentável, observamos que muitos deles permanecem presentes nos dias atuais. O conflito entre o modelo de crescimento econômico de base industrial e seus efeitos nocivos ao meio ambiente continua gerando problemas como urbanização crescente; crescimento populacional e desigual distribuição demográfica e econômica, uso excessivo de energias não-renováveis; consumo ilimitado de recursos naturais; desertificação do solo; contaminação da água, do ar e do solo; desflorestamento; redução da biodiversidade, entre outros. Os impactos da atividade humana no planeta e na sociedade continuam se ampliando e trazendo perspectivas desanimadoras a respeito da disponibilidade de recurso como água, solo e ar limpos para as próximas gerações, bem como qualidade de vida para todos os seres vivos.

Há uma necessidade urgente de ampliar o olhar dos indivíduos para que compreendam os impactos de suas ações na economia, na sociedade, no ambiente, nos diferentes públicos, no presente e no futuro; conscientizar e engajar as pessoas

para desenvolverem atitudes de parceria e colaboração melhorando a cooperação entre indivíduos, organizações e setores para enfrentarem juntos os desafios da atualidade. Está claro que a educação ocupa um papel central neste processo. Não por acaso, a preocupação com a superação desses desafios e o entendimento da educação como “a força motriz para que ocorra a mudança necessária”, incentivaram a Assembleia Geral das Nações Unidas a proclamar o período entre 2005 - 2014 como a *Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável*, escolhendo a UNESCO para liderar a iniciativa e elaborar um plano internacional de implementação. Assumindo que a tarefa é complexa e ambiciosa, a UNESCO declara que “o objetivo global da Década é integrar os valores inerentes ao desenvolvimento sustentável em todos os aspectos da aprendizagem com o intuito de fomentar mudanças de comportamento que permitam criar uma sociedade sustentável e mais justa para todos”. (UNESCO, 2005, p. 17).

## A EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) na concepção da UNESCO legitima os três pilares da sustentabilidade (sociedade, meio ambiente e economia), e considera o elemento cultural como dimensão de base que fundamenta a interconexão entre as três áreas. Enfatizar os aspectos culturais é importante para promover valores como respeito, tolerância, dignidade e diversidade, tendo como suporte o exercício do diálogo. A UNESCO considera que o Desenvolvimento Sustentável trata essencialmente das relações entre pessoas e entre pessoas e seu meio ambiente. Por isso, a EDS deve promover relações caracterizadas pela justiça, paz e negociação de interesses mútuos, que geram mais igualdade, respeito e compreensão.

Os valores fundamentais que a EDS deve promover incluem, pelo menos, o seguinte:

- Respeito pela dignidade e pelos direitos humanos de todos os povos em todo o mundo e compromisso com justiça social e econômica para todos;
- Respeito pelos direitos humanos das gerações futuras e os compromisso em relação à responsabilidade intergeracional;
- Respeito e cuidado pela grande comunidade da vida em toda a sua diversidade, que incluir proteção e restauração dos ecossistemas da Terra;
- Respeito pela diversidade cultural e o compromisso de criar local e globalmente uma cultura de tolerância, de não-violência e de paz (UNESCO, 2005, p. 42-43)

Ainda segundo a UNESCO (2005, p. 43), “a educação nos habilita como indivíduos e como comunidades a compreendermos a nós mesmos e aos outros e as nossas ligações com um meio ambiente social e natural de modo mais amplo.” Desta forma, a EDS deve contribuir para inspirar a crença que cada um de nós tem o poder e a responsabilidade de introduzir mudanças positivas em escala global; aumentar a capacidade das pessoas de transformarem sua visão de sociedade em realidade;

incentivar valores, comportamento e estilos de vida necessários para um futuro sustentável; ensinar a tomar decisões que levem em consideração o futuro em longo prazo de igualdade, economia e ecologia em todas as comunidades; e fortalecer a capacidade de reflexão orientada para o futuro.

Embora o documento da UNESCO traga diretrizes, objetivos, valores e características da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, não tem a pretensão de explicitar nem propor caminhos para viabilizá-la. Aliás, caso o fizesse, estaria sendo incoerente com a própria ideia de que a EDS é uma prática com múltiplos caminhos e intrinsecamente influenciada pela cultura, pelo ambiente de aprendizagem e pela linguagem do público que se deseja conscientizar. Assim, cabe explicitar alguns referenciais teóricos a que temos recorrido em nossa prática para concretizar os princípios da educação para o desenvolvimento sustentável.

## **COMPLEXIDADE E PENSAMENTO SISTÊMICO: PARADIGMAS EMERGENTES**

A consciência da complexidade dos desafios que enfrentamos e a noção de que as decisões dos indivíduos, comunidades, organizações e nações são cada vez mais interdependentes, gerando impactos que afetam a todos, nos levam a crer que a educação para a sustentabilidade só será efetiva se inspirada por teorias fundamentadas em um paradigma<sup>4</sup> diferente do que nos trouxe até aqui.

Edgar Morin (1991) considera que os paradigmas são princípios “supralógicos” de organização do pensamento, princípios ocultos que governam nossa visão do mundo, que controlam a lógica de nossos discursos, comandam nossa seleção de dados significativos e nossa recusa dos não significativos, sem que tenhamos consciência disso. Como diz Bertalanffy (1967), a visão de mundo do homem da rua é obra de Newton, Locke, Darwin, Freud, mesmo que aquele nunca tenha ouvido falar desses. Segundo Rifkin (Rifkin e Howard 1980) (*apud* VASCONCELLOS, 2002), “nosso ‘paradigma de ciência’ hoje faz parte de uma visão de mundo que [...] ainda retém muito do paradigma newtoniano do mundo como máquina, do século XVIII”. O paradigma newtoniano, que muitos chamam de paradigma cartesiano, referindo-se a Descartes (séc. XVII), molda nossa visão de mundo de forma profunda, sem que tenhamos consciência desta influência.

René Descartes (1596-1650) é considerado o pai do racionalismo, pois sua atitude científica fundamentou-se no fracionamento do mundo entre o material e espiritual, corpo e mente. Ele desejava ter um conhecimento certo, fundado e estabelecer

---

<sup>4</sup> O termo paradigma tem sido amplamente usado para se referir à forma como percebemos e atuamos no mundo, ou seja, às nossas regras de ver o mundo. Nossos paradigmas, portanto, funcionariam como filtros que selecionam o que percebemos e reconhecemos e nos levam a recusar e distorcer os dados que não combinam com as expectativas por eles criadas. Além de influir sobre nossas percepções, nossos paradigmas também influenciam nossas ações: fazem-nos acreditar que o jeito como fazemos as coisas é o “certo” ou “a única forma de fazer”. Quando nosso paradigma se torna o paradigma, o único modo de ver e de fazer, instala-se uma disfunção chamada de “paralisia de paradigma” ou “doença fatal de certeza” (VASCONCELLOS, 2002).

verdades irrefutáveis, por isso entendia que o conhecimento científico edificava-se em torno da matemática e da certeza, obtida a partir do exercício de pensar: “penso, logo existo”. Para ele, a verdade ou a certeza mora na mente, na razão. Isaac Newton (1642-1727) foi um físico e matemático inglês, conhecido por sua contribuição às leis da mecânica e à concepção de mundo como máquina. As visões destes e de outros pensadores como Bacon (1561-1626), Galilei (1564-1642) e Comte (1798-1857), moldaram o que hoje conhecemos como ciência tradicional, clássica ou moderna, que ainda segundo Vasconcellos (2002, p. 65) reflete três pressupostos epistemológicos fundamentais:

A crença na *simplicidade* do microscópio, ou seja, a crença em que, analisando ou separando em partes o objeto complexo, encontrar-se-á o elemento simples, a substância constituinte, a partícula essencial, mais facilmente compreensível do que o todo complexo.

A crença na *estabilidade* do mundo, ou seja, a crença em que o mundo é um mundo estável, que já é como é, e de que podemos conhecer os fenômenos determinados e reversíveis que o constituem, para poder prevê-los e controlá-los.

A crença na *possibilidade de objetividade*, ou seja, a crença em que é possível e indispensável sermos objetivos na constituição do conhecimento verdadeiro do mundo, da realidade (VASCONCELLOS, 2002, p. 65-66).

Segundo a autora, a partir destes pressupostos, decorrem, entre outras coisas, a atitude da análise e a busca de relações causais lineares para os fenômenos, a crença na sua controlabilidade e os esforços para colocar entre parênteses a subjetividade do cientista, para se chegar ao conhecimento verdadeiro. É da atitude simplificadora, analítica, disjuntiva, reducionista que resultam a compartimentação do saber, a fragmentação do conhecimento científico do universo em áreas ou disciplinas científicas, a fragmentação das instituições científicas em departamentos estanques. Concebendo um *mundo ordenado*, cujas leis de funcionamento, simples e imutáveis, podem ser conhecidas, o cientista procura conhecer as relações funcionais entre variáveis. A busca de descrever o mundo eliminando toda interferência do observador potencializa a ideia de que tudo que acontece no mundo é real e existe independentemente de quem o descreve.

Quando falamos de educar para a sustentabilidade, estamos falando de educar para a integração, para a não-fragmentação do pensamento. Para que um indivíduo seja capaz de integrar aspectos econômicos E sociais E ambientais ao mesmo tempo em suas decisões do dia a dia, considere os interesses de diferentes stakeholders e avalie os impactos dessas decisões no presente e futuro, é preciso que ele desenvolva uma visão que compreenda: a interdependência de tudo com tudo; as interações dinâmicas entre vários elementos de um sistema; as forças que regem e influenciam estas interações; a circularidade entre causas e conseqüências; os modelos mentais e estruturas sistêmicas invisíveis que moldam os eventos visíveis.



Precisamos de uma educação capaz de construir as bases para que o indivíduo, desde a mais tenra infância, desenvolva a habilidade de pensar em termos de conexões, relações, contexto, interações entre os elementos de um todo; de ver coisas em termos de redes, teias e comunidades. Um modelo que o capacite a ver “processos” em qualquer fenômeno, mudanças (reais ou potenciais), crescimento e desenvolvimento; reconhecer que nossas percepções são condicionadas pelos nossos métodos de questionamentos (ANDRADE, 2006).

Encontramos, no paradigma da complexidade, um caminho possível para fundamentar esta nova e necessária visão de mundo. Complexidade tem origem no latim *complexus*, o que está tecido em conjunto, como numa tapeçaria e se refere a um conjunto, cujos constituintes heterogêneos estão inseparavelmente associados e integrados, sendo ao mesmo tempo uno e múltiplo (MORIN, 1991).

Assim, para compreendermos um objeto, sujeito ou fenômeno, podemos distingui-lo, mas nunca isolá-lo do contexto em que está conectado, pois seu comportamento depende das relações e interações deste elemento com os demais. Ora mudaremos o foco para o elemento (distinção), ora para suas relações (conjunção), exercendo o que Morin chama de princípio dialógico. A **dialogicidade** é característica fundamental do pensamento complexo, capaz de unir conceitos que tradicionalmente se opõem, considerados antagônicos, e que até então se encontravam em compartimentos fechados. Expressões como “a pessoa é autônoma *ou* dependente”, “a empresa dá lucro *ou* faz as coisas do jeito certo” são exemplos de um pensamento disjuntivo ou antagonista, ao passo que no pensamento complexo, é possível ver uma pessoa como dependente e autônoma, conforme o contexto relacional, assim como é possível uma empresa agir de forma ética nos negócios e, ao mesmo tempo, gerar lucro aos acionistas.

A causalidade linear, outro princípio disseminado na ciência tradicional, proveniente da física, também é questionada na complexidade, por não se encaixar nas ciências biológicas ou humanas. Sabemos que a evolução das espécies, por exemplo, não resulta de um movimento linear, como o de um veículo que parte de uma única origem para chegar a seu destino, seguindo as leis da mecânica. É um processo muito mais complexo, mais parecido com um circuito em espiral, onde as espécies, como efeitos da evolução, também atuam como causas, que reproduzem esta evolução, interagindo e modificando-a, em movimento de **causalidade circular**.

Outro princípio da complexidade propõe uma revisão na idéia de que, para simplificar a compreensão sobre um objeto complexo, basta isolar suas partes identificando o elemento simples, a sua menor unidade constituinte. Pelo princípio **hologramático**, não apenas a parte está no todo, mas o todo também está na parte. Assim como a totalidade do nosso patrimônio genético está contida no interior de cada célula de nosso corpo, a sociedade, entendida como um todo, também se encontra presente em nosso interior, pois somos portadores de sua linguagem e cultura.

Baseado nestes princípios, Morin (2009) defende uma reforma da estrutura de pensamento, de natureza paradigmática, porque concerne aos princípios fundamentais que devem governar todos nossos discursos e teorias. Na



contrapartida a um paradigma de disjunção e redução, o paradigma da complexidade fundamenta-se sobre a distinção, a conjunção e a implicação mútua.

Faz-se necessário substituir um pensamento que está separado por outro que está ligado. Esse reconhecimento exige que a causalidade unilinear e unidirecional seja substituída por uma causalidade circular e multirreferencial, que a rigidez da lógica clássica seja corrigida por uma dialógica capaz de conceber noções simultaneamente complementares e antagônicas, que o conhecimento da integração das partes ao todo seja completado pelo reconhecimento do todo no interior das partes (MORIN, 2009, p. 20).

Vasconcellos (2002) considera a teoria da complexidade como resposta ao primeiro pressuposto da ciência tradicional, a crença na *simplicidade*. Para a autora, porém, a fim de construir uma concepção novo-paradigmática para o conhecimento, seria necessário responder ainda às crenças na *estabilidade* do mundo e na *objetividade* da construção do conhecimento.

A autora traz os estudos de Prigogine (1980) para corroborar a ideia de que a crença num mundo estável, no qual os fenômenos se repetem com regularidade foi revista e hoje se pensa um mundo instável, *em processo de tornar-se*, em transformação contínua, formado por constante auto-organização. Ele se refere ao reconhecimento da instabilidade dinâmica ou ao caos, conceito que vem modificar a formulação das leis da natureza. O nome deste cientista russo ficou associado à ideia de sistemas que funcionam longe do equilíbrio, mostrando-se instáveis, mas que por auto-organização, geram saltos qualitativos, produzindo uma nova ordem a partir da instabilidade. A partir desta descoberta, a instabilidade, que antes era sempre vista como desvio a corrigir, agora é reconhecida como condição necessária para que o ruído se torne fonte de ordem.

O terceiro pressuposto da ciência tradicional questionado por Vasconcellos (2002) diz respeito à ideia de que somente a partir da *objetividade* do observador, será possível construir o verdadeiro conhecimento. Embora a questão da objetividade já fosse objeto de discussão nas ciências humanas, por filósofos como Berkeley e Kant desde o século XVII, as coisas começaram a mudar quando este questionamento passou a surgir dentro da própria física, com o “princípio da incerteza”, de Heisenberg. O físico quântico alemão mostrou ser impossível a observação objetiva das partículas atômicas, uma vez que o próprio ato de observação interferia e alterava o objeto, em vez de captá-lo. O problema do observador, portanto, não se limita apenas às ciências humanas, mas amplia-se também às ciências físicas, que começaram a incorporar a questão da intersubjetividade na pesquisa científica.

A partir de vários experimentos sobre fisiologia da visão, os biólogos chilenos Maturana e Varela (1972), concluíram que as cores que percebemos dependem da nossa estrutura biológica e são formuladas por consenso entre uma comunidade a partir da sua linguagem. Assim, os esquimós, imersos em um mundo branco, são capazes de distinguir diferentes nuances de branco, enquanto nós somente

reconhecemos uma cor branca. A objetividade, neste caso, seria colocada *entre parênteses*, pois dependeria do ponto de vista do observador.

Vasconcellos (2002, p. 101-102) descreve três dimensões epistemológicas dos pressupostos do paradigma tradicional, aos quais se contrapõe o paradigma emergente:

Do pressuposto da **simplicidade** para o pressuposto da **complexidade**: o reconhecimento de que a simplificação obscurece as inter-relações de fato existentes entre todos os fenômenos do universo e de que é imprescindível ver e lidar com a complexidade do mundo em todos os seus níveis. Daí decorrem, entre outras, uma atitude de contextualização dos fenômenos e o reconhecimento da causalidade recursiva.

Do pressuposto da **estabilidade** para o pressuposto da **instabilidade** do mundo: o reconhecimento de que 'o mundo está em processo de tornar-se'. Daí decorre necessariamente a consideração da indeterminação, com a consequente imprevisibilidade de alguns fenômenos, e da sua irreversibilidade, com a consequente incontrolabilidade desses fenômenos.

Do pressuposto da **objetividade** para o pressuposto da **intersubjetividade** na constituição do conhecimento do mundo: o reconhecimento de que 'não existe uma realidade independente de um observador' e de que o conhecimento científico do mundo é construção social, em espaços consensuais, por diferentes sujeitos/observadores. Como consequência, o cientista coloca a "objetividade entre parênteses" e trabalha admitindo autenticamente o multi-versa: múltiplas versões da realidade, em diferentes domínios lingüísticos de explicações.

A autora considera que os pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade constituem, em conjunto, uma visão de mundo sistêmica. Em sua concepção, o pensamento sistêmico se apresenta como um pensamento "contextual", "processual" e "relacional", e ao desenvolvê-lo, o indivíduo contextualizaria os fenômenos, ampliando seu foco de observação, utilizaria mais o verbo *estar* do que *ser*, assumindo a instabilidade do sistema e reconheceria sua própria participação na constituição da "realidade", acatando, portanto outras descrições ou pontos de vista, atuando no espaço da intersubjetividade.

A partir do pensamento sistêmico, podemos perceber como as decisões tomadas por um ator participante do sistema pode afetar a todos os demais, impulsionando diferentes reações em cada um dos *nós* da teia de relacionamentos à qual pertence. Estas decisões podem ou não representar padrões mais amplos, que se repetem movidos por estruturas sistêmicas que os reforçam. As estruturas, por sua vez, são constituídas por indivíduos e organizações participantes do sistema em questão, a partir do seu conjunto de crenças e valores, ou seus modelos mentais. Senge (1990) ficou famoso ao trazer os princípios do pensamento sistêmico para a administração. Ele utiliza a metáfora do iceberg para ilustrar o processo pelo qual podemos influenciar a mudança sistêmica a partir da identificação dos modelos

mentais que regem as nossas estruturas sociais. Como coloca Senge (2010, p. 106) “o pensamento sistêmico é uma disciplina para ver o todo. É um quadro referencial para ver inter-relacionamentos, em vez de eventos; para ver padrões de mudança, em vez de ‘fotos instantâneas’”.

A intenção do pensador sistêmico não deveria ser a de controlar os eventos, ou estaria subvertendo um de seus princípios (da incontabilidade), mas tentar compreendê-los por meio da observação das interações, conexões e relações causais entre os elementos de um sistema, e assim contribuir com a mudança sistêmica. Entretanto, segundo Vasconcellos (2002, p. 166), isso só será possível se ele incluir a intersubjetividade no processo de observação, ou seja, evitar “referir-se ao observado como se existisse lá, independente dele, ocultando o fato de que o observado só existe em relação a um observador”.

Esta intersubjetividade pressupõe a postura ética de aceitarmos o outro “como legítimo outro na convivência” Maturana (1990, p. 25). Essa emoção de aceitação decorre exatamente da convicção de que cada sujeito, em sua relação com o mundo, faz emergir uma realidade de que, não havendo um critério de verdade, a única alternativa é a convivência na conversação e no respeito pela verdade do outro. Como já vimos em Vasconcellos (2002, p. 102), incluir a intersubjetividade na ciência significa admitir uma realidade multi-versa, composta por “múltiplas versões da realidade, em diferentes domínios linguísticos de explicações”.

No campo da educação, o que mais representam estas “múltiplas versões da realidade, em diferentes domínios linguísticos de explicações” do que as próprias disciplinas? É possível perceber o quanto a especialização excessiva da ciência em disciplinas estanques, organizadas de forma hierárquica a partir de pressupostos mecanicistas, forma um obstáculo à mudança de paradigma que a complexidade exige. Portanto, é válido afirmar que a educação, da maneira como está configurada, não contribui para a evolução do pensamento fragmentado ao pensamento sistêmico, condição *sine qua non* para atuarmos em direção à sustentabilidade.

## **INTERDISCIPLINARIDADE: O OLHAR AMPLIADO NA EDUCAÇÃO**

Encontramos na interdisciplinaridade um caminho possível para promover a articulação de saberes e considerar a complexidade das relações e a possibilidade de co-construção do conhecimento, a partir do diálogo entre as diferentes perspectivas pelas quais os indivíduos percebem a realidade, permitindo aos envolvidos no processo interdisciplinar ampliarem suas visões sobre os sistemas dos quais fazem parte.

Diálogo é a palavra-chave desta construção. Por tudo que tratamos até aqui, não podemos conceber uma educação voltada à sustentabilidade que não seja profundamente comprometida com o exercício do diálogo. Fazenda (2006) fundamenta a interdisciplinaridade no diálogo entre as disciplinas, os conteúdos, os

procedimentos e os participantes do processo educativo, tendo como finalidade a “readmiração e a transformação da realidade” (p. 41).

Uma reflexão verdadeiramente crítica nos possibilitará a compreensão em termos dialéticos das diferentes formas como o homem conhece. Então, a necessidade da superação da compreensão ingênua do conhecimento humano. [...] O diálogo, na equipe interdisciplinar, promove essa crítica, pois nenhum tema do conhecimento restringe-se a um campo delimitado de especialização, e, é na opinião crítica do outro que afirmarei a minha. [...] Um discurso se complementa no outro, pois a linguagem não é de um, mas de vários. Ela está entre. Isto quer dizer que não existe opinião só de um: toda a subjetividade está inserida numa intersubjetividade, toda disciplina requer interdisciplinaridade. A forma como se usa a palavra provoca abertura ou fechamento. A abertura só existe no diálogo entre as disciplinas, ou melhor, entre as pessoas que constroem o conhecimento das disciplinas (FAZENDA, 2006, p. 36-41).

A definição clássica produzida pelo Centro para Pesquisa e Inovação do Ensino (Ceri)<sup>5</sup> em 1970, conceitua interdisciplinaridade como “interação existente entre duas ou mais disciplinas”. Fazenda (2008, p. 18) reconhece a amplitude de tal concepção, quando afirma que ela “pode nos encaminhar da simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos-chave da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino, relacionando-os.” Entretanto, seus estudos sobre a terminologia correlata indicam que a diferenciação entre pluri, multi e interdisciplinaridade ocorreria de forma gradativa, tendo como amálgama desta evolução, uma determinada *atitude* das pessoas envolvidas, que pressupõe mutualidade, reciprocidade e copropriedade. Na ausência desta atitude, seria possível promover a integração de conceitos e métodos, sem nunca, porém, alcançar o patamar do verdadeiro trabalho interdisciplinar. Assim, em diálogo com autores como Georges Gusdorf e Hilton Japiassú, a autora traz a concepção de interdisciplinaridade como uma “questão de atitude diante do problema do conhecimento” (FAZENDA, 1979, p. 71).

Em nível de multi e pluridisciplinaridade, ter-se-ia uma atitude de justaposição de conteúdos de disciplinas heterogêneas ou a integração de conteúdos numa mesma disciplina, atingindo-se quando muito o nível de integração de métodos, teorias ou conhecimentos.

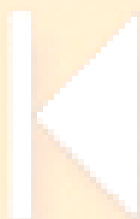
Em nível de interdisciplinaridade, ter-se-ia uma relação de reciprocidade, de mutualidade, ou melhor dizendo, um regime de copropriedade que iria possibilitar o diálogo entre os interessados. Neste sentido, pode dizer-se que a interdisciplinaridade depende basicamente de uma atitude. Nela, a colaboração entre as diversas disciplinas conduza a uma “interação”, a uma intersubjetividade como única possibilidade de efetivação de um trabalho interdisciplinar.

<sup>5</sup> Órgão da OCDE (Documento Ceri/HE/SP/7009) em FAZENDA (2008, p. 18).



[...] A interdisciplinaridade pressupõe basicamente uma intersubjetividade, não pretende a construção de uma superciência, mas uma mudança de *atitude* diante do problema do conhecimento, uma substituição da concepção fragmentária para a unitária do ser humano (FAZENDA, 1979, p. 70-71).

Retomando os atributos da UNESCO para a EDS, parece-nos adequado afirmar que há forte conexão entre o que se espera de uma educação voltada à sustentabilidade e os princípios da interdisciplinaridade. Ser interdisciplinar, no sentido de não ser uma disciplina separada, mas ser parte integrante do currículo, permeando todas as disciplinas, é a primeira característica apontada pelo documento da UNESCO para a EDS e por si só já seria suficiente para relacioná-la à interdisciplinaridade. Além dela, é desejável ainda que a EDS promova valores direcionados, favoreça o pensamento crítico e a solução de problemas, recorra a múltiplos métodos de aprendizagem, promova a participação dos alunos na tomada de decisão, seja aplicável ao cotidiano pessoal e profissional, e seja localmente relevante, traduzindo os conceitos de desenvolvimento sustentável às diferentes linguagens e compreensões. A EDS deve representar, portanto, um novo jeito de educar, mais aberto, flexível, participativo, relevante e aplicável. Conforme nos lembra Santomé:



Também é preciso frisar que apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, mais flexível, solidária, democrática. O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais freqüentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade (SANTOMÉ, 1998, p. 45)

A interdisciplinaridade propõe, portanto um tecer coletivo de saberes e olhares, mediado pelo diálogo que, segundo Fazenda (2006, p. 50) é a “única condição possível de eliminação das barreiras entre as disciplinas. Disciplinas dialogam quando as pessoas se dispõem a isso”. Desta forma, fortalecem-se as relações entre os componentes do sistema e criam-se as condições para o aprendizado coletivo e para a construção de soluções mais amplas e profundas, ou seja, sistêmicas, às questões relacionadas aos desafios da sustentabilidade.

## PRINCÍPIOS DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR

Uma vez justificada a contribuição da interdisciplinaridade para a construção de um novo olhar sobre a educação, mais alinhado aos valores e princípios da sustentabilidade, ampliamos nossa compreensão acerca do que faz uma prática educativa ser considerada *interdisciplinar*.

Assumindo a concepção de Fazenda para a interdisciplinaridade como *atitude* diante do problema do conhecimento, é razoável concluir que práticas interdisciplinares dependerão menos dos métodos ou conteúdos utilizados, e mais das pessoas

envolvidas na ação educativa. Neste sentido, procuramos nos aprofundar na questão: que atitude é essa? Que princípios deveriam nortear as práticas interdisciplinares?

Segundo Fazenda (2002, p. 11), “cinco princípios subsidiam uma prática docente interdisciplinar: humildade, coerência, espera, respeito e desapego.” Embora aparentemente simples, sabemos o quanto é desafiador para o docente, esteja ele em qualquer ambiente educativo, colocar estes princípios em prática, principalmente diante do contraste entre eles e a educação que recebemos.

A **coerência** é o princípio que inspira à busca de conexão entre o pensar, o sentir e o agir dos indivíduos envolvidos na ação educativa, seja no papel de educadores ou educandos. A articulação coerente entre os diferentes saberes, olhares e perspectivas deve ser almejada em toda prática que se propõe interdisciplinar, como menciona Giacon:

À dimensão interdisciplinar, a coerência é um dos seus princípios, é uma virtude mãe, é o fio que faz a conexão entre os fios que formam a trama do tecido do conhecimento, é uma das diretrizes que norteiam todo o seu trabalho, e não poderia ser diferente, pois ela é a amálgama entre o manifesto e o latente, entre o pensar, o fazer e o sentir.

É a coerência que dá consistência ao olhar, o agir a ao falar, que faz com que o desejo individual adquira tamanha força que seja capaz de contaminar e se transformar em vontade coletiva que se realiza. (GIACON apud FAZENDA, 2002, p. 37)

Tufano (apud FAZENDA, 2002, p. 41) ilustra a importância da coerência no ato de contextualizar, uma das principais atribuições do professor em sala de aula. Segundo o autor, “o ato de contextualizar exige a virtude primeira da interdisciplinaridade, que é a coerência entre o falar, o pensar e o agir”, esclarecendo que ao contextualizar, o autor, escritor ou professor revela tudo aquilo que a princípio pode parecer óbvio para ele, mas não para o interlocutor. Já Salvador nos inspira a compreender como a coerência pode conviver harmonicamente com a ambiguidade, a partir da perspectiva da inclusão:

Trabalhar interdisciplinarmente a ambigüidade significa trabalhar no “e”, ou seja, atuar entre forças, dimensões que tenham uma relação essencial e simultaneamente no mesmo processo, atuar de forma que se interajam e se completem, como faces de uma mesma moeda. Trata-se de aproximação em que as dimensões não perdem sua integridade, o que possibilita manter a relação todo/parte e parte/todo. [...] Atuar a ambiguidade numa ação interdisciplinar, portanto, é uma questão de abertura, de percepção frente à complexidade existente na construção de conhecimento, numa perspectiva de inclusão, assumindo as alternativas num processo interativo que se complementam, por superação. (SALVADOR apud FAZENDA, 2002, p. 44)



A busca por recuperar a unidade não se dá somente por meio do conteúdo, mas também na própria forma como se estruturam as oportunidades educativas. Atividades que promovam o diálogo aberto entre os participantes, vivências na natureza, visitas a locais que estimulem o contato direto com questões sociais e ambientais como aterros sanitários ou favelas, introdução de manifestações artísticas que despertem a sensibilidade e a criatividade, também são exemplos de intervenções interdisciplinares que podem ser utilizadas. O entendimento do ser humano como essencialmente multidimensional deve orientar o trabalho para estruturar as ações na direção de integrar coerentemente o pensar, sentir e agir de cada indivíduo.

A **humildade** é o princípio que liberta o educador da obrigação de ser o dono da verdade. É o reconhecimento dos limites de seu conhecimento, de seu olhar e de suas respostas, permitindo-se colocar na posição de aprendiz, ao valorizar o saber do outro. Segundo Alves,

A humildade é um ato de força, de quem se priva de demonstrar sua superioridade, procurando valorizar o próximo que necessita de valorização ou de brilho, o que não conseguiria se o primeiro fizesse valer sua superioridade. A postura sábia da humildade é fazer-se humilde, passar por menor, resultando em proveito para outrem, para a sociedade e até para si.

Assim como o sábio, o professor deve ser humilde. Ser humilde é estar aberto para o outro. Aceitar a presença ativa do aluno, estabelecer parcerias (Fazenda, 1991a), ouvir e escutar o que emerge das diferentes manifestações da expressão/comunicação do outro e não se considerar o centro da ação pedagógica. A humildade é uma das categorias da interdisciplinaridade, preocupada com a dimensão da totalidade tanto do conhecimento quanto do ser (ALVES apud FAZENDA, 2002, p. 63-64)

Ramos relaciona a humildade como o primeiro passo na direção da mudança, quando diz que “todo homem tem seus pontos fracos, e percebê-los representa a possibilidade de superação. Neste sentido, o impulso necessário a qualquer processo de mudança não é exterior ao homem, mas está nele, levando-o a superar seus limites.” (RAMOS apud FAZENDA, 2002, p. 70). A humildade, portanto, leva à consciência da incompletude e à busca de complementaridade no outro, permitindo a efetivação da prática interdisciplinar.

A **espera** é um princípio que se relaciona ao processo de aprendizagem dos indivíduos, que requer respeito ao tempo e ao ritmo de cada aprendiz. Cascino explora o termo em diferentes significações e traz o sentido de espera na educação, quando diz que “o professor, a professora sabe [...] que o aluno, a aluna, precisa de tempo, tempo de espera/amadurecimento para introjetar conhecimentos, torná-los seus, fazendo uso adequado daquilo que se ensinou, tornando-o parte integrante de seu cotidiano e de seus projetos de vida.” (CASCINO apud FAZENDA, 2002, p. 109).

O exercício da espera possibilita que o educador mude sua forma de enxergar o erro, como nos esclarece Valente, ao incorporar na categoria espera, o sentido de depurar:

Depurar é parte de um ciclo de aprendizagem, que se inicia com que o aprendiz é capaz de fazer naquele momento e, por meio de sucessivas depurações, pode atingir graus de compreensão cada vez mais elaborados que o levarão à aprendizagem. [...] A depuração introduz no processo de aprendizagem e, por extensão, na vida, a sabedoria de ver o erro como um bug, eliminando a conotação negativa e punitiva que tradicionalmente se atribui a algo que não está perfeito. Este modo de conceber o erro minimiza a severidade e introduz a tolerância com as coisas que não funcionam. (VALENTE apud FAZENDA, 2002, p. 119)

Como elemento central da espera, o tempo é abordado por Queluz na perspectiva da ação educativa interdisciplinar:

O tempo é vivido numa perspectiva interdisciplinar quando professores e alunos estão conscientes de que realizam um movimento de aprender que os leva a cruzarem as fronteiras entre as disciplinas, não para criar uma nova, mas para assumir o espaço do “entre”, do vazio existente entre uma disciplina e outra, para nesse espaço construir uma aprendizagem que tem, no diálogo entre as disciplinas, a força de criar um novo saber e um novo fazer antenados à dimensão crítica do tempo vivido (QUELUZ apud FAZENDA, 2002, p. 141).

**Desapego** é o princípio que permite enxergar o ponto de vista do outro, pelo olhar do outro. Não é o mesmo que abandonar nossos pressupostos em favor dos de outrem, mas sim reconhecê-los como pressupostos, ou paradigmas que moldam nossa visão de mundo, sem tomá-los como verdade absoluta. Ao perceber cada palavra ou ato do sujeito como manifestação de suas crenças e valores, podemos procurar compreendê-los antes de tentar julgá-los ou pior, subjugar-los.

O desapego é condição essencial para viabilizar a troca e a construção de novos conhecimentos e parcerias, por meio do diálogo. Heisenberg *apud* Senge (2010, p. 292) argumenta que “a ciência tem suas raízes nas conversações. A cooperação de diferentes pessoas pode culminar em resultados científicos da maior importância”. Segundo Bohm (1965), o propósito do diálogo é ir além de qualquer compreensão individual. No diálogo, os indivíduos ganham novas perspectivas que não poderiam ser obtidas individualmente. As pessoas tornam-se observadoras do seu próprio pensamento, revelando as incoerências e agregando novos elementos às suas primeiras concepções. Ele argumenta que, uma vez que o indivíduo “se fecha em uma posição” e decide que “é assim que tem de ser”, o fluxo do diálogo fica bloqueado.

Se concordarmos com Fazenda (2003, p. 30) que “o importante no processo educativo é a real comunicação, o poder de entrar em ligação”, é preciso que cada

envolvido neste processo exercite o desapego para construir novas ideias e conhecimentos a partir deste encontro.

**Respeito** é a base de qualquer relação construtiva. Já vimos que, para a Unesco, a Educação para o Desenvolvimento Sustentável deve promover, como valor fundamental, o respeito pela dignidade e pelos direitos humanos e de todas as outras formas de vida existentes no planeta. Pelo princípio da coerência, não seria possível promover o respeito como um valor, sem exercê-lo na prática da sala de aula. A atitude respeitosa do educador perante o educando e a reciprocidade permitirão a construção de uma relação de confiança mútua, que promove o desenvolvimento de ambos. Como nos coloca Josgrilben:

Uma atitude, construída com base na confiança mútua, significa a concretização de uma relação dialógica e pressupõe os aspectos: a parceria, a generosidade que leva à humildade, a dúvida, a espera, a sintonia, o resgate da beleza de aprender e viver, a poesia, a espiritualidade, o respeito ao outro, transformando a obrigação de aprender em naturalidade, o medo frente ao novo na alegria de conhecer, a submissão na liberdade, o ser passivo em agente do saber (JOSGRILBEN iapud FAZENDA, 2002, p. 86)

Diante da interdisciplinaridade concebida como atitude, depreendemos que a ação educativa interdisciplinar pode ser assim reconhecida na medida em que tiver presentes e visíveis, os princípios da coerência, da humildade, da espera, do desapego e do respeito. Na perspectiva da educação para a sustentabilidade, esses princípios relacionam-se com a complexidade e o pensamento sistêmico e podem projetar caminhos para o enfrentamento dos desafios que enfrentamos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aurélio et al. **Pensamento Sistêmico: caderno de campo: o desafio da mudança sustentada nas organizações e na sociedade**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

BERTALANFFY, Ludwig. **Robots, men and minds: psychology in the modern world**. New York: George Braziller, 1967.

BOHM, David. **The special theory of relativity**. Nova York: W. A. Benjamin, 1965.

FAZENDA, Ivani. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: afetividade ou metodologia?** São Paulo: Loyola, 1979.

\_\_\_\_\_. **Didática e interdisciplinaridade**. São Paulo: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FAZENDA, Ivani (org.). **Interdisciplinaridade**: dicionário em construção. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. (org). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. (org). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_.; VARELLA; VALERIO. O percurso interdisciplinar em parceria: teoria e encontros. **Casa em Revista: Interdisciplinaridade**, São Paulo: Fundação CASA – SP, 2010.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

\_\_\_\_\_. **Educação e complexidade**: Os Sete Saberes e outros ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SENGE, Peter. **A Quinta Disciplina**: arte e prática da organização que aprende. 26. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

\_\_\_\_\_. et al. **A revolução decisiva**: como indivíduos e organizações trabalham em parceria para criar um mundo sustentável. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

UNESCO. **Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014**: documento final do plano internacional de implementação. Brasília: UNESCO, OREALC, 2005.

VASCONCELLOS, Maria J. E. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2002.

## Proposta de uma educação para a espiritualidade

Herminia Prado Godoy<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho trata dos resultados de uma pesquisa exploratória sobre a inclusão do conceito de espiritualidade no currículo, do conceito de espiritualidade e de uma proposta de educação para a espiritualidade. No estudo exploratório foram tabuladas 21 respostas de questionários. Constatei com esta pesquisa que as definições dos colegas se encaixaram nas definições literais e nas definições de autores estudiosos da espiritualidade e pude verificar que são muitos os educadores deste nosso século que estão emprenhados no resgate para o meio educacional dos princípios e valores espirituais. Também pude perceber que a Terapia da Consciência Multidimensional (TCM) que desenvolvi, pode ser uma proposta de educação para a espiritualidade.

**Palavras-chave:** Educação, Espiritualidade e Consciência.

### INTRODUÇÃO

Pesquisa e trabalho com a espiritualidade desde 1980. Desenvolvi e trabalho desde 1990 com a Terapia da Consciência Multidimensional que trata o ser humano de forma integral, ou seja, considera o homem como: mente, corpo, emoção e espírito.

Ingressei no início de 2008 na Pós Graduação da PUC/SP como doutorando no Programa de Educação/Currículo tendo como orientadora a Profa. Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda. Concluí em abril de 2011 o meu doutorado com a tese intitulada: A consciência espiritual na educação interdisciplinar.

Realizei um projeto de pesquisa que versava sobre a “A espiritualidade na construção de um currículo interdisciplinar em Educação”. Quando nas aulas das disciplinas obrigatórias do doutorado falava para os professores e colegas o nome do meu projeto notava uma certa estranheza por parte deles quanto ao tema espiritualidade. Explicava que a espiritualidade que eu falava estava ligada às qualidades espirituais, humanidades, virtudes, tais como: bondade, generosidade, cooperação, dentre outras. Eles diziam que entendiam, porém, eu percebia algo ainda estranho, parecia que estávamos falando de diversas espiritualidades.

---

<sup>1</sup> Profa. Dra. Herminia Prado Godoy, Psicóloga, Pós Doutora em Interdisciplinaridade, GEPI; Doutora em Educação Currículo, PUC/SP e Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie e PhD em Terapia da regressão, pela AAPLE, USA. Trabalho apresentado no Encontro de Educadores: formação de professores e boas experiências pedagógicas, 12 de maio de 2012, Faculdade Messiânica, São Paulo. CONTATO: e-mail: herminiagodoy@gmail.com

Resolvi, então, fazer um estudo exploratório para saber quais eram as definições de meus colegas sobre espiritualidade e o que eles achavam sobre a inserção da espiritualidade num currículo em Educação. Com este estudo poderia saber de qual espiritualidade estávamos falando e poderia ter uma visão de quais seriam as reações, como professores, sobre a inclusão da espiritualidade na Educação.

Paralelamente decidi realizar um levantamento bibliográfico sobre o que autores das mais diversas vertentes teóricas e sobre o que educadores entendiam sobre a espiritualidade.

Neste artigo farei uma síntese dos resultados de pesquisa sobre este estudo exploratório e o levantamento bibliográfico que realizei em minha tese.

## RESULTADOS DO ESTUDO EXPLORATÓRIO

Elaborei um questionário com as perguntas abaixo relacionadas e entreguei a vinte e quatro colegas de classe:

- a) O que entende por consciência, espírito e espiritualidade?
- b) O que pensa sobre a inserção da espiritualidade em um currículo?
- c) Como pensaria na inserção da espiritualidade em um currículo?

Obtive a resposta de vinte e uma pessoas.

Quanto ao como pensariam sobre a inserção da espiritualidade em um currículo transcrevo literalmente abaixo o que me responderam:

- “Atitudes éticas, interculturalismo, equidade, igualdade, ações includentes, sociedade mais humana”;
- “Um currículo no qual prevalecessem alguns princípios como: coerência com o que se fala e faz, desapego. Um currículo voltado para a inter e transdisciplinaridade regidos pela parceria, diálogo entre pessoas e disciplinas”;
- “Reflexão sobre valores e éticas. Programa que propiciasse o exercício da solidariedade e compaixão”;
- “Respeito ao outro enquanto semelhante”;
- “Disciplinas, projetos voltados para o autoconhecimento. Reflexão de valores, condutas, posturas”;
- “Só possível se pessoas estivessem com sua espiritualidade bem resolvida, sem ser religião”;
- “Encontros, atividades que visam à elevação da consciência e a busca pela paz interior”;



- “Estudo da espiritualidade do humano sob diversos pontos de vista: filosófico, psicológico, histórico, etc.”;
- “De maneira transversal as disciplinas”; “Discutir aspectos da espiritualidade em sala de aula dependendo da faixa etária”;
- “Não ligada à religião. Deve considerar o desenvolvimento da pessoa no sentido de parar e refletir e se conhecer. Desenvolvimento da sensibilidade e solidariedade. Justiça e equilíbrio mental de si mesmo”.

Apenas um colega se manifestou contrário à inserção da espiritualidade em um currículo, os demais a colocaram como uma necessidade da mudança de atitude dos educadores, pais e alunos, considerando a possibilidade da criação de uma disciplina que discutisse ética, valores, justiça, respeito, coerência, mas não como o ensino de uma religião. Um colega falou que a espiritualidade poderia entrar no currículo de maneira transversal. Todos salientaram a necessidade do educador se autoconhecer e levar o seu aluno a também se conhecer e desenvolver suas potencialidades.

Quanto o que entendiam por: consciência, espírito e espiritualidade, 13 colegas definiram consciência como “algo racional”; “atributo do ser humano de perceber, sentir e entender fatos, atos” e “ter ciência de algo”. 8 colegas relacionaram a definição de consciência como “algo relacionado com a moral, juízo de valor, o que é certo e errado”.

A segunda palavra *espírito* foi definida por treze colegas como “sopro de vida; essência; algo transcendente; ser imaterial” e por quatro colegas como “consciência ilimitada dos seres; o que faz movimentar a alma; o que está entre o corpo físico e a alma” e por 2 colegas como “vida inteligente que dá vida ao corpo físico e sobrevive quando este morre”.

Espiritualidade foi definida das maneiras mais diversas pelos meus colegas. 4 definiram como uma “dimensão que extrapola o físico e vai da consciência ao transcendental”. Os demais colegas se referiram à espiritualidade como “crer em algo superior; em Deus”; “desapego à matéria; valorizar vida, amor”; “linha de pensamento, conduta, valores que guiam a minha ação no mundo”; “valores do espírito”; “atividade que alimenta nosso lado espiritual. Pode ser rezar, uma boa ação, música”; “termo vinculado a contextos religiosos”; “concepção filosófica da natureza e da dinâmica das coisas que conhecemos ou não. Não se explica, se sente”. Podemos observar a diversidade de denominações para espiritualidade.

Percebi que as definições dos colegas se encaixam nas definições literais e nas definições de autores que pesquisei para a realização deste trabalho e que passarei a expor no próximo item.

## CONCEITOS SOBRE A ESPIRITUALIDADE, ESPIRITUAL, CONSCIÊNCIA E ESPÍRITO

A segunda parte de minha pesquisa consistiu em buscar as definições literais e como diversos autores do meio científico entendiam os conceitos de: espiritualidade, espiritual, consciência e espírito. Obtive o que se segue como resultado deste levantamento bibliográfico.

Holanda (2002) define **Espiritualidade** como sendo a:

1. Qualidade ou caráter de espiritual.
2. Doutrina acerca do progresso metódico na vida espiritual.

Pude observar pelas definições acima que espiritualidade é tratada como uma “doutrina” do progresso na vida espiritual. Doutrina (HOLANDA, 2002) é definida como: um “conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso, político, filosófico, científico, etc.”, com isto a **espiritualidade** pode ser definida como: ***um conjunto de princípios sobre a vida do espírito.***

Espírito é definido por Holanda (2002) como a parte imaterial do ser humano; transcende à matéria e é sinônimo de alma.

Sintetizando os conceitos **Espiritual** pode ser definido como: ***relativo, ou, pertencente ao espírito por oposição a matéria; imaterial, relativo à religião, místico ou sobrenatural.***

**Consciência** [Do lat. conscientia.] é definida por Holanda (2002) como: 1. (Filos) Atributo altamente desenvolvido na espécie humana e que se define por uma oposição básica: é o atributo pelo qual o homem em relação ao mundo e, posteriormente, aos chamados estados interiores, subjetivos, aquela distância em que se cria a possibilidade de níveis mais altos de integração. (...) 3. Faculdade de estabelecer julgamentos morais dos atos realizados (...) 4. Conhecimento imediato da sua própria atividade psíquica (...) 5. Conhecimento, noção, idéia. (...) 6. Cuidado com que se executa um trabalho se cumpre um dever, senso de responsabilidade (...) 7. Honradez, retidão, probidade (...)

**Consciência moral** (HOLANDA, 2002) é definida como sendo a faculdade de distinguir o *bem* do *mal*, de que resulta o sentimento do dever ou da interdição de se praticarem determinados atos, e a aprovação ou o remorso por havê-los praticado.

**Consciência de si** que é a autoconsciência.

Faço a construção sobre o que é **consciência** da seguinte maneira: ***atributo altamente desenvolvido na espécie humana; conhecimento imediato das faculdades psíquicas; faculdade de estabelecer julgamentos; conhecimento; senso de responsabilidade e honradez.***

Para Vazques (2008) espiritualidade diz respeito diretamente à moral e até a ética. A moral porque envolve a idéia de *juízo moral dos atos praticados, ao cuidado que se executa um trabalho e ao senso de responsabilidade*. À ética porque envolve uma reflexão geral sobre o *bem e o mal*.

O ser humano em suas relações sociais, familiares, profissionais aprende o que é válido para o seu meio. Aqui está o aspecto da moral. O ser humano por imitação, repetições, reforços e/ou punições aprende o que é aceito ou não em seu meio. Assim *pensa*, com seu cérebro em seu modo de agir. Esta é uma simplificação da visão materialista da mente/cérebro adotada pelas Neurociências.

Quando se pensa em ética, já se entra em um campo da filosofia que envolve questionamentos generalizados sobre a origem da vida, sobre justiça, sobre o certo e errado, sobre o bem e o mal e no caso aqui de questionamentos sobre de onde se localiza a mente, o que é a consciência moral e ética.

A Neurociência na sua vertente materialista entende o cérebro como um processador de nossas experiências e memórias.

A vertente dos estudiosos espiritualistas traz outras explicações para mente, cérebro, etc.

Miranda (1994) trabalha com o conceito de que os dois hemisférios cerebrais têm funções distintas. Para Smith (apud MIRANDA, 1994) o hemisfério direito é responsável por tudo que é “não verbal” e o esquerdo “é o processador, por excelência, da palavra”.

Explica Miranda (1994) que ao nascer a criança traz ativo a ação de seu hemisfério direito, enquanto o hemisfério esquerdo está vazio. Neste sentido tem razão a terapia comportamental que afirma que “somos tabula rasa”. O ser é guiado pela consciência do seu hemisfério direito ou como chama o autor: a individualidade. Nos anos iniciais a consciência pertence ao hemisfério direito (individualidade), com o crescer passa a ser administrada pelo hemisfério esquerdo (personalidade).

Diz ainda Miranda (1994) que a individualidade é a exibição parcial do espírito do ser.

Pelo exposto somos um só psiquismo com atuações graduadas de consciência em múltiplas dimensões.

Defino a consciência (GODOY, 1997) como: ter ciência, reconhecer e utilizar o conhecimento que advém de nosso aprendizado proveniente de nossa personalidade e de nosso espírito.

Miranda (2005) a define como a faculdade de pensar.

Goswami (2001, p. 20) define consciência como o “substrato de tudo que existe”.

Termos como Mônada<sup>2</sup>, Hiperconsciência, Eu Real, Eu Superior, Essência ou Consciência, são denominações utilizadas pelas diversas vertentes teóricas da Ciência e Filosofia, que podem ser considerados como sinônimos de espírito.

Buzan (2005) diz que o conceito de espírito deriva do latim *spiritus*, que significa *respiração* e que na atualidade se refere à energia vital e à parte não-física que compõe o ser humano, incluindo as emoções, caráter, entusiasmo, coragem e determinação. O autor fala em inteligência espiritual e diz que esta se refere ao modo como a pessoa cultiva e desenvolve as qualidades que acima expõe e que se relaciona com a proteção e o desenvolvimento da alma, que é definida pelo Dicionário Oxford como: a identidade moral e emocional.

Zohar e Marshall (2002)<sup>3</sup> falam sobre o conceito de inteligência espiritual, qualificando-a como sendo o terceiro tipo. A primeira é a intelectual e a segunda a emocional.

A inteligência emocional fala da alma e permite que a pessoa julgue em que situação se encontra e possa se comportar apropriadamente dentro dos limites da situação. A inteligência espiritual leva o indivíduo a se perguntar se quer estar naquela situação em particular. Implica trabalhar com os limites da situação.

A espiritualidade traz de volta a busca de sentido que é a principal motivação do homem e traz de volta preocupações mais amplas com o meio ambiente, o planeta e a sustentabilidade.

Para Grof (2000) espiritualidade diz respeito às experiências diretas que as pessoas têm com aspectos e dimensão não comuns da realidade que as fazem entrar em contato com o divino, em que precisam somente da natureza e de seus corpos para atingir o sagrado.

Esta é a diferença básica para o autor entre espiritualidade e as religiões, as quais exigem um local específico e uma pessoa credenciada que funciona como mediadora, para que elas possam entrar em contato com o divino.

Dalai Lama (2000, p. 32-33) afirma que a “espiritualidade está relacionada com as qualidades do espírito humano, tais como: amor, compaixão, tolerância, paciência, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia”. Essas qualidades, segundo o autor, trazem felicidade tanto para a própria pessoa como para os outros. Qualifica-as de qualidades interiores que podem ser desenvolvidas em alto grau e que não precisam estar relacionadas com fé religiosa, qualquer sistema religioso ou metafísico.

Wilber (2007) chama a nossa atenção para tomarmos cuidado quando falamos de espiritualidade, pois implica falarmos de espiritual e que é necessário definirmos bem do que e sobre o que estamos falando.

---

<sup>2</sup> Mônada em muitas tradições gnósticas, significa "Ser Supremo" e, nesta crença, equivale ao Deus verdadeiro (Extraído da internet em 02/02/11 do site: <http://pt.wikipedia.org>).

<sup>3</sup> Dana Zohar (física e filósofa) e Ian Marshall (psiquiatra)

Vieira (1994) entende espiritualidade como tendo a ver com princípios éticos ou qualidades espirituais e Freire (2001) como o processo de conscientização.

Dussel (2007) fala de liberdade, igualdade, fraternidade, responsabilidade, alteridade e amor. Vemos aqui que um autor materialista também se refere ao comportamento, que podemos chamar de moral e que tem a ver com as qualidades ou atitudes morais promulgadas por autores espiritualistas como Frankl (1987, 2007), Maturama (2000), Goswami (2001), Zohar e Marshall (2002), Buzan (2005), Santos Neto (2006), Wilber (2006, 2007), Espírito Santo (2008), dentre tantos outros.

Pela análise dos autores acima arrolados pode-se dizer que primeiro o homem precisa despertar a força que tem dentro de si e depois passar para a ação. Primeiro é necessário que o professor se conheça para que possa exercer sua tarefa de ensinar e nesta tarefa possa despertar os potenciais de seus alunos (FAZENDA, 1991 e 1994).

## **ESPIRITUALIDADE NA EDUCAÇÃO**

Convivo com um grupo de professores e percebo que eles colocam amor no que fazem e que cada um dá a colaboração que pode para que seja construída uma Educação mais humana, mais amorosa, mais responsável e mais espiritualizada.

Cada um a sua maneira está fazendo o que pode e percebe-se que já são muitos que almejam uma Educação que forme seres humanos conscientes de suas responsabilidades para consigo mesmo, para com os outros e para com o mundo em que vivem.

Temos que conquistar uma Educação sem manipulações e manobras que nos lesem, segreguem e reprimam. Para isto temos que ter a consciência de lutar por uma Educação democrática. Nos dizeres de Dussel (2007) onde se ensine e trabalhe, desde a tenra idade a alteridade, solidariedade e libertação.

Lutarmos por uma Educação que tire de nós o melhor que temos, que acenda as nossas luzes interiores, que nos despertem a consciência para entendermos e lidarmos com nossas fraquezas e deficiências; que nos ensine desde cedo o valor da cooperação, da fraternidade, da solidariedade, da igualdade, da aceitação do diferente, enfim, uma Educação calcada em atitudes espiritualistas.

Ponce (2008) propõe uma Educação fundamentada na liberdade de pensamento, na responsabilidade e no respeito ao outro.

Severino (2001) defende a idéia da inclusão nos cursos de pedagogia da disciplina Filosofia da Educação. O educador em sua formação precisa ter um espaço para refletir e se conscientizar sobre seu projeto de vida e sobre o projeto da comunidade que está inserido.



Cury (2002, p. 2) diz que a Educação escolar é uma “dimensão fundante da cidadania”. Afirmar que é obrigação do estado proporcionar Educação básica ao seu povo, tanto crianças como adultos e que o “acesso a educação é também um meio de abertura que dá ao indivíduo uma chave de autoconstrução e de se reconhecer como capaz de opções” (CURY, 2002, p. 8).

Espírito Santo (2008) fala de uma Educação interdisciplinar e no exercício da pedagogia como uma arte: arte da vida. Acredita que o professor com atividades simples em sala de aula pode colaborar para o autoconhecimento dos alunos. É importante que saibam quem são, o que sentem, quais suas necessidades, desejos e conectem com o sagrado que existe dentro de si. O professor pode ajudar seus alunos a vencerem seus medos, suas culpas, ou seja, colaborar para que reconstruam os seus conhecimentos emocionais. Respeitando a si, enxergam e respeitam o outro e conseqüentemente podem cuidar da sociedade e do mundo que os acolhe.

Santos Neto (2006) propõe uma Educação Transpessoal que considera o ser humano integral, ou seja, seus aspectos físicos, psicológicos, sociais e espirituais. Leva em conta a objetividade e a subjetividade do ser humano. Afirmar que o homem precisa em primeiro lugar, se re-ligar internamente e à medida que faz isso sai de uma ética de auto-afirmação e passa para uma ética de integração que lhe permite vivenciar valores como: alegria, preservação da vida, cooperação, amor e diálogo.

Yared (2009) salienta a importância de o educador criar um ambiente no qual fé, cultura e vida se integram nas relações educativas.

Espírito Santo (2008) fala do renascimento do sagrado na Educação. Retornar ao sagrado, explica o autor, não significa o ensino estar atrelado a uma religião específica e sim à busca da harmonia que só é possível se for proveniente de uma visão integral do ser humano. Diz que cabe ao professor despertar a espiritualidade latente no seu aluno e considera essencial a inserção da espiritualidade no contexto educacional.

## **EDUCAÇÃO PARA A ESPIRITUALIDADE**

Existem vertentes na filosofia que oferecem uma nova ótica para a espiritualidade. É o sentido da espiritualidade como sendo uma realidade, a exposta por Kardec (1993), que afirma que somos espíritos, hoje ocupando um corpo físico com um determinado fim e propósito: a evolução. Considero (GODOY, 2005) que respondemos, também, a um desenvolvimento espiritual, que trazemos potencialidades e patologias inatas e que sofremos as influências – dessas potencialidades e patologias - em nossa forma de pensar, sentir e agir.



Um passo muito significativo para a quebra do preconceito sobre a espiritualidade como uma realidade foi dado quando o DSM-IV<sup>4</sup> criou a categoria: “Problemas Espirituais e religiosos”, que trouxe, segundo Almeida (a) (2004), o “reconhecimento de que problemas religiosos e espirituais podem ser foco de uma conduta e tratamento psiquiátrico e que muitos desses problemas não são atribuíveis a um transtorno mental”.

Pela psicologia e psiquiatria tratamos dos problemas psíquicos das pessoas. A psicologia e psiquiatria incorporando os ensinamentos da Educação podem atuar no mundo de uma forma profilática, principalmente no que se refere as doenças mentais, pois pela Educação se pode realizar uma grande conscientização social. É por este motivo que acoplei ao meu trabalho de psicoterapeuta o trabalho de educadora, de educar consciências para as realidades espirituais.

As teorias do desenvolvimento psicológico, que a maioria dos professores se valem, abordam o desenvolvimento neurofisiológico e psicológico do ser humano, porém, não levam em consideração a evolução espiritual desse ser.

Será que não precisamos, nós pesquisadores da Ciência, reconsiderar em nossa prática as patologias provenientes do espírito e da esfera espiritual, que afetam o desenvolvimento do ser humano? Qual a repercussão desses estudos na Educação?

Precisamos começar a mudar as nossas próprias atitudes e abrir nossa consciência para novos paradigmas que, como diria Frankl (1987), estão acima e além de nossa compreensão. Muito temos que investigar sobre a espiritualidade!

Defendo que à medida que a Educação visa transformar pessoas no sentido de evoluírem qualitativamente, a espiritualidade trilha o mesmo caminho. Portanto, através da espiritualidade educam-se pessoas. Pessoas que encontram sentido na sua existência. Dentro de um contexto de extrema miséria, corrupção e violência, a Educação não pode limitar-se a ser entendida somente enquanto escolaridade, e sim envolver uma visão de mundo, mais ampliada, na qual as pessoas poderão encontrar caminho(s) que lhes darão forças para acreditar que podem combater a miséria, a corrupção e a violência, com uma gama de valores resgatados da religião e de saberes aparentemente desconexos (MORIN, 2005).

A Teoria da Consciência Multidimensional Multidimensional (TCM) envolve as patologias e o tratamento a essas patologias que desenvolvemos (GODOY, 2005). Observamos na clínica muitos males que são advindos de esferas energético-espirituais e que trazem muito transtorno para a pessoa nos meios que ela habita: familiar, educacional e social.

<sup>4</sup> DSM-IV: abreviatura de **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - Fourth Edition** (Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais- Quarta Edição), publicado pela Associação Psiquiátrica Americana (APA) em Washington em (1994), corresponde à quarta versão do DSM e é a principal referência de diagnóstico para os profissionais de saúde mental dos Estados Unidos da América e de Portugal na prática clínica. É comumente também utilizado no Brasil por estes profissionais. (Extraído em 15/06/09 da internet site: <http://pt.wikipedia.org>).

A TCM trabalha para que o ser humano adquira autonomia, maturidade consciencial, realize suas tarefas existenciais, aprenda as lições que a vida lhe ensina, expanda sua consciência física e desenvolva as qualidades espirituais com base nos princípios universalistas, tais como fraternismo, solidariedade, amor, entrega, compaixão, tolerância, paciência, cooperação, bem-comum, honestidade, humildade, respeito e justiça. O objetivo é promover a autonomia e a maturidade consciencial.

Dizemos que a pessoa atingiu a autonomia e maturidade consciencial quando é capaz de suprir suas necessidades de sobrevivência, vive feliz consigo própria, tem autodeterminação, autodisciplina, autoconfiança, consegue conviver de forma harmoniosa com seu grupo social, profissional e familiar, obtém realização profissional, emocional e financeira e é consciente das interferências sociais, culturais, políticas e espirituais na sua forma de pensar, sentir e agir.

Viver a espiritualidade segundo a TCM (GODOY, 2005) significa ter uma atitude calcada em princípios de respeito a si mesmo, ao outro e ao mundo. Tem o objetivo de levar o terapeuta e seus clientes a colocarem em prática no seu dia a dia os valores espirituais, tais como: **a solidariedade, o respeito, a fraternidade, o amor, a humildade, a espera e a tolerância**, o que vem ao encontro dos princípios da interdisciplinaridade arrolados por Fazenda (2003) e que devem ser praticados pelos professores e alunos, que são: **respeito, espera, humildade, coerência e desapego**.

É um modelo terapêutico que pode ser utilizado por qualquer pessoa e considera o ser humano integral: corpo, mente, emoção, energia e espírito. Vai além do campo de estudo da psicologia, pois, apresenta fundamentação teórica e técnicas de tratamento para os transtornos energéticos e espirituais que causam disfunções na forma de agir, pensar e sentir do ser humano.

Percebi que este modelo de terapia, a TCM, implica em um grande processo de educação espiritual de consciências.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alexandre Moreira de. **Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas**. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. Departamento de psiquiatria de Medicina.

BUZAN, Tony. **O poder da inteligência espiritual**: 10 maneiras de ativar o seu gênio espiritual. São Paulo: Cultrix, 2005.

CURY, Carlos Roberto Jamil Cury. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 116, jul. 2002. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 08 out. 2008.

DALAI LAMA. **Uma ética para o novo milênio/Sua Santidade, o Dalai Lama**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DUSSEL, Enrique. **20 Teses de política**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

ESPIRITO SANTO, Rui Cezar do. **O renascimento do sagrado na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade - Um Projeto Em Parceria**. São Paulo, SP: Loyola, 1991. Coleção Educar.

FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

FREIRE, Paulo. **Conscientização; teoria e prática da libertação**. São Paulo: Centauro, 2001.

GODOY, Herminia Prado. **A consciência espiritual na educação interdisciplinar**. 2011. 113p. Tese (Doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação/Currículo: Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade). PUCSP, 2011.

\_\_\_\_\_. (Org). **Terapia da Consciência multidimensional: teoria técnicas**. Registrado Biblioteca Nacional sob o número 359.548, livro: 664, Folha: 08 em 10/11/2005, Livro não publicado.

\_\_\_\_\_. **Núcleo central eutrópico e núcleos distrópicos: um ensaio teórico e uma proposta psicoterapêutica para a consciência**. São Paulo, 1997. Monografia apresentada no curso psico-bio-física.

GOSWANI, Amit. **O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GROF, Stanislav. **Psicologia do futuro, lições das pesquisas modernas da consciência**. Niterói, RJ: Heresis, 2000.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário da Língua Portuguesa** em CD, versão 2002.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. 79. ed.. Araras: IDE, 1993.

MATURANA, Humberto. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MIRANDA, Hermínio Corrêa. **Personalidade múltipla**: o estigma e os enigmas. Obra não editada, 2005.

\_\_\_\_\_. **Alquimia da mente**. Niterói, RJ: Lachâtre, 1994.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

PONCE, Branca Jurema. **A educação em valores na escola**. In: **Anais do IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre questões disciplinares**. Florianópolis: UFSC, 2008.

SANTOS NETO, Elydio dos. **Por uma Educação transpessoal**: a ação pedagógica e o pensamento de Stanislav Grof. S.Bernardo do Campo, SP: Metodista; 2006.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanches. **Ética**. 30. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

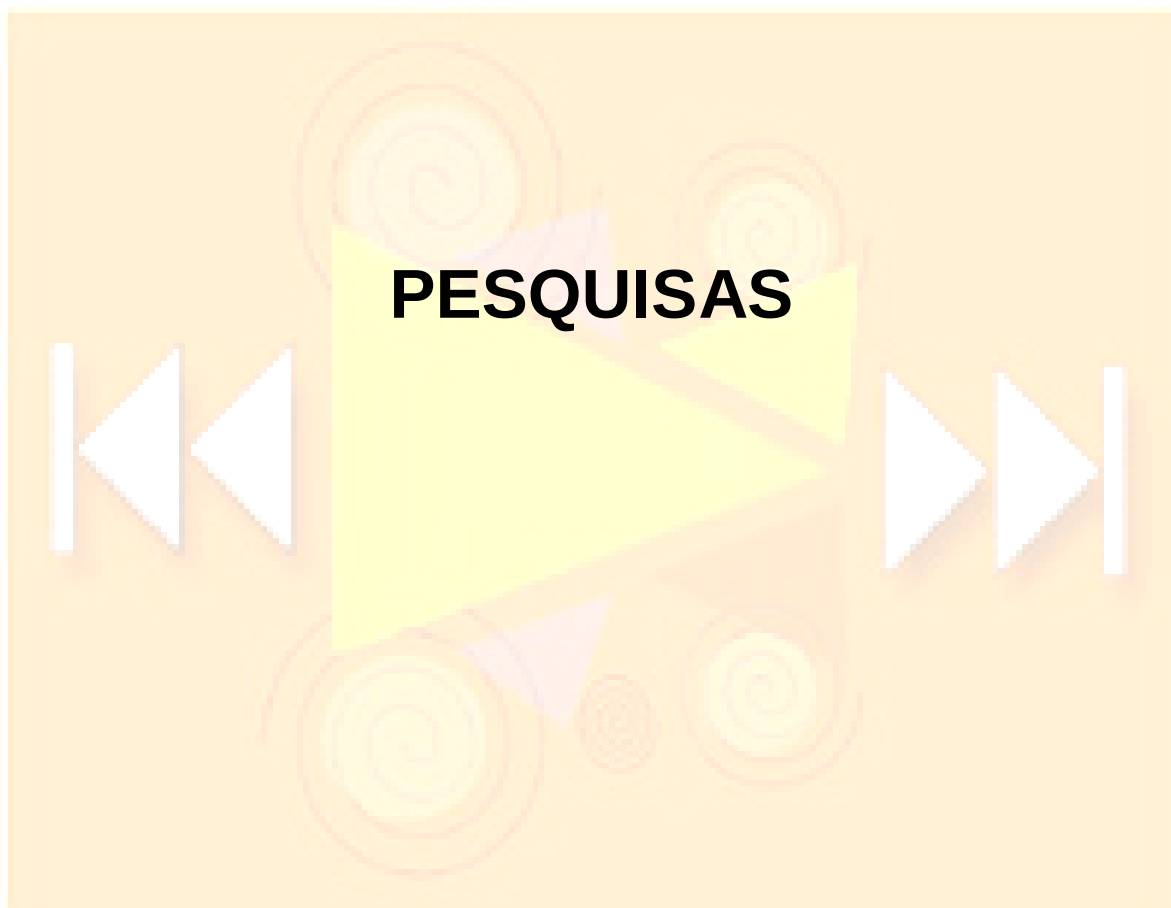
VIEIRA, Waldo. **O que é Conscienciologia**. Rio de Janeiro: Inst. Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, 1994.

WILBER, Ken. **Psicologia integral**. São Paulo: Cultrix, 2007.

YARED, Ivone. **Prática educativa interdisciplinar: limites e possibilidades na reverberação de um sonho**. São Paulo, 2009. Tese de Doutorado em Educação/Currículo, PUC/SP, sob a orientação da Profa. Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda.

ZOHAR, Danah e MARSHALL, Ian. **Inteligência espiritual**: o “Q” que faz a diferença. Rio de Janeiro: Record, 2002.

# ***INTERDISCIPLINARIDADE***



## Práticas e pesquisas interdisciplinares: diálogo aberto e permanente no GEPI da PUC/SP

*Ivani Catarina Arantes Fazenda*<sup>1</sup>

*Ana Lúcia Gomes Silva*<sup>2</sup>

*Telma T. de Oliveira Almeida*<sup>3</sup>

*Ana Lourdes Lucena Sousa*<sup>4</sup>

### RESUMO

As discussões tecidas no Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares-GEPI da Pontifícia Universidade Católica-PUC/ São Paulo em 2011 constituiu como espaço de diálogo permanente e aberto sobre os fundamentos e práticas interdisciplinares, enquanto campo de estudos e pesquisas. Os pressupostos metodológicos da interdisciplinaridade serviram de base para nos valermos das leituras dos textos, livros, resenhas e participarmos dos diferentes exercícios que, ao final foram organizados em forma de produção escrita. A reflexão sobre esse processo compõe o objetivo do presente texto, no sentido de compreender as questões ali abordadas. Com base em autores como Fazenda e outros, que tratam da percepção e assumem um posicionamento de abertura para as novas possibilidades de análise do fenômeno educacional, estivemos atentas para a sensibilização, a memória, as histórias de vida e o registro como proposta de novas indagações e percepções no espaço da pesquisa e formação docente.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade, Prática, Pesquisa, Diálogo

### INTRODUÇÃO

O presente texto é um registro reflexivo, que decorre do lugar de três pesquisadoras no GEPI da PUC/SP e do olhar pedagógico da professora Ivani Fazenda sobre os pressupostos metodológicos da pesquisa interdisciplinar. Investigando o exercício da docência e o coletivo da sala de aula, buscamos fazer a passagem da percepção para a análise do fenômeno e dessa para a interpretação e diálogo.

<sup>1</sup> **FAZENDA, Ivani Catarina Arantes:** Professora Dr<sup>a</sup> Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC/SP. Contato: [jfazenda@uol.com.br](mailto:jfazenda@uol.com.br)

<sup>2</sup> **SILVA, Ana Lúcia Gomes:** Doutoranda, Bolsista CNPq no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC/SP. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Câmpus de Aquidauana/ UFMS. Contato: [analucia.sc1@hotmail.com](mailto:analucia.sc1@hotmail.com)

<sup>3</sup> **ALMEIDA, Telma T. de Oliveira:** Doutoranda, Bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC/SP, Coordenadora do Curso de Pedagogia da FIG/UNIMESP e Professora da Faculdade de Educação Física – Guarulhos/SP. Contato: [telmateix@yahoo.com.br](mailto:telmateix@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> **SOUSA, Ana Lourdes Lucena:** Doutoranda, Bolsista CNPq no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC-SP. Contato: [analourdes.lucena@yahoo.com.br](mailto:analourdes.lucena@yahoo.com.br)



A aprendizagem da docência abarca a formação de um processo identitário, que inclui a figura de professores marcantes e das suas práticas significativas na sala de aula. No nosso caso, a produção científica do doutorado e a preocupação com a pesquisa nos colocam em alerta constante para as questões investigativas da área em que atuamos: Educação.

A provocação, desde os primeiros encontros, feita pela professora Ivani Fazenda sobre o *que a aula tem a ver com a tese?* nos alertou para aliar ensino e pesquisa no cotidiano do nosso trabalho docente, como postura e como práxis. Daí, a parceria para organizarmos o presente texto com o objetivo de rememorar o nosso percurso formativo no GEPI e refletir a respeito das descobertas e lições sobre a teoria e práticas pedagógicas no campo interdisciplinar. Para tanto, contamos com o apoio teórico da própria professora e de autores que pesquisam sobre os processos de percepção e sobre os princípios e métodos da interdisciplinaridade. Utilizamos uma metodologia que incluiu levantamento bibliográfico, exigindo muitas leituras e atividades de dialogicidade na pesquisa. Os diálogos funcionaram como suporte para compormos e compreendermos mensagens presentes na interlocução com pesquisadores na sala de aula. A relevância desse percurso é nos colocarmos como sujeitos desse processo e aprendermos com as experiências por nós vivenciadas.

## COMPREENDENDO O CONCEITO DE PERCEPÇÃO

O olhar sobre a interdisciplinaridade através da prática docente e da forma como as atividades foram conduzidas, nos levou a estudar o conceito de percepção para abordar aspectos desse comportamento. Tais encaminhamentos estão na base da leitura e dos processos que possibilitaram o desenvolvimento desse trabalho. Trilhamos um caminho que converge na interação, intervenção e pesquisa sobre nossa própria realidade.

Nessa trajetória destacamos o aluno-pesquisador como um sujeito imbuído de uma capacidade perceptiva, segundo os autores como Silva (2008) que ressalta a vivência da interdisciplinaridade nas pesquisas do Ensino Superior, sob a égide da parceria e, aponta para um tipo de pesquisa que se baseia na idéia de presença da categoria parceria e nas pesquisas assentes da interdisciplinaridade. Seus escritos nos alerta para a necessidade de encontro entre os sujeitos socialmente constituídos, que pretendem através da pesquisa interdisciplinar, aglutinar esforços no sentido de inovar não só os currículos escolares, mas também, de transformar estruturas sociais que estão a caducar, sobretudo, pela ausência da participação conjunta dos sujeitos.

Em Merleau Ponty (1999) onde afirma que todo saber instala-se nos horizontes abertos pela percepção. O autor esclarece a relação entre fenomenologia<sup>5</sup> e percepção com a indagação: O que é fenomenologia? Afirmando que essa questão,

<sup>5</sup> Edmund Husserl (1859-1938), filósofo alemão, é considerado o pai da fenomenologia. Chama-se método fenomenológico porque o campo da experiência se identifica com o da realidade, isto é, da coisa em si. Aqui, o campo da experiência é o próprio campo dos fenômenos. Cf.: MARTIN, Javier San. *La fenomenologia de Husserl como utopia de la razón*. Barcelona: ANTHROPOS editorial Del hombre, 1987

ainda precisa ser colocada, meio século depois dos primeiros trabalhos de Husserl. Nessa direção, a fenomenologia é o estudo das essências e todos os problemas, resumindo-se em definir essências: a essência da percepção e a essência da consciência. Prosseguindo com Merleau Ponty onde expõe que pensamento e linguagem relacionam-se com a expressão do ser no mundo, a palavra/fala contém significações mais amplas, do sujeito corporal, falante e não do sujeito pensante. A palavra contém atitudes, sentidos. *“Temos o poder de compreender para além daquilo que espontaneamente pensamos”* (p. 243). A significação conceitual é posterior à vivência, à significação gestual. A fala é gesto (p. 249-250). *“Os sentidos dos gestos não é dado, mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador”* (p. 251).

Essa relação está entre ver e o conhecer, envolvendo um olhar que se tornou cognoscitivo, sendo o que designa o ver, observar, examinar, fazer, ver, instruir e instruir-se, informar e informar-se, conhecer e saber. É possível dizer que a transformação acontece quando se passa da experiência do olhar à explicação racional dessa experiência, ou seja, ao pensamento acerca do ver e quando se passa do pensamento ao juízo. Nesse momento se estabelece cisão entre o olhar e a palavra, ao mesmo tempo em que se exige a fusão entre estes dois componentes do conhecimento.

O desenvolvimento de uma postura investigativa requer a análise e a fundamentação necessária para a construção de um conhecimento sobre o tema investigado. Na intenção de interpretar as complexas articulações que se estabelecem entre o pesquisador, a pesquisa e a construção do conhecimento, rememoramos Franco e Ghedin (2008) para nos ajudar nessa reflexão quando apresentam o significado do olhar do pesquisador:

[...] olhar significa pensar, e pensar é muito mais do que olhar e aceitar passivamente as coisas. Esse olhar pensante exige uma mudança de atitude diante do mundo e do modo pelo qual os fatos são configurados pela cultura. Então olhar é interpretar e perceber para poder compreender como são as coisas e os objetos investigados (FRANCO; GHEDIN, 2008, p 38).

A força das práticas interdisciplinares e a abertura que elas proporcionam como possibilidades de aprendizagens significativas sobre docência e pesquisa, ainda, os desafios propostos na leitura dos textos da professora Ivani, nos provocam a persistir na reflexão enquanto alunas/pesquisadoras: *O sentido da nossa pesquisa de tese no contexto histórico e cultural em que estamos inseridas?*

Analisando estas questões, observamos que o diálogo é o que possibilita a investigação interdisciplinar e, nos instiga a buscar saber mais para entendermos melhor este percurso, buscando elementos na história de vida, na memória e nos demais aspectos que comportam diferentes olhares sobre os nossos projetos de pesquisa. Uma dinâmica permanente e aberta nos princípios da interdisciplinaridade.

## UMA HISTÓRIA DE TRINTA ANOS DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR

Para compreender as práticas pedagógicas de abordagem interdisciplinar na atualidade, precisamos rever o percurso do desenvolvimento da interdisciplinaridade no Brasil. Para tanto, recorremos a Fazenda (2006) quando trata sobre o panorama histórico de estudos, práticas e pesquisas conduzidos por ela, enquanto professora e pesquisadora junto ao grupo de pesquisa (GEPI) que coordena. A autora fala sobre o trabalho interdisciplinar nas diversas modalidades de ensino, seus desafios e demais pesquisadores que abraçam essa abordagem metodológica, ao longo de mais de trinta anos. A interdisciplinaridade vem sendo estudada, difundida, pesquisada tanto no cenário nacional como internacional, servindo de apoio às diretrizes e bases da educação brasileira desde o final da década de setenta.

A Interdisciplinaridade é uma nova frente à questão do conhecimento, compreendendo aspectos ocultos do ato de aprender, resgatando caminhos de construção, investigando o cotidiano de professores, pesquisadores universitários, imersão total no trabalho prático/teórico e metodológico, tendo como subsídios cinco princípios que sustentam esta prática docente interdisciplinar: humildade, coerência, espera, respeito e desapego. Além dos atributos de afetividade e ousadia que movimentam as trocas intersubjetivas e as parcerias. Este movimento em ação nos remete a uma recuperação da memória em suas diferentes potencialidades, no tempo e no espaço na qual se aprende. Nas últimas décadas a interdisciplinaridade torna-se objeto central dos discursos governamentais e legais, que resultam na revisão da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 para a implantação neste ano.

A memória é um recurso muito utilizado nas mais diversas formas de sua atuação uma vez que cada registro é importante, considerando que cada pesquisa é continuação da outra.

A formação do professor pesquisador é também objeto de reflexão de Fazenda (2006). A autora resgata os percursos investigativos que foram sendo construídas no cotidiano ao longo dos trinta anos junto aos professores do ensino fundamental, médio e superior, com o objetivo de descrever o sentido do movimento provocado na pesquisa interdisciplinar em seus procedimentos metodológicos. (Re)tecendo histórias, a autora questiona sobre a alfabetização em linguagens novas, a recuperação da memória de fatos sombrios, a valorização, a linguagem singular, a descoberta de talentos, a leitura das entrelinhas, a leveza e beleza do discurso.

A atitude interdisciplinar indicada por Fazenda propõe ao professor uma prática que requer a investigação de sua própria ação docente e uma imersão no cotidiano pedagógico. Dessa forma, o conceito de interdisciplinaridade é ampliado a partir uma nova atitude diante da questão do conhecimento, da abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e de um novo olhar sobre as ciências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que esse é um primeiro passo em busca da compreensão dos processos interdisciplinares na prática docente e na pesquisa. Tecemos algumas abordagens sobre experiências vivenciadas na pesquisa, ensino e aprendizagem com o propósito de exercitar e compreender a interdisciplinaridade no seu percurso, conscientes que ainda há um longo caminho a percorrer.

A nova atitude perante o conhecimento solicitou de nós uma postura investigativa aberta à humanização, onde são considerados: o sentimento, a história de vida, a visão de mundo, tanto dos professores como dos alunos. A atitude de buscar nas entrelinhas, na intuição, na memória entre outros aspectos da vida liga-se a pesquisa sobre as próprias práticas e respectivos conceitos por nós construídos sobre o mundo, a educação e a docência.

Dessa forma, as nossas experiências como docentes serviram de base para a busca de compreensão teórica, alimentadas nas leituras e no registro das produções dos textos e outros estudos. As reflexões ofertadas pelos alunos (as) e professora, tiveram no palco a sala de aula como ponto de partida e de chegada. Constituiu-se assim, um movimento que nos aliou às aprendizagens tecidas no coletivo, o que proporcionou o crescimento individual no campo acadêmico e fora dele, indicando um novo caminhar que é pensar interdisciplinarmente, nossa própria vida.

## REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani Catarina A. (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. A formação do professor pesquisador - 30 anos. **Revista e-Curriculum**, São Paulo- PUCSP, v. 0, 2006.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2007.

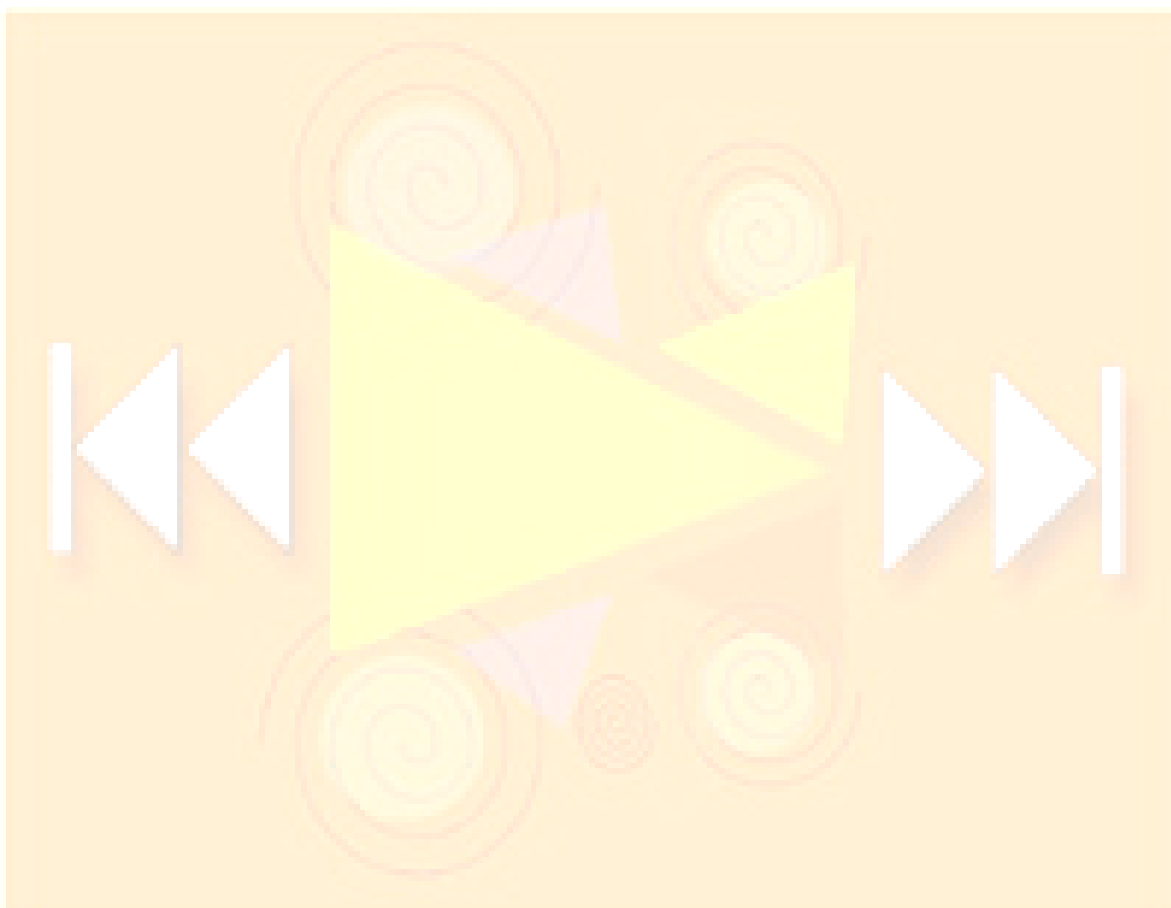
\_\_\_\_\_. **Desafios e perspectivas do trabalho interdisciplinar no Ensino Fundamental Contribuições das pesquisas sobre Interdisciplinaridade no Brasil**: O reconhecimento de um percurso.

FRANCO, Maria Amélia Santoro Franco; GHEDIN, Evandro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

POLANYI, Michael. **The tacit dimension**. Gloucester. New York: Peter Smith, 1983.

SILVA, Maria de Fátima Gomes da. Múltiplos objetos, múltiplos olhares: Perspectivas interdisciplinares da pesquisa em educação no ensino superior. **Revista do Centro de Educação e Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná**, Campus Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, 2008.



## Práticas interdisciplinares com a Agricultura Natural e seus Desarolos *Sin-cerus*<sup>1</sup> por jovens reclusos em instituição de re-socialização

Rodrigo Mendes Rodrigues<sup>2</sup>

### RESUMO

O Escopo deste trabalho é apresentar reflexões decorrentes de atividades realizadas em instituição interiorana de re-socialização de jovens que apresentaram em liberdade comportamentos “inadequados” frente aos parâmetros legais vigentes. Entre as atividades realizadas, buscou-se o amparo metodológico da interdisciplinaridade. Foram realizadas atividades visando a *biofilia*, como mecanismo para sensibilizar os jovens a práticas no meio ambiente e consequentemente o aproximar dos internos a conceitos como a *paciência*, *respeito*, *ouvir atento*, vinculados a práticas em uma horta que foi construída baseada em práticas da Agricultura Natural.

**Palavras-chave:** interdisciplinaridade; biofilia; Agricultura Natural;

### INTRODUÇÃO

As experiências que serão apontadas nesse material são o reflexo de atividades voluntárias realizadas no segundo semestre de 2009 em instituição interiorana de re-socialização.

Chegando a unidade fui questionado se teria condições de orientá-los em um projeto para a construção de uma horta em que os internos que apresentassem um “comportamento adequado”, realizassem atividades visando o sensibilizar, o caminhar para o natural. Esse convite foi ofertado tendo que em minha formação

<sup>1</sup> De “Sincero [Do lat. *Sincerus*, ‘sem mistura, sem malícia, puro’] Adj. 1 Que expressa sem artifício, sem intenção de enganar; franco, leal. 2. Que se mostra disposto a reconhecer a verdade; franco, leal (...) 3. Dito ou feito sem dissimulação: confissão sincera; depoimento sincero. 4. Verdadeiro, autêntico, puro: amizade sincera; arrependimento sincero. 5. Cordial, afetuoso. (...) 7. De boa fé; sem impostura ou malícia: As negociações se processaram de modo sincero.” (FERREIRA, 1999, p. 1589). **(o grifo é nosso)**

<sup>2</sup> Rodrigo Mendes Rodrigues: Mestrando em Educação - Currículo (PUC - SP), Especialização stricto-senso em Filosofia Contemporânea Ética (UFSJ), Especialização em Gestão Escolar (Educon) e Especialização lato-senso em Filosofia Clínica (Instituto Packter). Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de São João del-Rei (2005). Atualmente é professor da Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista (FESB) e professor efetivo da Rede Estadual do Estado de São Paulo. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética, Educação e Estética, atuando principalmente nos seguintes temas: Interdisciplinaridade, Nietzsche, filosofia, educação, cultura, cidadania, genealogia, esteticidade. CONTATO: e-mail: rodrigofilosofiaclinica@hotmail.com



acadêmica, cursei três anos do curso de engenharia agrônoma, entre outras disciplinas de cursos correlatos, na Universidade Federal de Lavras em Minas Geras. Dentre alguns motivos que fizeram com que eu abandonasse essa formação, foi o afastamento da academia-científica, com seu olhar positivista, do que seria o mais saudável para o mundo, onde temos um certo deslocamento do homem, como se este não fosse membro da natureza. Essa falta de “conexão” é um dos fatores que desenvolveu o materialismo e egoísmo humano e entre as consequências, como será demonstrado nas linhas seguintes, estão os internos dessa instituição.

Gostei muito da proposta firmada e fui ver, sentir e pensar a área selecionada, lembrando-me dos escritos de Ivani Fazenda, que sempre nos expõe que “conhecer o lugar de onde se fala é condição fundamental para quem necessita investigar como proceder ou como desenvolver uma atitude interdisciplinar na prática cotidiana” (FAZENDA, 2010, p. 3).

Foram construídos, sob orientação da direção da instituição, retângulos de alvenaria de tijolos, com cerca de uns dez metros de comprimento, um metro e meio de largura e uns quarenta centímetros de altura. Esses retângulos, futuros canteiros, foram preenchidos com terra avermelhada que necessitaria de certo trabalho de revitalização e energização, ou seja, de tempo e paciência para a realização de um trabalho, visando o processo de Agricultura Natural. Abaixo estarei descrevendo o que seria esta técnica da agricultura e respectivamente os processos e resultados alcançados.

## AGRICULTURA NATURAL

A prática da Agricultura Natural apresentou-se em minha formação como prática filosófica que contundentemente influenciaram minha visão de mundo e práticas que pudessem ser desenvolvidas durante essa pesquisa. Uma prática agrícola que me aproximou do amor a vida (*bio-filia*) e por consequência fizeram do meu expressar e estar com o outro como processo de resignificação e amorosidade.

A Agricultura Natural é definida como um sistema de exploração agrícola que se baseia no emprego de tecnologias alternativas, as quais buscam tirar o máximo proveito da natureza, das ações do solo, dos seres vivos, da energia solar, de recursos hídricos. As técnicas da Agricultura Natural fundamentam-se no método natural de formação do solo, com interferência humana em concordância às leis da natureza (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 2002, *on-line*), que seriam as próprias Leis Universais, a Verdade.

Esta forma de agricultura se iniciou e foi instituída na década de trinta pelo filósofo japonês Mokiti Okada (1882 – 1955), é desenvolvida respeitando-se os princípios da Natureza, tomando-a como modelo e obedecendo-se às suas Leis Universais. A filosofia de Okada preconiza que a Natureza, no seu estado original, é a Verdade, e deve, portanto, ser respeitada (PLANETAORGANICO, 2002, *on-line*).

Para compreendermos o que o pensador quer nos transmitir como Verdade, se coloca bem uma de suas explicações e metáforas:

Em primeiro lugar, no sofredor não há, fundamentalmente, Verdade. O homem deve ser sadio por natureza. Quando ele perde a saúde espiritual ou material, significa que deixou de ser o que era: Verdade. Tomemos por exemplo uma jarra: se ela apresentar um defeito, perdera sua utilidade. Como objeto, nela não há Verdades se deixar vazar água, se cair quando a colocarmos em pé, ou quebrar quando tentarmos usá-la. Para que a jarra possa ser utilizada, é preciso consertá-la (OKADA, 1995, p. 123).

Conforme Mokiti Okada esclarece em diversos ensinamentos, a humanidade, no curso do seu desenvolvimento, veio gradualmente se afastando da Lei da Natureza, até promover o atual estágio de degradação do meio ambiente, em nível quase irreversível de destruição.

Já em 1935, ele afirmava: “O método agrícola que negligencia o poder do solo, as plantações e a Natureza prejudica não somente o solo, mas todo o ambiente de cultivo, criando uma nova crise na humanidade”. Sua filosofia preconiza a identidade espírito e matéria, defende a tese de que o espírito é inerente, não somente aos seres humanos, mas aos animais, vegetais, enfim, a todos os seres. Sendo o solo o maior organismo vivo do planeta, é de se considerar a importância do respeito que a ele se deve ter para a preservação da vida humana, em níveis espirituais e materiais, razão por que a Agricultura Natural centra, nele, a base de seu trabalho (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 2002, *on-line*).

Mokiti Okada acreditava que a harmonia e a prosperidade de todos os seres vivos só poderia ser assegurada pela preservação do ecossistema, obedecendo-se as leis da natureza e respeitando o solo (MIYASAKA, 1983).

Baseado nessa prática, buscou-se trabalhar com o internos da Fundação Casa, a perspectiva da vivificação do alimento, levando-os a compreender que a vida pode ser expressa numa relação natural de comunhão e equilíbrio. Relação que estes vieram a apontar que nunca tinham recebido no transcorrer de suas vidas. Que nunca tinham pensado na origem de seus alimentos e como as práticas executadas para sua produção eram tão complexas, o que os levou a uma relação de **reconhecimento** pelo outro.

## **DESENVOLVIMENTO: aprendendo com a natureza, naturalmente...**

Após breve elucidação sobre a prática da Agricultura Natural, vamos aos passos desenvolvidos. As atividades na instituição tiveram como parâmetro, a libertação desse que lhes escreve, dando abertura no pensado e na relação do que poderia encontrar, na incerteza. O valorizar do incerto se mostra uma conquista da autonomia, do pluralismo de ideias e da vivência em ambientes que podem

demonstrar interpretações diversas, o que leva a evitar uma leitura fragmentada acompanhada de distorções (FERREIRA, 2001, p. 18).

Como metodologia, a interdisciplinaridade se apresentou como fundamentação para o desenvolvimento das atividades através do ouvir e falar sensível em comunhão e conexão com a *bio-filia*.

A missão ofertada foi vista como possibilidade de crescimento, de amadurecimento, de rompimento de prejuízos.

O primeiro passo para a realização das atividades, foi o estabelecimento do contato com o engenheiro e pesquisador Sr. Pedro Oda, que possui pesquisa e área de plantio alicerçado na Agricultura Natural acerca de 15 anos. Esse se mostrou animado com a possibilidade de levar aos jovens da instituição as técnicas de agricultura proferidas por Mokiti Okada. Foi marcada palestra para os internos que fossem fazer parte do projeto, juntamente com alguns funcionários que estariam dando sequência às atividades.

Ao apresentar a proposta da horticultura, alguns jovens se mostraram ansiosos para ver os resultados do plantio, o que não poderia se dar em sua completude, tendo em vista que alguns estariam saindo da instituição em poucos meses, momentos que antecederiam as relações naturais de desenvolvimento das plantas e sua colheita. Dessa forma, foi trabalhado com estes a importância da paciência frente ao respeito com a vida. Paralelamente se demonstrou aos jovens que existe na vida o momento certo para cada realização, assim como as plantas que precisam crescer, fase por fase até o seu amadurecimento.

Durante o primeiro contato com a horta, os garotos se mostraram muito felizes, e demonstraram relações *sin-ceras*. Aqui se dá o momento de esclarecer a utilização desse termo em suas relações epistemológicas que geraram a utilização desse no título. Na história da arte, temos principalmente no período renascentista, em que muitos artistas ao esculpirem suas obras no processo de criação, geravam “falhas” nas obras, e estes defeitos eram cobertos com um pó de mármore misturado a cera de vela. As obras produzidas sem esse mecanismo corretivo, eram chamadas “sem-cera” o que gerou a definição de uma obra sincera. Até os dias de hoje, ao terminarmos de escrever uma carta, utilizamos a palavra sinceramente, no sentido de boa fé, verdadeiro, sem malícia, de autenticidade.

Nesse sentido que se construiu o diálogo, a negociação, com os meninos, em que estes não emitiram ou esconderam suas “falhas”, com boa fé demonstraram confiança em colocações verdadeiras em cada relação histórica individual, foram sinceros.

Iniciando nosso diálogo, um desses chegou até mim e disse:

- Senhor, obrigado por estar aqui, faziam oito meses que eu não saía lá de dentro. Mexer no mato e na terra são até diferentes agora.

Estes jovens mexiam no mato que os rodeavam e levavam a terra até a altura de seus rostos para sentir seu cheiro. Fiquei deverás impressionado, com estas

atitudes. O valor atribuído por estes, no sentido de que o cárcere os deixou distantes das coisas mais simples, naquele momento pareciam ter um estima muito maior do que o dado antes do encarceramento, dos fatos do cotidiano.

Ao mexerem na terra, estes vinham até mim para mostrar os pequenos insetos que encontravam na terra. Eu explicava com muito carinho e calma, da importância daqueles insetos para o equilíbrio daquele pequeno eco-sistema. Um dos meninos me chamou correndo para mostrar uma lacraia branca que encontrou embaixo de um dos torrões e me afirmou:

- Senhor, vou matar, deve fazer mal.

Usando minha intuição do momento<sup>3</sup>, sem compor ou decompor, disse a ele que não o fizesse e chamei os outros meninos para ver o inseto e lhes expliquei que a vida, desde a mais ínfima até a mais complexa, é importante e deve ser preservada. Que todas as coisas do mundo se encontram em uma relação de interdependência. Que muitas vezes julgamos pela aparência, assim como a sociedade fazia com eles, que por aquele inseto ser diferente ou feio, não significava que deveriam temê-lo, mas respeitá-lo dentro de uma dinâmica de equilíbrio da vida. Os meninos consentiram com a cabeça, mostrando que compreenderam ou sentiram as palavras brotadas. Em seguida, o menino pediu autorização a um dos guardas que nos acompanhava na atividade, para levar o inseto a um monte de terra distante de onde estávamos, para que ninguém pudesse pisá-lo por descuido.

Esses procedimentos fizeram com que eu sorrisse acreditando em melhores momentos, lembrando que todos somos humanos frente à metamorfose de influências sócias e pessoais. Trouxeram-me esperança e desejo de continuar com trabalhos visando à *bio-filia*.

## IN-CONCLUSÕES

Deve-se ao olhar para o “movimento social” que nos circunda, com o mínimo de prejuízo, na perspectiva de ausentar-nos, buscar alhures na distância, numa visão de autenticidade no interdisciplinar, pois “a interdisciplinaridade permite-nos olhar o que não se mostra e intuir alcançar o que ainda não se consegue, mas esse olhar exige uma disciplina própria capaz de ler nas entrelinhas” (FAZENDA, 2000). Assim, como nosso maravilhoso literato brasileiro, Machado de Assis, olhamos os personagens da vida de cima, de longe, para posteriormente fazer uma análise

<sup>3</sup> Referência Henri Bergson (1849 – 1941), que afirma que devemos fazer mais uso de nossa intuição, numa relação de transcender a esfera do inteligível, de forma criativa buscar os limites, o *élan vital*, numa apreensão imediata sendo evidenciada pela experiência interior. Essa proposta de caminhar da humanidade em busca de uma verdade metafísica pode ser bem vista na seguinte frase do pensador: “Finalmente, aparece no homem, embora só em forma de fugazes arranques, a *intuição*, na qual o instinto se tornou desinteressado e capaz de reflectir sobre si mesmo. Além disso, o homem é livre. Todo este curso evolutivo conduz, portanto, a libertação da consciência do homem, e este aparece como o fim último da organização vital sobre o nosso planeta” (BERGSON, 2001).

crítica e o mais holística<sup>4</sup> possível, uma visão do todo e simultaneamente observar as partes, integrais, e indissociáveis. Feito um anjo, observar de cima, do canto no teto de uma sala, vendo o acontecido e julgando como um demônio, sim, um anjo – demoníaco.

Mas, afinal, ao adjetivar-nos como anjo - demoníacos, o que podemos perceber de nossa atual relação social-educacional e como uma de suas consequências, o encarceramento das almas que apresentam um comportamento inapropriado as normas sociais?

Não se pode deixar de comparar o passado de gerações, com a atual perspectiva de nossos adolescentes. Claro, visamos o futuro. Queremos trabalhar o solo, pairando com as palavras dos sábios (como as de Mokiti Okada), com o contato da estesia, visamos regar as 'sementes'. Sabemos que algumas serão férteis é por essas que devemos lutar. Acreditar. Viver. Um futuro melhor não pode deixar de ser uma luta acadêmica, um melhor construído por sementes que gerarão, potencialmente, novas sementes.

Não podemos encarar nossa atual situação social de forma pessimista, mas sim, de forma realística-shopenheuriana, e lembrando de Shakespeare, em que afirmou: "um dia se descortinará o verdadeiro drama divino, em que o palco, será nosso planeta". Aparentemente apocalíptico, mas uma possibilidade. Possibilidade gerada pelo próprio ser humano, em que desde o neolítico de sua história, nunca enfrentou momento como esse que assola nosso globo. As consequências do aquecimento global estão a gerar como probabilidade a extinção *voluntária* de nossa espécie. Esse fator provoca na formação dessa geração uma perspectiva muito negativa com relação ao futuro. Já apresentam, em sua maioria, uma falta de objetivos, de possibilidades para visualizar um destino, de lançar-se para, resumidamente, um vazio existencial que se expressa em várias estruturas, como as educacionais, profissionais, de convívio familiar, políticas, religiosas...

Essa esperança deve partir do educador, não desanimar frente à realidade, continuar buscando através da construção de novos valores, da transvaloração. Nosso futuro como espécie deve estar alicerçado em bases sólidas, educacionais, culturais e cidadãs.

Segundo Morin (2000, p. 36) a problemática universal na formação desse cidadão do novo milênio é o de obter acesso às informações sobre o mundo e como ter a

---

<sup>4</sup> "As concepções holísticas surgiram na epistemologia no século passado defendendo uma perspectiva *top-down*, ou seja: de que a compreensão dos fenômenos deveria processar-se a partir da compreensão do funcionamento – como um todo – do sistema observado. Deste modo, a causalidade fenomenal descritiva teria sempre que remeter para a unidade sistêmica" (...) "os fundamentos do conhecimento humano são de índole não-ontológica, de índole biológica, histórica e social, ou seja: remetendo, nas palavras de Quine, para uma 'epistemologia naturalizada'" (...) "ainda que observacionalmente a informação passível de aprendizagem seja dirigida para a dimensão cognitiva, ela só se tornará realmente fonte de aprendizagem se for filtrada, metabolizada e incorporada na unidade complexa do indivíduo, isto é, se for alastrada como uma metástese por todas as áreas bio-psico-socio-linguístico-ético-espirituais do ser humano em questão." (OLIVEIRA, p. 2-4).



possibilidade de articulá-las, organizá-las, percebendo e concebendo o contexto, o global, o multidimensional, o complexo. Essas relações exauram as comuns analogias com a ética, uma ruptura epistemológica e paradigmática, de uma nova visão para com o homem e seus 'irmãos' e com o planeta-vivo, com Gaia. Essas relações surgirão pela necessidade, e o nosso papel como educadores é o de abalizar os pontos e tentar ligá-los, irrigar as sementes acreditando no pôr-vir. Nesse sentido a Agricultura Natural apresentou-se, com suas relações de bom convívio com as Leis da Natureza, um alicerce para iniciar as relações com os jovens na "reintrodução" emotiva consigo e com o próximo. Próximo no sentido mais amplo, no próximo vivente, animais, plantas, bactérias e em com toda a matéria absorvente de energia cósmica...

O fazer com – responsabilidade, em que com o contato com a terra, com as plantas e árvores em crescimento e posterior plantio, se tem a formação, ou mesmo, a re-estruturação de valores. Esta relação, entendida por O. Wilson de *bio-filia* (apud. CAPRA, 2006, p.73), seria a capacidade presente em todos os seres humanos de se inter-relacionar com os aspectos da natureza, sendo mais acentuada, segundo Wilson, nas crianças e adolescentes.

Segundo as observações práticas, a *bio-filia* seria uma relação mais presente entre crianças e adolescente, público alvo do trabalho desenvolvido, devido a estes ainda não caírem nas malhas da ilusão, do chamado 'Véu de Maya'<sup>5</sup>, que nada mais seria que o preenchimento durante anos e mais anos, na mente do adulto, de conteúdos e paradigmas do como ver e relacionar-se com o mundo que o rodeia. Como pode se observar nos escritos de Silva (2005, p. 36) em que "nossa visão de mundo literalmente está condicionando nossas ações. É necessária nossa intervenção clara para rever nossos conceitos, nossos procedimentos, nossos sentimentos, nossas reações automáticas", buscando a 'luz', 'saindo da caverna'<sup>6</sup> em busca da *Phainestha*<sup>7</sup>.

Devido a estes procedimentos de nossa espécie, a esta visão turva da realidade, que hoje a sociedade contemporânea situada em um momento de transitoriedade do

<sup>5</sup> "Segundo Zimmer, 'Maya denota o caráter insubstancial e fenomênico do mundo por nós observado e manipulado, bem como o da própria mente e, ainda, das camadas e faculdades conscientes e subconscientes da personalidade'. [ZIMMER, H. *Filosofias da Índia*. SP: Palas Atena, 1986, p.26]. De acordo com Campbell, compilador da obra de Henrich Zimmer, 'Maya', da raiz *ma*, 'medir, formar, construir', denota, em primeiro lugar, o poder de um deus ou demônio em produzir efeitos ilusórios, mudar de forma e aparecer sob máscaras enganosas. [...] *Maya*, na filosofia vedantina, é especificamente a ilusão sobreposta à realidade como efeito da ignorância'. [Idem, p.46, nota]. Vale lembrar que, para esta tradição, o caráter ilusório próprio ao mundo fenomênico não significa, no entanto, que este seja totalmente desprovido de realidade, mas, sim, que este seja o modo de conhecimento da realidade enquanto permanece a ignorância (*avidya*). Tomar o mundo fenomênico como ilusório no sentido de inexistente, tal como os unicórnios, é um equívoco comum aos iniciantes dessa tradição, ou aos leitores desavisados" (*O "pensamento único" da Metafísica da Vontade: as questões da ética e da liberdade*. Disponível em: <[http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG\\_0599.EXE/7206\\_3.PDF?NrOcoSis=20536&CdLinPrg=pt](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/7206_3.PDF?NrOcoSis=20536&CdLinPrg=pt)>).

<sup>6</sup> Referência a alegoria da caverna de Platão, ver *A Republica*, capítulo V.

<sup>7</sup> *Phainesthai* (grego: "mostrar-se" ou "estar na luz"), o modo como às coisas se apresentam, desvelamento, rompimento do "Véu de Maya".



pensar, mergulha em busca do refletir os constantes questionamentos que afloram em torno de todas as áreas, como já nos disse o Zaratustra de Nietzsche, “é necessário ter em si, ainda, o caos<sup>8</sup>, para parir uma estrela dançante. Eu vos digo: vós tens ainda o caos dentro de si” (NIETZSCHE, 1957, p. 12).

Esse aparente caos exterior é derivado desse caos interior, da consciência do homem, das formas de se situar e ver através do ‘véu de maya’. Mas o que não alvitra são das necessárias transformações de nossos valores, “normas, princípios ou padrões sociais aceitos ou mantidos por indivíduo, classe, sociedade[s], etc” (FERREIRA, 1999, p. 2044).

Nossa espécie em seu processo histórico não apresentou, significativamente, situações que buscassem um melhor relacionamento com nossa ‘mãe Gaia’. Vemos expressos nas propostas políticas, educacionais, nas relações científico-tecnológica, da cultura alimentar, do religioso, da relação entre os homens consigo e com o mundo que o cerca, um limitar (o mero negar do *dasein*<sup>9</sup>), um afastar, que caminha a um vazio existencial, a um niilismo, como já nos apontaram Nietzsche e Foucault.

Com esse vazio que caminhamos em nossa aceitação, deparamo-nos com uma geração ‘internáutica’ que cada vez se isola mais do mundo, no contato com o outro e por que não consigo mesmo. Uma visão moderna de cisão, parcializando o mundo e a vida, desarmonizante, partes fragmentadas da existência que pode ser enquadrada como doença grupal, que vai além da tão comum esquizoidia para celeremente chegar ao limite, perigoso, de uma esquizofrenia coletiva (DUARTE, 2000, p. 70). A geração “internautica” contemporânea encontra-se em situação de perdição frente a tantas informações, velozes, tecnológicas, alternantes, desamparados por não saberem como estas podem ser úteis no dia a dia, nas relações estabelecidas de um por vir, devir que amenize as angustias existenciais.

<sup>8</sup> “Caos: propriamente: abismo hiante. Estado de completa desordem anterior à formação do mundo e a partir do qual se inicia tal formação do mundo, segundo a mitologia. Diz Hesíodo “Antes de todos os seres houve o Caos, depois a Terra de largo seio” (Teogonia, V, 116)” (ABBAGNANO, 2000, p. 380). “Comportamento praticamente imprevisível exibido em sistemas regidos por leis deterministas, e que se deve ao fato de as equações não-lineares que regem a evolução desses sistemas serem extremamente sensíveis a variações, em suas condições iniciais; assim, uma pequena alteração no valor de um parâmetro pode gerar grandes mudanças no estado do sistema, à medida que este tem uma evolução temporal” (FERREIRA, 1999, p. 394).

<sup>9</sup> A palavra **Dasein** vem do Alemão e significa *Ser-aí*. O **Ser-aí** expressa o imediatismo e o inevitável, características da condição existencial. O “**aí**” é a abertura para o mundo iluminado e compreensivo. A característica básica do *Dasein* é a sua abertura para perceber e responder a tudo aquilo que está em sua presença. A utilização do termo **Dasein** é contemporânea, surgindo como fenômeno, isto é, como algo que se mostra a si mesmo. O Filósofo e Pensador, Martin Heidegger, re-significou a palavra *Dasein* para a expressão **ser-no-mundo**. “Ser” e não “Estar”; no sentido de existência e co-existência, e não de permanência ou passagem. Não se trata do homem interagir com o mundo, pois nesse caso daria a entender que pessoa e o seu ambiente são coisas distintas. Trata-se da relação e co-existência e até interdependência, entre pessoas e/ou ambiente, isto é entre “Daseins” [o grifo é nosso] SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Novas Perspectivas para a Psicologia Clínica: um estudo a partir da obra “Saint Genet: comédien et martyr” de Jean-Paul Sartre*. Disponível em: <<http://www.psiclin.ufsc.br/Tese%20Daniela%20Schneider%20em%20PDF.pdf>>.

Alusão bem posta pelos pensamentos de Félix Guattari, que a nossa atual crise global necessita de uma autêntica revolução política, social e cultural, re-orientando os objetivos das produções de bens materiais e imateriais, e com certeza da relação entre sujeito-objeto-sujeito. Essa relação deve se traçar no construir-destruindo, não só nas relações de forças visíveis em grande escala, mas também visando os domínios moleculares do sentir, do inteligir e do desejar (GUATTARI, 1990, p. 9).

O nosso estar-no-mundo acompanha uma necrose de nosso Bem sentir o mundo. Os sentidos são menosprezados em favor de um alinhamento da produção do pensar racional, se fazendo *sui generis* um re-alinhamento. Para o questionamento levantado Hillman aponta que:

queremos o mundo porque ele é bonito, seus sons, seus cheiros e suas texturas, a presença sensorial do mundo como um corpo [obs. pessoal: entendendo corpo em sua forma de intercorporeidade, além da consciência intencional, merleau-pontiana]. Resumindo, por baixo da crise ecológica está a crise mais profunda do amor: que nosso amor tenha abandonado o mundo, que o mundo esteja desamado, é o resultado direto da repressão da beleza, de sua beleza e de nossa sensibilidade para ela. Para que o amor retorne ao mundo, é preciso, primeiramente, que a beleza retorne, ou estaremos amando o mundo só como uma obrigação moral (HILLMAN, 1993, p. 131).

A citação nós insita a pensar que esse buscar de um novo amor, um amor Gaico<sup>10</sup>, deve ser acompanhado de uma re-educação, um re-educar dos sentidos (alinhamento da estesia<sup>11</sup>), a somatória de uma transvaloração dos valores. O destruir o edifício social, com todos os seus *êthos* e *éthos*<sup>12</sup>, buscando de seu terreno, de seus alicerces, um re-construir de um novo hábitat, com novas formas de habitá-lo (senti-lo), relacionar-se (estar-no-mundo).

E qual seria o papel do educador?

O momento histórico é o de re-pensar o mundo, deixando gotículas do vivido para que os que virão (“Crianças Índigos”<sup>13</sup>), possam fazer uso de todos os erros e

<sup>10</sup> De *Gaia*, *Géia* ou *Gê* era a deusa da Terra, na antiga Grécia era o elemento primordial e latente de uma potencialidade geradora quase absurda. Atualmente temos com relevância a teoria ou hipótese Gaia, tese que sustenta ser o planeta Terra um ser vivo, afirmando que a biosfera do planeta é capaz de gerar, manter e regular as suas próprias condições de meio-ambiente. As reações do planeta às ações humanas podem ser entendidas como uma resposta auto-reguladora desse imenso organismo vivo, *Gaia*, que sente e reage organicamente.

<sup>11</sup> “Estesia: [Do gr. *aisthesía*.] Sentimento do belo, sensibilidade” (FERREIRA, 1999, p. 834).

<sup>12</sup> “*Éthos*: ‘caráter de alguém’; *êthos*: ‘o conjunto de costumes instituídos por uma sociedade para formar, regular e controlar a conduta de seus membros’” (ABBAGNANO, 2000, p. 380). Obs.: A palavra ética tem sua etimologia do grego *ethos*.

<sup>13</sup> “Uma Criança Índigo é aquela que apresenta um novo e incomum conjunto de atributos psicológicos e mostra um padrão de comportamento geralmente não documentado ainda. Este padrão tem fatores comuns e únicos que sugerem que aqueles que interagem com elas (pais em

acertos cometidos, e assim, e só assim, possam construir algo novo, repleto de um novo amor, de um novo olhar do mundo e com o mundo. Para tanto, nosso olhar frente a esta realidade deve modificar-se, nosso olhar repleto de conceitos herdados, deve sorrir um sorriso de esperança. As crianças e jovens que apresentam algum “distúrbio” de comportamento rotulados pela sociedade, devem ser encarados de outra forma. Inicialmente deve-se buscar ouvi-los, saber de sua historicidade frente a esta realidade tão tenebrosa que se debruçam no crescer e desenvolver de seus atos.

Em segundo momento o colocar-se em um movimento de empatia, e refletir: Como eu agiria se vivenciasse as mesmas situações? Será que não cometeria os mesmos delitos ou piores? (dando um chute na canela de Sartre<sup>14</sup> ... e afirmando a liberdade transcendente de Karl Jasper<sup>15</sup>) Até que ponto a liberdade não esta condicionada aos fatores do social, do vivido e dos limites? Em que sentido uma sociedade, com suas bases do consumismo e do totalitarismo, não produz e necessita desses jovens? Como demonstrar a estes jovens, objetivos, antes de cometerem os delitos e serem conduzidos a instituições de re-socialização? Como trabalhar com estes jovens, após sua saída dessas instituições? (algo além da liberdade assistida). Visando a sua reinserção, “adequação” as normas sociais.

Buscamos mecanismos para uma ordenação, criamos normas, limites, leis, paradigmas, relações que acreditamos serem verdadeiras, queremos que todos sejam enquadrados, se adequando, mas nos esquecemos que a natureza apresenta seu próprio ordenamento, e como seres componentes da teia natural, deveríamos no mínimo ter como hipótese, que Gaia já nos mostra como devemos caminhar...

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERGSON, H. **A evolução criadora**. São Paulo: edições 70, 2001. (Original publicado em 1907).

---

particular) mudam seu tratamento e orientação com objetivo de obter o equilíbrio. Ignorar esses novos padrões é potencialmente criar desequilíbrio e frustração na mente desta preciosa nova vida” (Lee Carroll).

<sup>14</sup> Jean-Paul Sarte (1905-1980) defende que o homem tem a responsabilidade pelo seu passado, presente e futuro e por tudo o que se encontra ao seu redor. Podemos fazer escolhas, sempre podendo mudar o que somos. Quase apresenta uma negação total das implicações deterministas. Uma de suas frase mais conhecidas é “Estamos condenados a ser livre”, onde apresenta a liberdade como uma “penalidade” a ser cumprida no próprio existir.

<sup>15</sup> Karl Theodor Jasper (1883-1969) com sua proposta existencialista vinha afirmar que o existir e um transcender na liberdade, intimamente vinculado a historicidade e situações concretas.

CARROL. Lee; TOBER, Jan. **Crianças Índigo: crianças muito especiais estão chegando!.** São Paulo: Butterfly, 2005.

DUARTE J., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** (Tese de doutorado) Faculdade Estadual de Campinas. 2000.

FAZENDA, Ivani C.. **Desafios e perspectivas do trabalho interdisciplinar no Ensino Fundamental Contribuições das pesquisas sobre Interdisciplinaridade no Brasil: O reconhecimento de um percurso,** 2010.

\_\_\_\_\_. **Integração como proposta de uma nova ordem na Educação.** In: Linguagens, espaços e tempos. Rio de Janeiro: Agir, 2000.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa. Século XXI.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Nali Rosa Silva. **As concepções de Transversalidade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade como base do processo de formação de formadores da Educação Básica;** um estudo de caso no Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. (tese de Mestrado em Tecnologia. Área de concentração: Educação Tecnológica) 2001.

GADOTTI, Moacir. **Concepções dialéticas da educação.** 9. ed.. São Paulo: Cortez, 1995.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Campinas: Papirus, 1990.

HILLMAN, James. **Cidade & Alma.** São Paulo: Studio Nobel, 1993.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D.. **Dicionário Básico de Filosofia.** 4. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Trad. de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MATURA, Humberto. **A ontologia da realidade.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MIYASAKA, S. **Agricultura natural: um caminho para a sustentabilidade.** São Paulo: Associação Mokiti Okada, 1993.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, Clara Costa. **Holismo: aprender e educar.** Universidade do Minho. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6215.pdf>>. Acessado em: 03 set. 2010.

OKADA, Mokiti. **O Pão Nosso de Cada Dia**: o alimento espiritual do cotidiano (título original - Hibi no Kate: Inori no Shiori). São Paulo: Margraf, 1995.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultura, 1997. (Círculo do Livro)

SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. **Formação interdisciplinar**: exigência sóciopolítica para um mundo em rede. Abertura do VII Simpósio Estadual de Economia Doméstica (tema: "Interdisciplinaridade no contexto universitário"), UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão-PR, em 08/12/2003. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/mundorede.html>>. Acessado em: 18 ago. 2010.

SOUZA, Fernando César de. **Jornadas interdisciplinares**: do mito de quíron à construção da metáfora da cura na escola. Tese (Doutorado) - Pontifícia universidade Católica de São Paulo (PUC). 2009.



# ***INTERDISCIPLINARIDADE***

**Resenhas do livro "Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia"<sup>1</sup> de Ivani Fazenda realizadas por seus alunos no ano de 2012**

---

<sup>1</sup> FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011.



## RESENHA 1

Ana Cristina S. Limeira<sup>1</sup>

Ivani Fazenda ao tecer suas análises para a reedição do livro **Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia** estabeleceu outras possibilidades de leitura para o novo leitor e o pesquisador que desejarem revisitar sua obra, na qual oferece ao pesquisador caminhos a reflexão que vise compreender como “a interdisciplinaridade pauta-se em uma ação em movimento” (...), como esse movimento é dinâmico e está atual na educação. A leitura desse livro emerge com vários sentidos, entre eles, optei pelo que me conduziu a direcionar o olhar para o prefácio a esta nova edição, por possibilitar entender a importância e o significado da interdisciplinaridade em sua trajetória de pesquisadora: ao iniciar seus estudos fala dessa prática, que embora **fecunda** considere que ainda é vista como **difícil**, como explica em suas análises.

O novo prefácio da 6ª edição vai conduzindo o leitor e o pesquisador a compartilhar com a autora o seu revisitar a esta edição, mesmo que uma linha do tempo tente distanciar – trinta anos depois a primeira publicação - o olhar da autora a esta reedição tem uma leveza muito peculiar que nos conduz a seguir uma trilha em suas reflexões que denominei como uma **trilha epistemológica da interdisciplinaridade**.

Dessa maneira, discorre ao longo do trabalho a cerca do cenário de como deu o início às suas pesquisas, sobre o contexto e movimentos na Europa, Estados Unidos, como também no Brasil sobre a interdisciplinaridade. Desta forma, abre uma trilha que nos remete, na leitura, a elaborar outros caminhos de pesquisa, tendo como subsídio toda uma vasta literatura e a legislação específica.

A **fecundação** teórica da interdisciplinaridade possui uma produção acadêmica expressiva em vários países com intercâmbio entre pesquisadores conceituados de Centros de Referências: O Centro de Intervenção Educativa (Crie) no Canadá presidido por Ives Lenoir, na França, o Centro Universitário de pesquisas interdisciplinares em Didática (Cirid) presidido por E. Sachot, nos Estados Unidos, tuteladas por Julie Klein e na Bélgica por Gerad Fourez, e no Brasil, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Interdisciplinaridade GEPI presidido por Ivani Fazenda, que considera ainda difícil a implementação da interdisciplinaridade na educação, por não **brotar**, com a mesma intensidade quanto veem fecundando as pesquisas nesse intercâmbio internacional.

---

<sup>1</sup> Ana Cristina S. Limeira: Doutoranda do programa Educação: Currículo - PUC/SP- 2012.  
Contato: anacrislimeira@gmail.com

No entanto, para a autora, **viver a interdisciplinaridade** exige antes de qualquer coisa pesquisá-la, conhecê-la e definir o que dela pretende, pois considera como condição *sine qua non* para compreendê-la e efetivá-la. Ao apresentar a sua trajetória profissional, que teve início no período entre 1963-1965, antes mesmo de tornar-se a renomada pesquisadora, já trazia no seu exercício docente o desejo de entrelaçamento com as questões da interdisciplinaridade, que ampliou posteriormente no período de 1970-1973 ao atuar como docente em Currículos Programa no Curso de Especialização em Educação para América Latina – OEA.

Toda essa confluência da autora com a interdisciplinaridade se dava em um campo muito incipiente, visto que na Europa, na década de 70, iniciava os “estudos com relação a um aspecto questionável da educação: a interdisciplinaridade, sem que, entretanto houvessem ainda sido publicados”.

Foi nesse cenário que Ivani Fazenda deu início à elucidação da questão epistemológica da interdisciplinaridade como exigência do conhecimento, procurando através de um trabalho criterioso de pesquisa investigar a gênese e o significado que se transformou em sua Tese de Doutorado, posteriormente sendo publicada.

Aponta-nos cinco princípios que subsidiam a interdisciplinaridade ao exercitar a prática docente: humildade, coerência, espera, respeito e desapego. Destacamos a humildade na interdisciplinaridade por considerar como convite a humildade acadêmica, ou seja, fundamentarmos e alicerçar as nossas pesquisas em uma base sólida e fecunda, mesmo que traga argumentos que se contraponha, mas não negar e não desconsiderar o conhecimento produzido pelos teóricos.

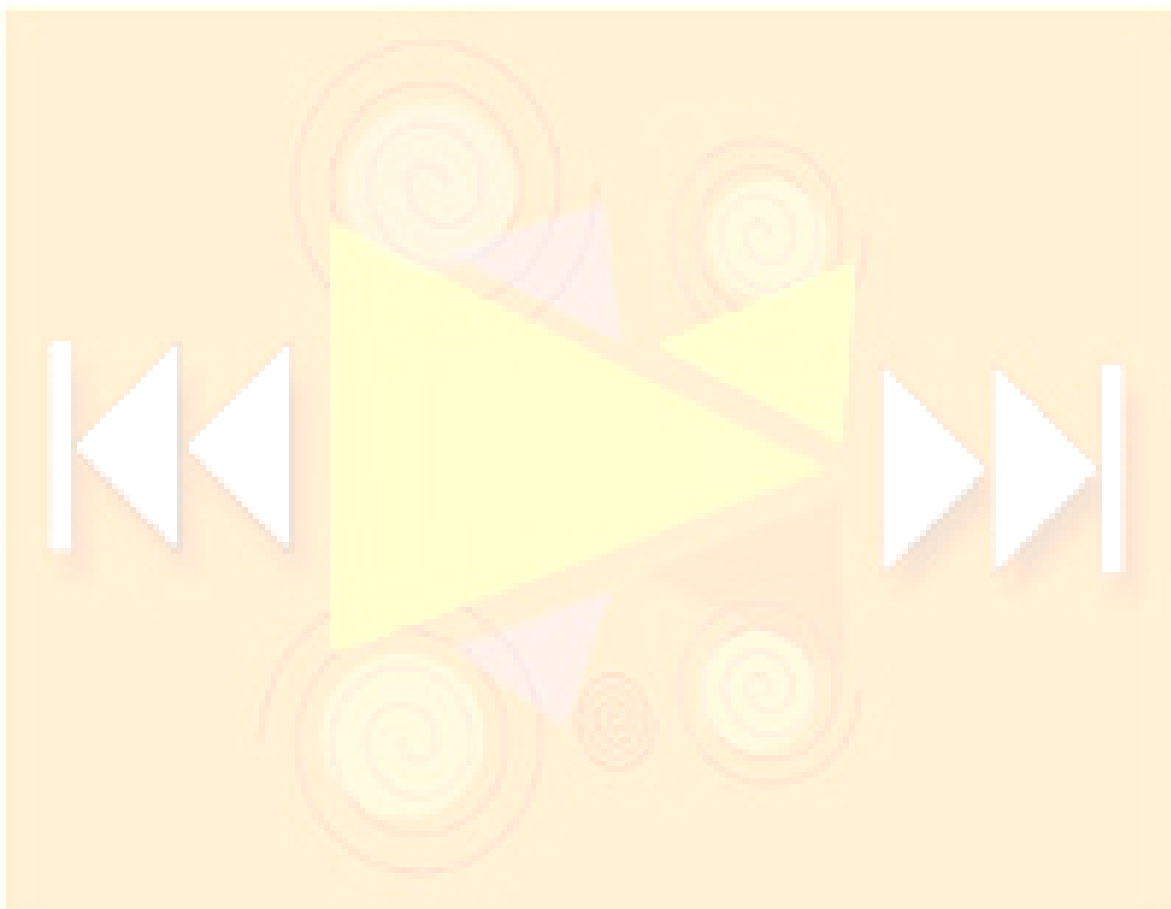
A autora esclarece que o termo “interdisciplinaridade” não possui ainda um sentido único e estável. São conceitos que nos possibilitam compreender como a relação entre os conhecimentos interagem e envolvem a problemática interdisciplinar, que estão em nível de disciplina, multidisciplinar, pluridisciplinar, transdisciplinar. Nas análises de Hamilton Japiassú em interdisciplinaridade, existe uma gradação entre esses conceitos, gradação que se estabelece ao nível de coordenação e cooperação entre as disciplinas. Ivani considera que há uma preocupação em definir a terminologia, mas é uma definição que se baseia em diferentes pressupostos.

A Interdisciplinaridade nos permite ter atitudes frente à questão do conhecimento. Que nos remete a uma questão de fundo: que conhecimento importa? Como possibilidade de romper a barreira entre as disciplinas através do diálogo interdisciplinar, numa construção de mutualidade nesse processo dialógico. Como afirma a autora sobre a interdisciplinaridade: “Não é ciência, nem ciência das ciências, mas é o ponto de encontro entre o movimento de renovação da atitude diante dos problemas de ensino e pesquisa e da aceleração do conhecimento científico”. Podemos dela nos apropriar como forma de superar a fragmentação dos saberes e criar aberturas a campos novos do conhecimento.

A interdisciplinaridade tem fundamental importância na formação de uma educação permanente, como possibilidade de “eliminação do hiato entre a atividade profissional e a formação escolar”. E, pressupõe que exige a eliminação de barreiras

que estão presentes na organização do currículo, no ensino, nas disciplinas, nas práticas, na formação docente. São pressupostos que estão articulados no universo epistemológico (na relação da subjetividade e intersubjetividade) como no universo pedagógico (que exige a compreensão na dimensão cultural, social, política).

Assim, o livro **Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia** está muito presente e atual em nossas práticas e nas pesquisas, tem nos possibilitado compreender a interdisciplinaridade, seja no âmbito Profissional, Científica ou Escolar, e acrescentaria, a dimensão política, sobre aquele que aprende, constituindo uma relação pedagógica.



## RESENHA 2

*Jerley Pereira da Silva*<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta breve análise dos dois prefácios do livro **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro**, com o objetivo de levar os profissionais da Educação a repensarem os caminhos para a transformação. Fazenda e Japiassu são os autores em destaque. Fazenda nos leva a refletir em duas linhas de raciocínio na definição de Interdisciplinaridade, a primeira se a definirmos como junção de disciplinas, cabe pensar currículo apenas na formatação da matriz curricular. A segunda como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, o qual envolve a cultura do lugar onde se formam professores. Japiassu apresentou dois caminhos para essa transformação, para um novo repensar na educação: a ciência crítica, que revê as práticas científicas em seu real contexto sociopolítico e cultural e a Interdisciplinaridade, que segundo ele, consiste em trabalho de interação das disciplinas científicas, de seus conceitos e diretrizes para a organização do ensino. A apresentação da obra, escrita por Varella aponta para a importância da transformação na Educação.

**Palavras-chave:** Educação, Interdisciplinaridade, Transformação.

Segundo Fazenda (2011, p. 20) a Interdisciplinaridade é uma questão que vem sendo fortemente debatida em educação na maioria dos países ocidentais, tanto no que se refere à organização profunda dos currículos, quanto na forma como se aprende e na formação de educadores. Para se pensar em Interdisciplinaridade, é necessário, como afirma Fazenda, uma profunda imersão no trabalho prático cotidiano, ou seja, realizar ações, que poderão gerar ambiguidades, metamorfoses e incertezas. A Interdisciplinaridade exige de seu pesquisador um processo de clarificação conceitual que requer um alto grau de amadurecimento intelectual e prático, uma aquisição no processo reflexivo, que vai além do simples nível de abstração, mas requer uma devida utilização de metáforas<sup>2</sup> e sensibilizações.

Fazenda (2011, p. 21) nos leva a refletir em duas linhas de raciocínio na definição de Interdisciplinaridade, a primeira se a definirmos como junção de disciplinas, cabe pensar currículo apenas na formatação da matriz curricular. A segunda como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, o qual envolve a cultura do lugar onde se formam professores. À medida que se amplia a análise do campo conceitual da

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Educação: Currículo- PUC/SP. Pós-Graduado em Gestão de Pessoas para Negócios e Consultoria Empresarial. Bacharel em Administração. Pesquisador do GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade) e INTERESPE (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação- PUC/SP). Gestor Educacional dos Cursos de Pós- Graduação nas Áreas de Negócios, Saúde e Educação do Centro Universitário Ítalo Brasileiro).

<sup>2</sup> A metáfora, segundo Gauthier (2004, p. 131), tem um status ambíguo na linguagem, é uma comparação implícita entre termos oriundos de registros heterogêneos. Está entre o mundo do sentido e o mundo da referência. A metáfora visa algo que não está dado, não está presente, ela dá vida a um produto da imaginação.

Interdisciplinaridade surge a possibilidade de explicitação de seu aspecto epistemológico<sup>3</sup> e praxeológico<sup>4</sup>. Somente então, torna-se possível falar sobre o professor e sua formação e dessa forma no que se refere a disciplinas e currículos.

O estudo sobre a Interdisciplinaridade, para um pesquisador novato e eu sou um deles, é um encantamento, uma novidade, uma surpresa, traz uma sensação de transcendência. Assim me senti ao ler a obra<sup>5</sup>, assim me sinto nas aulas de Fazenda e das observações ouvidas durante os encontros com os pesquisadores da Interdisciplinaridade. Não consigo me expressar como gostaria, não me sinto preparado ainda. Preciso ouvir muito, preciso que as palavras penetrem meu íntimo para que eu as entenda vagarosamente, digerindo aos poucos, como afirma Alves<sup>6</sup>. Estou na tentativa de poder unir minha função de Gestor às categorias da Interdisciplinaridade. Fazenda já apresenta o termo Interdisciplinaridade mostrando que ele não possui um sentido único e estável. A leitura é dessa obra que teve sua primeira edição em 1979 e está em sua sexta edição, renovada, revista, editado em outubro de 2011. Dois prefácios, um novo, uma ousadia de Fazenda e o inicial de Japiassu<sup>7</sup>.

Fazenda (2011, p. 51) afirma que a Interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração das disciplinas no interior de um mesmo projeto, este início faz e traz esta marca. Uma conversa simples, profunda, esclarecedora de dois cientistas que pensam a Educação de modo diferenciado e criativo. Querem que a Educação seja um diferencial, um referencial na construção da vida.

O primeiro prefácio, o de Japiassu, escrito há mais de trinta anos é atualíssimo, ele já mencionava as questões de mudança e transformação na educação. Para ele, a pedagogia das disciplinas científicas no sistema de ensino já era o grande problema a ser resolvido. Destacou a Interdisciplinaridade como um caminho para que educadores e educando pudessem discutir as verdades científicas. Japiassu (2011, p. 33) afirmou que o conhecimento nasce da dúvida e se alimenta da incerteza, por isso já nos convidava a pensar sem aceitar verdades acabadas e absolutas.

Para Japiassu (2011, p. 32), na vida intelectual temos que aceitar os nossos limites do conhecimento e a Interdisciplinaridade dá um passo além para o processo de libertação. Japiassu é contrário à estagnação da mente e não concorda que o ensino tente colocar nos alunos a expectativa de fornecer conhecimento. A ciência, segundo ele, é um produto social como outro qualquer e nele há dominação,

<sup>3</sup> É o estudo crítico de como se produz o conhecimento da realidade e cientificidade desse conhecimento. (Dicionário da Academia Brasileira de Letras, 2008, p.215).

<sup>4</sup> Prática, atividade, ação. (Dicionário da Academia Brasileira de Letras, 2008, p.1014).

<sup>5</sup> *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro*<sup>5</sup>

<sup>6</sup> Rubem Alves: Bacharel e Mestre em Teologia, Doutor em Filosofia (Ph.D.) pelo Seminário Teológico de Princeton (EUA) e psicanalista.

<sup>7</sup> Hilton Japiassu: Dr em Filosofia, com mais de 21 livros publicados.



exploração, neurose etc. A neurose é quando se apresenta na ação pedagógica a imagem falsa de segurança ou ainda quando se apresenta aos alunos pontos epistemológicos muito seguros. Seria interessante que os alunos fossem levados a refletirem e se pudessem se tornar verdadeiros. Para o autor, os alunos devem ter liberdade do pensar e a pedagogia da incerteza, a Interdisciplinaridade, tenta desdogmatizar o ensino. O mais importante para o autor é que os alunos precisam ser personalidades criativas e sair da sombra dos professores.

É maravilhoso pensar que Japiassu já antevia tudo o que acontece hoje. Professores estimulados, desestimulados, criativos, acomodados e me surpreendo quando os alunos desejam que tudo fique como estava. Também querem ficar acomodados, querem tudo pronto, se possível sem precisarem escrever nada. Quando surge algum professor com atitude diferenciada, criativo, logo gritam, se revoltam, querem substituí-lo. Esse é o meu dia a dia gerenciar esses impasses e acreditar nas mudanças de ambos.

Para Japiassu (2011, p. 34), a pedagogia da certeza está ligada ao mito do saber objetivo e o autor cita uma declaração de Brecht que afirma que quanto mais extrairmos coisas da natureza mais caímos na insegurança da existência que são elas que nos domina. Se quisermos aproveitar, enquanto homens, de nosso conhecimento da natureza, precisaremos acrescentar o nosso conhecimento, o da natureza humana. Japiassu também deu destaque para dois caminhos para essa transformação, para um novo repensar na educação: a ciência crítica, que revê as práticas científicas em seu real contexto sociopolítico e cultural e a Interdisciplinaridade, que segundo ele, consiste em trabalho de interação das disciplinas científicas, de seus conceitos e diretrizes para a organização do ensino. Para o autor, o ensino nas universidades é muito reduzido, leva as pessoas à cegueira intelectual, ele considera este processo o esmigalhamento do conhecimento que resultará em inteligências esfaceladas.

Há trinta anos o Interdisciplinar provocava atitudes de medo e recusa, parece que essa realidade não mudou muito, é muito difícil que as mudanças ocorram, há uma acomodação geral. Para Japiassu (2011, p. 39) é a questão interdisciplinar, ao lado da postura crítica que ajudam a refazer cabeças, pois não somos seres prontos. O autor já pensava em despertar, provocar, levar a descobrir e criar e não deixar que as pessoas ficassem no papel de disciplinadores.

Em seu prefácio antigo, porém atual, apresentou a obra de Fazenda como um remédio à perversão da cultura e da inteligência atuais, além disso, um remédio para a decadência e alienação dos cientistas, a autora, para ele, poderia ser analisada por alguns como otimista, mas ele destaca qualidades prementes em Fazenda: alguém que faz, que se engaja, que modifica.

Japiassu nos chamou para a consciência em uma ação direta para tentar dominar os conhecimentos científicos e ajudar os pedagogos a mudar o mundo, ele já falava nessa época de transformação por dentro e por fora, a fim de poder mudar o mundo do saber.

Na edição atual de 2011, Fazenda (2011, p.17) surge prefaciando sua obra, permite-se reavaliar a sua trajetória. Ela conta como foi o seu início na formação dos



educadores e destaca o encontro que Japiassu, quando ele decidiu investigar a Interdisciplinaridade e frequentou dois anos o laboratório de Gen Piaget. Piaget estava criando o conceito de transdisciplinaridade. A ciência convencional passa a ser questionada na escola. Grande mestre de Fazenda e de Japiassu, Gusdorf escreveu sobre a história da ciência e os embates vividos. Ela relembra a ideia de Gusdorf e de Japiassu que acreditam que cabeças deformadas seriam inúteis. Fazenda destaca as ilhas de paz, que são momentos em que o homem pode se refugiar para se reconstruir.

Preciso aprender ainda a me refugiar, me direcionar. Mesmo em meu trabalho atual, como Gestor Educacional, não consigo me focar tanto quanto poderia ou deveria, tenho muito a aprender ainda. Fazenda me apontou um caminho de excelência, parar um pouco para me rever. A Interdisciplinaridade tem me ajudado a pensar em meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Fazenda fez um caminho mostrando a Interdisciplinaridade e os cinco princípios que a subsidiam e com os quais tenho aprendido muito: humildade, coerência, espera, respeito, desapego, juntamente com afetividade, ousadia, parcerias.

Estou muito no início destes estudos, para aceitar um novo proceder, permitir sair do meu lugar, assim como os autores Japiassu, Fazenda Gusdorf fizeram. Quantas leituras fizer, ainda assim não estarei pronto para fazer uma única análise de todo esse contexto. Preciso, como afirma Fazenda (2011, p. 21) fazer uma imersão profunda no trabalho cotidiano, na prática. Preciso aprender muito, mas já estou fazendo movimentos para isso.

Varella<sup>8</sup> (2011, p. 13), responsável pela apresentação da obra citada explicita que Fazenda ao apresentar a Interdisciplinaridade como categoria de ação nos mostra algumas atitudes fundamentais para esse processo, entre elas a espera, reciprocidade, diálogo com pares idênticos, anônimos ou consigo mesmo, atitude de humildade ante a limitação do próprio saber, perplexidade ante a possibilidade, atitude de desafio de conhecer, de envolvimento e comprometimento, responsabilidade, alegria, revelação, encontro, vida.

Segundo Varella (2011, p. 14), a humildade do educador permite enxergar que ele é apenas o estímulo da autopoiese de seus alunos. A busca do criar é uma circunstância para o aprendizado. Se os Professores tiverem a certeza de que as condições precárias do ensino não irão prejudicar o andamento de sua aulas, eles conseguirão retirar de si o melhor de criatividade e estratégias para ajudar o outro a aprender, assimilar, ter prazer em estar dentro de uma sala de aula.

Para Fazenda (1991) a troca com outros saberes e a saída do anonimato, ser cautelosos, exige paciência e espera. A trilha interdisciplinar caminha do ator ao

<sup>8</sup> Ana Maria Ramos Sanchez Varella- Pós-doutora em Educação-linha de pesquisa Interdisciplinaridade, Doutora em Educação- Currículo, Mestra em Gerontologia, Psicopedagoga e Licenciada em Letras pela PUC/SP. Pesquisadora da PUC/SP do Grupo de Estudos e Pesquisa da Interdisciplinaridade – GEPI, Grupo de Pesquisa sobre Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação - INTERESPE. Autora dos livros: 5ª. Série, um bicho de sete cabeças, Envelhecer com desenvolvimento Pessoal, A Comunicação Interdisciplinar na Educação e Encontros e desencontros, nada é por acaso!

autor de uma história vivida, de uma ação conscientemente exercida a uma elaboração teórica arduamente construída. Tão importante quanto o produto de uma ação exercida é o processo e mais que o processo, é necessário pesquisar o movimento desenhado pela ação exercida - somente ao pesquisarmos os movimentos das ações exercidas, será possível delinear seus contornos e seus perfis. Explicitar o movimento das ações educacionalmente exercidas é sobretudo intuir-lhes o sentido da vida que as contempla, o símbolo que as nutre e conduz - para tanto torna-se indispensável cuidar-se dos registros das ações a serem pesquisadas.

Para Varella<sup>9</sup> uma Educação transformadora exige uma vida transformada, revista, recomposta, construída, reavaliada, mas acima de tudo com uma volta profunda aos valores esquecidos, apagados, é o resgate de gentilezas, de cuidados, de reconhecimentos. Para que haja transformação será necessário que as pessoas se movimentem e queiram ter autonomia para chegar a uma transformação. Ela virá dos que estão responsáveis por cuidar, sejam pais, professores, Gestores, Instituição. Não há culpados, há os que precisam se conscientizar para valorizar, há os que precisam se rever, ter cuidados consigo e com o outro. Deixar de fazer, sem pensar, esquecer um pouco o que são apenas retornos momentâneos. Será necessário que o professor tenha um tempo para que a sua essência seja revelada, que ele possa ter condições de se olhar, de se reconhecer, para que o compartilhar seja rodeado de respeito, de sintonia, de amorosidade. Somente a partir dessa vontade individual de quem quer educar, se processará a vontade do aprender, do reaprender, para que todos possam ser revelados e se revelar...a partir desse momento é a grande chance de pensar que do ser ao fazer se completa a fase de um caminho transformador para a humanidade.

Ao exercer minha função de Gestor educacional fica pra mim mais um questionamento, o que posso fazer para colaborar no desenvolvimento desta sociedade em que vivemos?

A Gestão Educacional é um processo político-administrativo contextualizado e historicamente situado. A prática social da Educação é organizada, orientada e viabilizada. Há uma ligação muito forte entre as Gestões de sistemas de ensino e as políticas de Educação. A Gestão transforma metas e objetivos educacionais em ação, o que concretiza as direções traçadas pelas políticas. Segundo Bordignon e Gracindo (apud HORA 2010, p. 567) a Gestão Educacional requer enfoques de melhores decisões a respeito dos rumos a seguir e se fundamenta na finalidade da Instituição e em seus limites da situação atual. É necessário visualizar presente e futuro com identificação de valores, surpresas, incertezas e as ações de todos envolvidos, o que gerará participação, corresponsabilidade e compromisso. O diálogo é a marca de todo o processo e por ser ele também uma das categorias fundamentais da Interdisciplinaridade, sinto ter nesse momento uma linha muito determinante entre ela e a Gestão Educacional.

---

<sup>9</sup> Fragmento do texto inédito apresentado pela autora no Encontro de Pesquisadores- Setembro 2012- PUC.

## REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani Catarina. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2001.

\_\_\_\_\_; VARELLA, Ana Maria Ramos Sanchez; VALÉRIO, Rosângela. **Interdisciplinaridade**. São Paulo,: Fundação Casa, 2010.

VARELLA, Ana Maria Ramos Sanchez. **A comunicação Interdisciplinar na Educação**. São Paulo: Escuta, 2006.



## RESENHA 3

Juliane Anjos<sup>1</sup>

*Interdisciplinaridade implicaria uma mudança de atitude diante do problema do conhecimento e, conseqüentemente, uma mudança de atitude diante da Educação, alterando a própria estrutura curricular existente. (p. 139)*

### APRESENTAÇÃO DA AUTORA

Ivani Fazenda é uma estudiosa a respeito da questão da interdisciplinaridade e das ideias subjacentes a ela. Com vários estudos em campos diversos, como pedagogia, filosofia, antropologia e psicologia, desenvolveu importantes pesquisas nessas áreas, além de publicar dezenas de livros sobre a temática da pesquisa e da educação interdisciplinar. É uma autora de fundamental relevância e repercussão nacional e internacional devido aos seus estudos no campo da interdisciplinaridade voltada à pesquisa e à educação. Atualmente é professora titular na Linha de Pesquisa sobre Interdisciplinaridade no Programa de Pós Graduação em Educação: Currículo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e também coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI).

### APRESENTAÇÃO DA OBRA

Esse livro de Ivani Fazenda é o resultado de alguns anos de pesquisa com a intenção de titulação de Mestre em Educação no programa de Filosofia da Educação da PUC-SP. Sua dissertação, defendida ainda no final da década de 70, sob o título “Integração e Interdisciplinaridade: uma análise da legislação do ensino brasileiro de 1961 a 1977” e orientada pelo professor Doutor Antonio Joaquim Severino, apresentou tamanha importância na área educacional que se tornou um livro. Desde a 1ª edição, de 1979, até a 6ª (cuja edição apresentamos a resenha), algumas adequações foram feitas e um capítulo foi incluído com a intenção de proporcionar um trabalho cada vez mais completo e aprofundado sobre uma temática tão empolgante quanto a interdisciplinaridade.

---

<sup>1</sup> julianeca@hotmail.com

## BREVE SÍNTESE DA OBRA

A obra, produzida em seis capítulos, proporciona uma visão geral sobre “integração” e “interdisciplinaridade” na educação, através de uma ampla pesquisa da legislação brasileira, bem como pesquisas teóricas a respeito da utilidade, do valor, da aplicabilidade, dos obstáculos e das possibilidades da interdisciplinaridade no ensino.

Os seis capítulos intitulam-se, respectivamente, “Gênese e formação do conceito de interdisciplinaridade”; “Utilidade, valor e aplicabilidade da interdisciplinaridade”; “A efetivação da interdisciplinaridade: obstáculos e possibilidades”; “Sistematização das determinações legais referentes ao ensino brasileiro quanto aos aspectos: integração e interdisciplinaridade”; “Relacionamento crítico dos aspectos teóricos com as diretrizes legais” e “Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores”.

## PRINCIPAIS TESES DESENVOLVIDAS NA OBRA

O livro é iniciado com uma “nota introdutória” que demonstra três conceitos que são utilizadas ao longo de toda a obra: a diferença e a melhor forma de utilização dos termos “interdisciplinaridade”, “integração” e “interação”. Em seguida, podemos ler uma apresentação emocionada de Ana Maria Ramos Sanchez Varella, que, além de autora de livros, é uma integrante do GEPI.

Na sequência, Ivani apresenta um “prefácio à nova edição”, onde demonstra os cinco princípios que subsidiam uma prática docente interdisciplinar: humildade, coerência, espera, respeito e desapego.

Finalmente, no “prefácio da primeira edição”, escrito por Hilton Japiassú, esse apresenta algumas ideias importantes com relação à interdisciplinaridade. Podemos citar como exemplo, a forma como o conhecimento vem sendo compartimentado nas escolas de ensino fundamental, nas Universidades e, também, nas pesquisas acadêmicas. Segundo Japiassú, “[...] é imprescindível que os educadores trabalhem no sentido de dotar as instituições de ensino de estruturas cada vez mais flexíveis, capazes de absorver novos conteúdos e de se integrarem em função dos verdadeiros problemas” (p. 39).

Já na Introdução, a autora apresenta alguns momentos de sua história de vida que lhe fizeram enveredar pelos caminhos da pesquisa a respeito da interdisciplinaridade e apresenta as intenções da pesquisa e a forma como os capítulos estão organizados. Além disso, é importante pontuar que a integração é considerada “um momento de organização e estudo dos conteúdos das disciplinas” (p. 46), e é uma etapa da interação “que só pode ocorrer num regime de co-participação, reciprocidade, mutualidade” e que a integração e a interação são condições essenciais para um trabalho interdisciplinar.

## PRIMEIRO CAPÍTULO

O primeiro capítulo procura apresentar algumas definições sobre interdisciplinaridade, porém, é importante ressaltar que elas não se esgotam, tampouco é apresentado um conceito tido como o “correto” pela autora. Ressalta-se, no início do capítulo que o termo interdisciplinaridade pode aparecer em diversos escritos possuindo uma significação diferente em cada documento, sendo, também, compreendido de formas diferentes.

Embora possa ser compreendida de diversas formas, o princípio da interdisciplinaridade costuma ser o mesmo: troca entre os especialistas das disciplinas diversas dentro de um mesmo projeto de pesquisa. Para tanto, quatro importantes autores são citados e suas concepções sobre interdisciplinaridade são demonstradas. É apresentado um quadro, que reproduzimos a seguir, que compara as terminologias utilizadas.

QUADRO DE CORRESPONDÊNCIA TERMINOLÓGICA DAS DEFINIÇÕES DOS AUTORES (p. 55)

| G. MICHAUD                                                                         | H. HECKAUSEN                                                                                          | M. BOISOT                                                      | E. JANTSCH                                      |
|------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|
| Disciplinaridade                                                                   | Disciplinaridade                                                                                      | ---                                                            | Multidisciplinaridade                           |
| Multidisciplinaridade e                                                            | Interdisciplinaridade e Heterogênea; Pseudointerdisciplinaridade                                      | Interdisciplinaridade Restritiva                               | Pluridisciplinaridade                           |
| Interdisciplinaridade; Interdisciplinaridade Linear; Cruzada, Auxiliar; Estrutural | Interdisciplinaridade Auxiliar; Interdisciplinaridade Complementar; Interdisciplinaridade Unificadora | Interdisciplinaridade Linear; Interdisciplinaridade Estrutural | Disciplinaridade Cruzada; Interdisciplinaridade |
| Transdisciplinaridade                                                              | ---                                                                                                   | ---                                                            | Transdisciplinaridade                           |

Após a análise das terminologias utilizadas pelos autores citados, conclui-se que “existe uma preocupação em definir a terminologia adotada, embora essa definição baseie-se em diferentes pressupostos.” (p. 69). Além disso, a autora define a interdisciplinaridade como mudança de *atitude* diante do problema de pesquisa, e que, através da *intersubjetividade*, é possível substituir uma visão fragmentada por uma visão unitária do ser humano. Em contrapartida, a transdisciplinaridade “[...] seria o nível mais alto das relações iniciadas nos níveis multi, pluri e inter. Trata-se de um ‘sonho’ no dizer de Piaget, mais que uma realidade” (p. 70)



## SEGUNDO CAPÍTULO

No segundo capítulo, inicia-se uma discussão a respeito da utilidade da interdisciplinaridade, defendendo-se que não pode ser vista como a panacéia de todos os problemas educacionais. Interdisciplinaridade é um “ponto de vista que permite uma reflexão aprofundada [...]. É proposta de apoio aos movimentos da ciência e da pesquisa. É possibilidade de eliminação do hiato existente entre a atividade profissional e a formação escolar.” (p. 74).

Em seguida, apresenta-se o valor e a aplicabilidade da interdisciplinaridade:

- Como meio de conseguir uma melhor formação geral;
- Como meio de atingir uma formação profissional;
- Como incentivo à formação de pesquisadores e de pesquisas;
- Como condição para uma educação permanente;
- Como superação da dicotomia ensino-pesquisa;
- Como forma de compreender e modificar o mundo;
- Integração como necessidade e interdisciplinaridade.

A compreensão da interdisciplinaridade através desses valores, no entanto, não pode ocorrer através de realidades distorcidas, pois “o verdadeiro espírito interdisciplinar nem sempre é bem compreendido”. (p. 84). Devemos tomar o cuidado de não cair em discursos vazios, modismo e discussões que não levam a nada. A interdisciplinaridade não pode constituir-se “em meras proposições ideológicas, impedindo o questionamento de problemas reais”. (p. 84).

## TERCEIRO CAPÍTULO

Nesse momento, a autora apresenta os principais obstáculos e algumas possibilidades à efetivação da interdisciplinaridade. Anteriormente, porém, é reafirmada a diferença entre “integração” e “interdisciplinaridade”: “a integração poderia acontecer em aspectos parciais, como: confronto de métodos, teorias-modelo ou conceitos-chave das diferentes disciplinas, ao passo que, delimitando mais rigorosamente o conceito de interdisciplinaridade, conclui-se que esta seria um passo além dessa integração, ou seja, para que haja interdisciplinaridade deve haver uma ‘sintonia’ e uma adesão recíproca, uma mudança de atitude diante de um fato a ser conhecido [...]” (p. 87)

Os principais obstáculos à efetivação da interdisciplinaridade apresentados são:

- Obstáculos epistemológicos e instrucionais;
- Obstáculos psicossociológicos e culturais;
- Obstáculos metodológicos;
- Obstáculos quanto à formação;
- Obstáculos materiais.

Contudo, existem possibilidades de que a interdisciplinaridade seja efetivada. É necessário, porém, re-pensar e superar as barreiras que a imposição das disciplinas cria. A partir do momento em que as ciências compreenderem suas limitações e em que as instituições abdicarem de suas estruturas cristalizadas e tradicionais, propondo novos objetivos e novos caminhos de pesquisa, a interdisciplinaridade se tornará realidade.

## QUARTO CAPÍTULO

Esse é o capítulo mais denso do livro, haja vista que faz uma análise muito cuidadosa e delicada da legislação do país no ano de 1977 e discute quais as suas implicações para a efetivação da integração e da interdisciplinaridade.

São analisados diversos documentos federais, estaduais e municipais, no âmbito do 1º e do 2º grau (atuais ensino fundamental e ensino médio) e, também, da formação de professores em nível superior. Entre os documentos analisados estão as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, diversos Pareceres, Indicações, Resoluções, Leis e Portarias do Conselho Federal de Educação (CFE), do Conselho Estadual de Educação (CEE) e do Ensino Municipal de São Paulo (EMPMSP), bem como, os guias curriculares de 1º grau do estado de São Paulo (documento utilizado pelos professores para construir seu planejamento).

A conclusão a que se chega é de que em todos os documentos, o ensino segue a diretriz de composição de disciplinas e um currículo estruturado por matérias. A maioria dos documentos chega a citar a questão da “integração”, porém o termo “interdisciplinaridade” aparece apenas em poucos documentos. O aluno, sob a supervisão do professor, é o principal, e praticamente o único, responsável pela realização da integração entre os conteúdos, conhecimentos, experiências e habilidades a ele apresentados.

Com relação à aplicabilidade da integração e da interdisciplinaridade, são citadas principalmente, as questões da possibilidade de relacionamento entre o aluno e a sociedade de modo geral, da inter-relação entre as disciplinas no currículo do 1º grau e de restabelecimento da unidade do saber.

A análise dos guias curriculares de 1º grau revelou a ausência de indicadores significativos para a efetivação da integração entre as disciplinas, visto que a ela apenas é esperada dentro de cada matéria ao final das oito séries, podendo ocorrer ocasionalmente quando existirem atividades afins entre as disciplinas. Assim sendo, não existe também uma proposição para a interdisciplinaridade (p. 129).

## QUINTO CAPÍTULO

Esse capítulo consiste em relacionar os aspectos teóricos da interdisciplinaridade com as diretrizes legais do país, a fim de perceber até que ponto é possível efetivarmos a interdisciplinaridade.

A dificuldade para que essa efetivação ocorra já começa pela conceituação dos termos “integração” e “interdisciplinaridade”, pois é possível perceber que a legislação compreende a integração como um fim em si própria, não como um passo para se chegar à interdisciplinaridade. Além disso, outros fatores com relação aos conceitos dessas palavras são apresentados, como a ausência de um consenso conceitual e a utilização indevida dos termos.

É importante compreender que a intenção da interdisciplinaridade não é acabar com a especialização, mas reconhecer que toda especialização apresenta limites intransponíveis e necessita de um complemento. “Conclui-se então que, apesar de haver uma intenção subjacente, não está ainda bem explicitado qual seria o valor e a aplicabilidade da interdisciplinaridade, assim como o que se entende por ela.” (p. 138).

Em seguida, a autora discorre a respeito das possibilidades, ou impossibilidades, de efetivação da interdisciplinaridade e chega às seguintes constatações:

- A estrutura curricular é fechada;
- Há omissão dos guias curriculares de 1º grau quanto aos aspectos integração e interdisciplinaridade;
- A legislação apresenta idealizações utópicas quanto às expectativas curriculares, quanto às expectativas de trabalho dos professores, quanto à proposta de integração para a interdisciplinaridade e quanto à proposta de interdisciplinaridade nas Universidades.

## **SEXTO CAPÍTULO**

O último capítulo do livro, que foi acrescentado nessa edição, trata de um assunto importantíssimo, que é a interdisciplinaridade na formação de professores.

A autora afirma que “se definirmos interdisciplinaridade como junção de disciplinas, caberá pensar o currículo apenas na formatação de sua grade. Contudo, se definirmos interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca diante do conhecimento, caberá pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores.” (p. 149).

Isso significa que pensar a formação de professores de forma interdisciplinar é muito mais do que sustentar apenas que as diversas disciplinas possuam inter-relações umas com as outras, é necessária uma mudança de atitude frente ao objeto de conhecimento, uma mudança de postura na relação com o saber.

## **ANÁLISE E REFLEXÃO SOBRE A OBRA**

Ao longo do livro, verificamos o cuidado que autora teve ao desvelar a integração e a interdisciplinaridade. É possível perceber o saber se construindo, pois a obra se apresenta de forma muito harmoniosa e leve.

O fato de o livro estar em sua 6ª edição é justamente a prova da atualidade das questões discutidas. Em 1979, ano da primeira edição, a interdisciplinaridade era uma inovação e continua, ainda nos dias de hoje, configurando-se como uma nova forma possível de perceber o conhecimento. Hoje, décadas depois, as questões apresentadas continuam a intrigar pesquisadores e estudantes.

Como foi observado, existem muitos obstáculos à efetivação da interdisciplinaridade, porém, também existem possibilidades. A formação de professores é um dos passos mais importantes para que essa efetivação ocorra. Portanto, é urgente que haja uma reforma na Universidade e na forma como pesquisadores lidam com seus objetos de conhecimento.

Dessa forma, concordamos com a fala de Hilton Japiassú, do prefácio escrito à primeira edição dessa obra: “[...] a ciência ensinada em nossas universidades é bastante alienada. Ensina-se um saber em processo de cancerização galopante. Porque seus horizontes epistemológicos são cada vez mais reduzidos. Ademais, ensina-se uma especialização que constitui um fator de cegueira intelectual, que instaura a morte da vida ou revela uma razão irracional. A ponto de os especialistas conseguirem este feito extraordinário de não mais saberem aquilo que acham que sabem.” (p. 35).

A obra apresentada é completa no sentido que nos possibilita compreender profundamente algumas questões relacionadas à interdisciplinaridade e deixa clara a sua aplicabilidade. É necessário um esforço muito grande por parte de todos os envolvidos para que a aprendizagem torne-se cada vez mais instigante e completa.

# ***INTERDISCIPLINARIDADE***



## Emília e as estripulias com a tal da Interdisciplinaridade<sup>1</sup>

### PERSONAGENS:

Ana Lúcia Gomes da Silva<sup>2</sup>

Celso Solha<sup>3</sup>

Kátia Regina Conrad Lourenço<sup>4</sup>

Marilda Prado Yamamoto<sup>5</sup>

Odila Amélia Veiga<sup>6</sup> - como Emília

Rodrigo Mendes Rodrigues<sup>7</sup>

Telma Teixeira Oliveira de Almeida<sup>8</sup>

**Marilda:** inicia – já sentada e lendo no palco – chamando a atenção da todos – que entram no ambiente em seguida – pelo “atraso” de chegada ao encontro de estudiosos e comenta que, enquanto esperava, lia Ricauer (faz uma pequena citação do mesmo) e diz: Pois é... tô até me lembrando de Ivani Fazenda, que nos diz para sempre revisitar o baú bem fundo nas nossas experiências... E por falar em Ivani, vamos estudar, VAMOS! Têm Seminário, artigo, reflexões – aflições – Encontros de Pesquisadores...

**Emília:** entra no palco: Humm... Estou escutando uma conversa que esta me interessando. Viajar? Pela TAM? Pela Air France? Pela Japa In Airlines? Voar? To Dentro!!!

**Marilda:** é ... Só Faltava Você Emilia.

**Emília:** Mas que lugar é este?... Será que estou sonhando? Dormindo ou acordada

**Ana:** Não se assunte Emília! Você está sonhando e vivenciando o próprio sonho. Está vivenciando O SENTIDO DO SENTIDO!... Gastón Pineau nos incita: “ousar

<sup>1</sup> O texto aqui reproduzido pertence a peça apresentada pelos alunos/orientandos em setembro de 2011 ocasião em que foram comemorados os 30 anos de existência do GEPI e os 70 anos da Profa. Dra. Ivani Fazenda.

<sup>2</sup> Contato: analucia.sc1@hotmail.com

<sup>3</sup> Contato: solha27@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Contato: katiaregina\_conrad@hotmail.com

<sup>5</sup> Contato: marildayamamoto@ig.com.br

<sup>6</sup> Contato: odila.veiga@hotmail.com

<sup>7</sup> Contato: rodrigofilosofiaclinica@hotmail.com

<sup>8</sup> Contato: telmateix@yahoo.com.br



abordar o sentido do sentido. E afirma de forma incisiva, que é preciso situar-se entre a HUMILDADE e a necessária busca de direção para viver” (PINEAU, p. 31).

**Telma:** “BUSCA SENSÍVEL, REFLEXIVA, ANIMAL, VEGETAL e o PROJETO quase demiúrgico de conquista do poder de significar” (PINEAU, p. 31).

**Emília:** Virgem Santa!!! Telma! De-mi-úr-gi-co? Demiúrgico? O que é isto?

**Rodrigo:** Relativo à DEMIURGO. O DEUS que punha ordem no universo, no caos, EMÍLIA!!!

**Emília:** Más, Rodrigo, dá para por ORDEM na DES(ORDEM)?

**Marilda:** Dá sim, EMÍLIA. Desde que se perceba o sentido. Como diz Morin “o sentido é o surgimento de uma relação que une elemento sem isso separados. Tudo se encontra incluído no sentido...O sentido é holográfico, isto é, o fato de o todo emergir, contribui para dar sentido às partes e como elas dão sentido ao todo”.

**Emília:** Ah! Captei! Então Marilda, assim é que é a INTERDISCIPLINARIDADE! Não joga fora nada! Ela agrega o velho do novo. Não despreza nem a cultura, nem a história, nem muito menos a ciência!!!

**Kátia:** Pineau continua dizendo que “cada uma das partes para o sentido do sentido só adquire sentido se ligado ao conjunto matriz”.

**Emília:** E a INTER, é esse conjunto matriz? É o CONTEXTO, então? Lá no Sítio a gente tem o Pedrinho, a Narizinho, a dona Benta, a Tia Nastácia, o Visconde... todos vivendo harmoniosamente com o todo. Até com o Saci e a Cuca!...

**Marilda:** É por aí o raciocínio, EMÍLIA! “Um ato só tem sentido quando ligado ao seu contexto de conjunto. Do contrário, esteriliza em significações, direções e sensações fragmentadas” (Pineau, p.53).

**Emília:** Ah! sim... Falando então do SENTIDO DO SENTIDO me lembrei do OLFATO e do GOSTO! O! Até trouxe uns suspirinhos para dar para vocês! Doces!...Macios!...Leves!...Suspiro e lembra a canção... Cantem comigo!

Que beijinho doce  
Que ele tem  
Depois que beijei ele  
Nunca mais amei ninguém  
Que beijinho doce  
Foi ele quem trouxe  
De longe prá mim  
Um abraço apertado  
Suspiro dobrado  
Que AMOR sem fim  
(Adaptado de *Beijinho Doce*, de Almir Sater)

Vou expressar a sensação de estar nesse lugar, pois começo a perceber onde estou... Vejo pessoas alegres, envolvidas e trazendo no peito, bem pertinho do CORAÇÃO, um símbolo!...

**Ana:** Pois é! EMÍLIA, estamos aqui no GRUPO do GEPI, comemorando a sua maioridade.

O GEPI já debutou 2 vezes, Emília! Hoje faz 30 anos!!!

**Emília:** GEPI?!? GEPI!... Aquele jumentinho simpático utilizado pelo homem desde os tempos imemoriais como animal de tração e carga, faz aniversário que nem gente, Ana?!? Com festa e tudo?!?

**Kátia:** Não Emília!...Não se trata desse jumentinho! GEPI é uma sigla que significa: GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM INTERDISCIPLINARIDADE.

**Telma:** Como já falamos, EMÍLIA, esse grupo realiza muitos estudos, muitas reflexões, **eu até registro tudo em ATA.** Eu até registro tudo em ATA! Contribui de maneira significativa com a produção de conhecimento científico!

**Emília:** Ah!... Entendi e já me sinto companheira do GEPI. Vocês me aceitam do jeito que eu sou? Curiosa! Espevitada! Intrometida! E até inconveniente?!?

**Marilda:** Ora, EMÍLIA! Se não a acolhêssemos no grupo, do jeito que você é, não poderíamos nos perceber interdisciplinares. Não poderíamos falar em DIVERSIDADE, DIREITO, CONVIVÊNCIA... e outras coisas mais...negaríamos sobretudo ,o SABER SER!

**Emília:** A Varela disse que enquanto a educação não alcançar o SER, não haverá trabalho de transformação. S E R , CONVIVER E ACONTE C E R!!! Tem que CAUSAR! E o GEPI CAUSA, né?!?

**Solha:** Pessoal! Eu estou ficando meio maluco! Encontrei este livro, capa linda, colorida como o arco-íris, com este título: INTERDISCIPLINARIDADE!!!

**Ana:** Você não é maluco (a) não, meu querido! Está só um pouco perplexo! INTERDISCIPLINARIDADE é o CONHECIMENTO que inspira, respira e transpira outros conhecimentos. E esse GRUPO cuida de se apropriar do conjunto deles. O GEPI foi criado pela Viscondessa de Sabugosa. Éta visão danada! De longo alcance! Que sentido!!!

**Solha:** Vou completar essa explicação: nesse GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM INTERDISCIPLINARIDADE é tanta reflexão que, por vezes, parece uma turma de bilolados!

**Telma:** Trata-se de um tema de muitas vozes, de ecos múltiplos e de muitas leituras! Mas, de fato, é a pura essência das significações lógicas da verdade! A INTER quer sempre encontrar o verdadeiro significado da própria coisa que se percebe.

**Emília:** Nossa! Que explicação porreta vocês deram!!! Mas deixa eu falar do meu jeito o que vocês já falaram?

**Solha:** Ora, Emília! Se não deixarmos você falar, você fala do mesmo jeito! Boneca espevitada!!!

**Emília:** Ah! Isso lá é bem verdade! A METÁFORA da Inter é OOOOLHAR!!! Curioso! Profundo! Atento! Focado! Fundamentado!!! A PARTIR DAÍ, a INTER-DISCI-PLI-NA-RI-DA-DE pode desvelar:

- O que é uma coisa!
- O que é a outra coisa!
- O que as coisas são!
- Como funciona cada coisa!
- E as coisas no seu conjunto e totalidade, não é mesmo???
- Cada vez mais eu estou me ligando!... Eu já estive por aqui...num outro ambiente... com outro Visconde de Sabugosa, que também nos ensinou que para achar o sentido é preciso fazer a redução eidética!

Porém, ele nos alertou: Querem saber mais? VÃO COM A VISCONDESSA!!!

**Kátia:** É! Temos que admitir! Você não é só espevitada. É também muito sabida! Muito esperta!

**Rodrigo:** Acho que estamos começando a escrever nesse livro. A INTER é CONHECIMENTO e SABER. SER é também FUNDAMENTAL!

**Solha:** Pensei que fosse até o novo texto da minha peça: “PENSAMENTOS FREIREANOS sobre REINVENTAR-SE”. É mesmo um livro mágico!

**Telma:** Por isso nos deixa encafifados e loucos para beber do seu conteúdo!

**Ana:** Que conteúdo?!? ÊPA!!! Isso é coisa de artista. O livro está em branco!!! IMAGINAÇÃO...CRIATIVIDADE...já dizia EISTEN: “A imaginação criadora é o maior poder do homem”.

Kátia: Pena que na escola castradora isso tem outro nome: “JÁ PRÁ SALA DA ORIENTADORA”!!!

**Emília:** Mas as professoras lá da ESCOLA DO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO, gostam muito de brincar, de contar, de criar e de fazer histórias. Elas usam um livro bem parecido com este aí. Espertinhas, não?

**Marilda:** Brincar na escola é coisa séria, Emília! A gente aprende com os amigos, com o espaço, com os livros, com todo mundo...afinal Aprendemos juntos! A Viscondessa de Sabugosa nos ensinou que a INTER está em todos os cantos e lugares da escola, dos livros, do mundo, da cabeça da gente e ate no baú de nossas experiencias! É só descobrir esse lugar que está dentro da gente!!!

**Emília:** Então, prá mim, para encontrarmos esse lugar deeeeentroo da gente, precisamos das: PÍLULAS FALANTES!!! e das PÍLULAS PENSANTES !!! Eu trouxe as pílulas no meu PORTA-TRECOS e vou distribuí-las para vocês! Querem?

**Solha:** Começamos a desatar o “nó górdio” da INTER. A encontrar a “chave da abóbada”. Achei no PORTA-TRECOS da EMÍLIA esta CARTA

**CARTA ABERTA  
AOS PROFESSORES  
QUE DESEJAM SE  
TRANSFORMAR E  
TRANSFORMAR  
A REALIDADE  
DADA**

“O PESQUISADOR que denominamos *INTERDISCIPLINAR* precisa antes de mais nada embebedar-se de *CONHECIMENTO* - sem isso será incapaz de habitar o interior das escolas descobrindo os seus segredos...[suas vozes dissonantes ou perdas de seus traços sonoros...] (gn) Sem esse preliminar exercício será impossível sentir o pulsar da vida de uma sala de aula, muito menos ensaiar respostas quanto impossível formular perguntas”.

**Rodrigo:** Tantas são as contribuições dos intelectuais na seara da INTERDISCIPLINARIDADE...

- O Professor barbudão, o PAULO FREIRE
- Um tal de Gusdorf!!!

**Telma:** - O PINEAU (ôôô) que já citamos!!!

- O Professor Hilton Japiassu!!! E vai por aí afora!...

**Kátia:** Estou longe de alcançar a amplitude do conhecimento da Viscondessa de Sabugosa, mas aprendi com ela que a INTER:

- não se ensina!
- não se aprende!
- VIVE-SE!!! TRANSGRIDE-SE!!!

Como consta da CARTA!

**Emília:** É por isso que eu sou uma espevitada. IN-TER-DIS-CI-PLI-NAR.VIVO À BEÇA!!!

**Marilda:** Ai, Emília. Você está confundindo nossa descoberta. Tome jeito, menina!!! Isso causa muita agitação no nosso aprendizado! Eu, por exemplo, muuuuito tempo antes do GEPI, gostava mesmo é das disciplinas bem separadinhas; cada saber na sua vez de ser tratado; horários bem marcadinhos e claramente divididos!...aproveitem a carta e reflitam sobre ela, gusdorf amigo da viscondessa de sabugosa diz que a mudança é o motor da transformação do homem, ao tomar

consciência de sua situação na sociedade e no tempo ele descobre a exigência fundamental de sua existência.

**Emília:** É isso aí Marilda ! concordo com a sua explicação em gênero, numero e grau. Eu, hein?...Tá com medo de que Senhora pesquisadora do GEPI!? Imagine só, se para conhecer é preciso permissão! Ora bolas! O CONHECIMENTO é CONSTRUÍDO pela humanidade NA HISTÓRIA e NA CULTURA e deve ser SOCIALIZADO. Além disso, AGITAÇÃO faz muito bem ao CORPO, ao ESPÍRITO (não é Hermínia?) e ao INTELECTO! Aqui temos 3 CARAMUJINHAS (a MARIA HELENA, a ANA MARIA e a DIRCE) que nos ensinam que: “a agitação da água serve para renovar-lhe o oxigênio”.Além do mais, fiquem tranquilos. Somos todos alunos (mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos) da Viscondessa de Sabugosa. Ela é nossa “parceiraça” há muitos anos! Chama até alguns de nós de NOVOS; outros, de JURÁSSICOS!!! Adora a Terra do Sítio e tem muitos seguidores por lá (começando por mim e pela NARIZINHO). Tem muitas histórias prá contar no Brasil e nos outros lados do mundo!  
ELA NÃO É FRACA, NÃO!!!

**Ana:** Quero escrever uma palavra neste livro que me toca os sentidos. Está na CARTA e é prá você, DONA EMÍLIA! HU-MIL-DA-DE! Um dos princípios da INTERDISCIPLINARIDADE!

**Emília:** Prá mim??? Arre!!! HUMILDADE é comigo mesma Não conto vantagem sem razão! Não deixo ninguém sem saber! Dou valor as minhas coisas! A tudo que aprendo! Divido tudo com todos lá do Sítio!Isso por acaso não é HUMILDADE, Ana? É sim!!! HUMILDADE que se aprende no chão batido da terra. No asfalto da cidade e nos mármorees do castelo. A Viscondessa de Sabugosa ensinou a todos lá do sítio (Dona Benta, Nastácia, Narizinho, Pedrinho... até a Cuca e o Saci...). Em Taubaté tem até o CURSO DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR!!! A Viscondessa foi até lá para fazer a AULA MAGNA do CURSO. A R R A S O O U A DANADA!!! Eu e a Narizinho temos o nosso FOCO de PESQUISA nesse CURSO. Já imaginaram a nossa RESPONSABILIDADE?

**Rodrigo:** Isso, EMÍLIA! REPEITO! RESPEITO é outra CATEGORIA-LUZ que brilha nas páginas desse livro! E na CARTA!

**Solha:** RESPEITO é bom e todos nós gostamos. E o CONHECIMENTO também gosta!

O conhecimento merece respeito inteiro. Desde os tempos das cavernas, dos primatas, até o futuro estelar, dos laptops, iPhone, iPad. É CAMINHO, CONSTRUÇÃO. Pedaco por pedaco MODELADO com ENSINO E APRENDIZAGEM dedicado e competente. Todo dia, toda hora, em todo lugar!... Esses escritos eu peguei na ponta dos olhos nessa CARTA importante sobre a INTER. Ouçam bem o que dizem: “...valorização do conhecimento que o aluno traz consigo, sua história de vida, o contexto e a época em que vive, seu passado e sua perspectiva de futuro; valorização do universo criativo da criança, cheio de cores, formas, histórias, fantasias, jogos que incentivam, estimulando as brincadeiras, o respeito ao tempo de cada um e a sua maturidade; no desenvolvimento da arte



através da música, das histórias e dos desenhos como possibilidade de imaginação para conhecer o mundo da criança”.

**Marilda:** Temos que exercitar o APRENDER A CONHECER, A FAZER e a SER INTERDISCIPLINARMENTE. Estamos irmanados e imantados no GEPI. Sinergeticamente ligados!

**Telma:** Em seu poema intitulado “O ATIVISTA QUÂNTICO”, Ruy Cesar questiona: O que significa este “duplo” movimento? Afirma que: [...] “o ser humano não nasce pronto. Preciso de escola: ser educado. O ‘SER’ é que pode trazer o ‘SENTIDO’ buscado para a VIDA...”

**Rodrigo:** Vejam bem: [...] “há a necessidade de o professor trabalhar o autoconhecimento, a coerência e a honestidade para uma prática segura e confiante com a criança, para adquirir o respeito mútuo; trabalhar a expressão artística no sentido de aproveitar e explorar manifestações do pensamento e do sentimento do aluno; trabalhar a expressão corporal para conhecimento sobre a importância e o benefício de explorar o próprio corpo; revelar as emoções, a sensibilidade e a criatividade; além da linguagem verbal e escrita; dar liberdade ao aluno de criar e de participar na elaboração das atividades, oportunidades que são privadas pela cultura do mimeógrafo”.

**Ana:** PUTZZ! Eu nem me lembrava mais do MIMEÓGRAFO !!! Esse aparelho é jurássico!!!

**Emília:** Eu também sou jurássica, e vou lhe refrescar a memória, minha parceira! Era um INSTRUMENTO (uma mídia, modernamente falando), que COPIAVA as folhas que a professora DIS-TRI-BU-IA na sala de aula, ALUNO por ALUNO. Tudo igual! UMA MESMICE! PURA REPRODUÇÃO!...REIFICAÇÃO! RECORTADINHO, COLADINHO E ENGAVETADO! MAIS FÁCIL DE DECORAR!!!

**Kátia:** Ah! Não sou desses velhos tempos. Minha geração conhece a HP! A multifuncional, que imprime folhas!...

**Emília:** É mocinha! Mas a HP, hoje, já tem lá os seus INIMIGOS!!!!

**Solha:** As luzes deste livro estão ficando cada vez mais iluminadas. Vejam só: HUMILDADE, COERÊNCIA, RESPEITO, AUTOCONHECIMENTO, SENSIBILIDADE...

**Telma:** Tem mesmo algo de diferente na danada da INTERDISCIPLINARIDADE. Antes eu pensava que fosse só juntar as matérias, as chamadas DISCIPLINAS. Mas não é só isso não!!! A INTER é CATEGORIA DE AÇÃO. E DE AÇÃO REFLETIDA que exige rigor epistemológico e metodológico!

**Emília:** Caraça!!! É isso mesmo!!! Telminha!!! Tia Nastácia, por exemplo, junta leite, açúcar, milho, mel na panela de barro. Mistura! Mexe! Mexe! Mexe! COZINHA! Fica um delicioso curau! Mas nem por isso é INTERCOISAS; nem só COISAS... Eu já



disse: COISAS NO SEU TODO E NÃO COISAS SIMPLEMENTE MISTURADAS ou justapostas ... e A INTRDISCIPLINARIDADE não privilegia e nem despreza a DISCIPLINA, mas quer captar a essência das disciplinas no sensível, uma a uma e no seu conjunto! De uma vez por todas, eu pergunto: EN-TEN-DE-RAM?!?

**Rodrigo:** Mas, Emília, o que mesmo que tudo isso tem a ver com a condessa de Sabugosa?

**Marilda:** Para responder a você Rodrigo, estou me lembrando do que afirmou Gerthold Brecht [...] “Se não morre aquele que escreve um livro ou planta uma árvore, com mais razão não morre o educador que semeia a vida e escreve na alma”. Quantos professores conseguem se inscrever na alma dos seus alunos? Quantos conseguem inscrever a INTER nas suas próprias almas? Ivani Fazendo nos lembra da trilogia interdisciplinar o saber saber, o saber fazer e o saber ser que se conectam para responder qual o sentido da interdisciplinaridade

**Emília:** A GENTE FUÇANDO ESSE LIVRO, PARECE a VISCONDESSA fuçando a nossa cabeça! Ou pesquisando nos SÍTIOS DO CONHECIMENTO tudo o que lhe interessa! E TUDO LHE INTERESSA!!!

**Solha:** Sabe, EMÍLIA! A pesquisa INTERDISCIPLINAR, quando realizada em sua inteireza, tem dessas coisas:

- tem DESEJO!
- tem MEDO DO NOVO!
- tem OBJETIVIDADE/SUBJETIVIDADE!
- tem os “OLHARES DO EU”, do “OUTRO” e dos PARCEIROS TEÓRICOS!..
- tem AÇÃO/ESPERA!
- tem RAZÃO/EMOÇÃO!

**Telma:** Tem HOMOGENEIDADE/HETEROGENEIDADE! Tem BELEZA, tem ARTE! e a NOSSA “CARA!”.

**Emília:** Se for a minha, é LINDA!!!

**Ana:** Que língua solta, EMÍLIA! Fique a senhorita sabendo que a ESPERA é também sabedoria, viu?

**Marilda:** Isso explica que a pesquisa interdisciplinar pode ser exercida por todos que quiserem habitá-la, experienciá-la, pois a marca de cada sujeito e de cada temática não some diante do “todo maior”; pelo contrário, a unicidade dessa marca abrilhanta e auxilia na composição da totalidade.

**Solha:** É preciso deixar esse livro aberto e solto no mundo para que outros se encontrem nas suas palavras. Desapego é coisa séria. O conhecimento nunca acaba.

**Emília:** PARECE A NASCENTE DO RIACHO DO SÍTIO ONDE EU BEBO ÁGUA FRESCA E GOSTOSA. ESTÁ SEMPRE BROTANDO ÁGUA... Esta sempre se renovando até Heráclito já usou esse movimento para mostrar Constancia da transformação Viu como to ficando sabida, já me lembre até de um filosofo de muitos e muitos séculos antes de Cristo

**Solha:** Aprendemos com a Viscondessa de Sabugosa que o conhecimento é assim, Emília!

Temos agora parte de um conjunto de palavras que dão sentido a essa história e aos 30anos do GEPI: HUMILDADE, COERÊNCIA, RESPEITO, AUTOCONHECIMENTO, SENSIBILIDADE, REponsABILIDADE, ESPERA, DESAPEGO

**Emília:** Então, turma, está na hora de recitarmos bem alto os versos que embalam a INTERDISCIPLINARIDADE. Eu começo! NASCEU HÁ 30 ANOS DE UMA CABEÇA MUITA AFIADA.

**Kátia:** Tem uma longa estrada e conhecimento rico e necessário.

**Rodrigo:** A ESCOLA ESPERA DE NÓS.

**Emília:** Uma ATITUDE! SER e FAZER com QUALIDADE!

**Ana:** SER e FAZER com QUALIDADE nas quatro direções da pesquisa INTERDISCIPLINAR:

**Telma:** A INTERDISCIPLINARIDADE  
 - PROFISSIONAL → PRÁTICA e  
 - CIENTÍFICA → METODOLÓGICA

**Solha:** O SENTIDO de existir na PRÁTICA SOCIAL, na PROFISSÃO, na CIÊNCIA e na VIDA!

**Marilda:** Educação é CONSTRUIR uma nação IGUALITÁRIA, DEMOCRÁTICA, com JUSTIÇA, ÉTICA e CIDADANIA a toda prova.

**Emília:** IVANI CATARINA ARANTES FAZENDA, uma MESTRA que acreditou na MUDANÇA... LENTA..., INTERNA e RENOVADA...

**Kátia:** TEM TANTOS DISCÍPULOS!

**Ana:** Todos aprendizes de um grande legado!

**Solha:** Uma inesquecível lição!

**Todos:** A INTERDISCIPLINARIDADE!

**Emília:** Que ENCANTA! DÁ VIDA! EMOCIONA! E TRANSFORMA!!!  
 Companheiros do GEPI

(TODOS SE LEVANTAM - EMÍLIA NO CENTRO DELES- E AGRADECEM CURVANDO O CORPO. DEPOIS, DE MÃOS DADAS PARA O ALTO).

**Marilda: (REFLEXÃO FINAL)**

Qual o sentido do que fazemos?

O que o GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM INTERDISCIPLINARIDADE nos faz refletir e sentir?

Esse encontro e esta forma lúdica de expressar e homenagear o GEPI é o movimento de reflexão constante para entender e significar o sentido do que fazemos e a sua ressignificação no contexto onde atuamos.

É porque nos importamos em melhorar o nosso saber e o nosso existir que estamos aqui.

A sua longevidade é expressão e a possibilidade permanente enquanto pesquisadores interdisciplinares de fazer brotar nossas potencialidades e competências e o desejo incontido de CONHECER, de FAZER e, sobretudo, de SER.

Obrigado!!!

Professora Ivani Fazenda

Obrigado!!!

# ***INTERDISCIPLINARIDADE***



## **Saber coletivo, como raiz da Interdisciplinaridade e saber de si como fonte para o autoconhecimento; resistências sociais à temática**

*Ruy Cezar do Espírito Santo*<sup>1</sup>

O que me trouxe a escrever esse texto foi exatamente essa questão da resistência social aos dois pontos arguidos e relativos à interdisciplinaridade e ao autoconhecimento.

Sim, por ocasião do meu mestrado na PUCSP sofri restrições ao buscar desenvolver um trabalho sobre a interdisciplinaridade. Hoje a temática já é mais aceita, porém continua com restrições em alguns setores, o mesmo acontecendo com o autoconhecimento.

Estou convencido que tais restrições dizem respeito a um avanço da ciência, como um todo, em direção a uma transcendência do ser humano, sendo que tais resistências decorrem de uma cultura religiosa fundamentalista e conservadora, ainda vigente.

Sim, o chamado “ateísmo” ou materialismo racionalista, teve início no século XIX quando Nietzsche proclamava que “Deus está morto” ou ainda Augusto Comte fundava em Paris a Igreja da Razão. Tais posturas, a meu ver, eram consequências das posições dogmáticas oriundas, especialmente no ocidente, da postura da Igreja Católica.

Ocorre que logo no início do Século XX já Einstein proclamava a “religiosidade do universo”. Mesmo, ainda no século XIX, na mesma Paris de Comte surgia com Allan Kardec o espiritismo, como que proclamando que a espiritualidade estava viva...

Na sequência, como adiante melhor detalharei vários desenvolvimentos da ciência caminharam para uma visão da transcendência do ser humano, seja na física com Capra, seja na psicologia com Jung e posteriormente Grof e ainda, dentre tantos outros, a filosofia de Morin.

Costumo situar o momento que estamos vivendo como sendo o início da “maturidade” do ser humano. Tal fase teve seu começo em 1.945, quando o “adolescente” humano percebeu que poderia destruir o planeta com a explosão das bombas atômicas. É a partir desse momento que vão surgir as ONGS e ações como as da Anistia Internacional ou Médicos Sem Fronteiras, que começaram a atuar.

---

<sup>1</sup> PROF.DR. RUY CEZAR DO ESPÍRITO SANTO: possui graduação em Direito pela Universidade de São Paulo (1957), mestrado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Atualmente é professor titular da Fundação Armando Álvares Penteado e professor de graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Auto Conhecimento na Formação do Educador, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, autoconhecimento, formação do educador, fragmentação e transformações. Coordena o Grupo de Estudo sobre Interdisciplinaridade e Espiritualidade (INTERESPE) e é editor da revista: INTE

Hoje são inúmeros os movimentos comunitários que buscam desenvolver ações de acolhimento voltadas aos mais carentes ou aos injustiçados, ou ainda ações ecológicas. Note-se, aliás, que foi exatamente a partir de 1945, que a consciência ecológica começou a ganhar lugar na sociedade.

Será importante observar que, ainda no mesmo ano de 1945, surgem documentos de 2000 anos atrás no Egito, de forma sincrônica, como diria Jung, para anunciar um importante passo numa visão significativa do ser humano. Sim, tais documentos vão enfatizar que as Tradições mais do que referir-se a crenças, buscavam um “saber transcendente” do ser humano.

Hoje Jean Yves Leloup, dentre outros, nos traz volumosa obra desvelando os conteúdos de tais documentos surgidos em Nag Ramadi e mais tarde no Mar Morto.

Pouco antes de 1945 é Carl Gustav Jung que retoma na área da psicologia a questão do autoconhecimento originariamente presente na filosofia grega, com Sócrates. Sim, o grande filósofo dizia que o “conhece-te a ti mesmo” era o princípio de toda a sabedoria. Pois, bem Jung ao situar o que ele denominava de princípio de individuação, retoma essa idéia básica de Sócrates. Na verdade, o drama do ser humano investigado a partir de Freud, que busca entender a “infelicidade” presente a vida humana, vai nos trazer com Jung, na sequência, a questão da integração do ego com o self.

Em outras palavras, tal integração nos diz respeito ao “nascer para o espírito” trazido pelas Tradições.

Sim, Jung utilizou a expressão “self” em razão das religiões em seu tempo especialmente a Católica, terem condenado toda a visão espiritualista trazida por Allan Kardec, considerando tal iniciativa como “coisa do demônio”. Assim, para evitar confrontos desnecessários, a meu ver, Jung utiliza a expressão “self” para designar tal realidade transcendente do ser humano.

Importante observar que Freud, ao desenvolver a psicanálise visando cuidar das repressões sofridas, especialmente na infância, findou concluindo que mesmo sanadas as repressões, o ser humano continuava “infeliz”, em razão do que ele denominava de “pulsão da morte”. Assim, somente quando Jung, que pesquisou longamente o Caminho e o conteúdo das Tradições, traz a dimensão do “self”, no processo de individuação é que o ser humano podia ser “libertado” da condição de “infelicidade”.

Não é, pois, por acaso, que neste mesmo momento da história, primeiro Teilhard de Chardin e depois Paulo Freire colocam suas posições a respeito de uma consencionalização e conscientização. Ou seja, a tomada profunda de consciência de si mesmo!

É com certeza o nascer de uma nova consciência.

Será importante, voltando dois mil anos atrás em nossa história, verificar que foi em torno do ano zero, que teve início a adolescência aqui referida, como fase da humanidade. Veja-se que em torno desse ano zero é que “surgem” numa



humanidade ainda infantil a filosofia grega, o budismo, os vários monoteísmos, dentre os quais o cristianismo, com mensagens difíceis de serem entendidas na época. Sim, dentre outros, Jesus dizia: “Os antigos diziam: olho por olho e dente por dente, eu vos digo amai os inimigos”. Tal pronunciamento constante dos Evangelhos revelava não só a infância vivida até então do “olho por olho”, como também uma mensagem que somente no futuro poderia ser entendida: o Amor ao inimigo... Tal expressão, então, era absolutamente impossível de ser compreendida, tanto assim, que a Igreja Católica, nascida do cristianismo, vai adotar em sua história, que aqui chamo de adolescente, cruzadas e inquisições... Não se trata de “mal” ou de “erro”, mas seguramente de uma fase da história, aqui denominada de adolescência, quando “amar o inimigo” não era possível pela falta de maturidade, que só recentemente teve seu “início”...

Começa a ficar clara a afirmação de Sócrates, também contemporânea do ano zero de que o “conhece-te a ti mesmo” é o princípio de toda a sabedoria... Sim a ignorância de si mesmo começa a ser percebida como a origem daquilo que denominamos como sendo o “mal” ou o “erro”.

Tanto assim, que o mesmo Jesus quando estava sendo crucificado nos deixa a fantástica expressão: “Pai perdoai porque eles não sabem o que fazem”... Essa ignorância de si mesmo, que culminou com as bombas atômicas, somente em 1.945, como já referido, **começa** a ser superada. Assim, o resgate do conhecer a si mesmo, oriundo da filosofia grega e de um saber coletivo, integrador do “inimigo”, começam a se tornar conscientes de uma forma, que Teilhard de Chardin, já aqui mencionado, em sua obra Fenômeno Humano afirma que “depois de percorrer longamente o caminho da análise o ser humano chega finalmente à luminosa síntese”. Tal afirmativa de Chardin sinaliza o que aqui denomino de “início da maturidade”.

Veja-se, que nessa direção, ainda uma vez Jung, deixa clara a importância da coincidência dos opostos, ou seja, a questão da integração oriunda de um verdadeiro “saber”. Como exemplo claro desse ponto veja-se a distinção do masculino e do feminino, que o conhecido psicólogo vai situar o “encontro” dando como presente no homem a “anima”, que é o princípio feminino e na mulher o “animus”, que é o princípio masculino...

Vê-se das questões até aqui relatadas a raiz do autoconhecimento e do processo interdisciplinar, que irá nos conduzir a uma nova postura diante do saber. Alguns intelectuais contemporâneos, como Basarab Nicolescu e Ubiratan D’Ambrósio, entre nós, preferem a expressão transdisciplinaridade, mas, a meu ver, ambas têm o mesmo sentido. O fundamental nessa percepção é a unidade do saber.

É ainda importante assinalar do ponto de vista histórico que se por um lado o ano de 1945 nos trouxe o auge da “adolescência”, com ditadores como Hitler, Mussolini, Salazar, Franco, Perón Getúlio, dentre outros, e a eclosão da segunda guerra mundial, com os desastres de Hiroshima e Nagasaki, será após tais eventos, que pela primeira vez um Papa da Igreja Católica, que foi João XXIII vai nos trazer uma visão de Ecumenismo e Paz.

Não tenho dúvida dos fortes sinais daquilo que chamo de chegada à maturidade do ser humano, conforme alguns já aqui mencionados, porém quero assinalar que se trata apenas o **início** de uma nova fase... Ainda muitos adolescentes permanecem em ação...

Retomando a questão do autoconhecimento será importante estabelecer um paralelo entre o avanço observado na física, em particular na física quântica, e a questão do conhecimento de si mesmo. Sim, a física nos trouxe uma visão curiosa e absolutamente nova de que o universo é composto de pura energia. Fritjof Capra nos deixa patente que é um mistério a matéria sólida em qualquer nível... No coração de um átomo o que existe, segundo ele, são “possibilidades de conexões”.

Qual o paralelo com a questão do autoconhecimento?

Curiosamente a melhor metáfora para “explicar” a essência, o “self” presente no ser humano é o “amor”. Tal metáfora decorre de uma afirmação oriunda da Tradição Cristã, que nos traz a colocação de que “Deus é Amor” e o “Homem Sua Imagem e Semelhança”. Assim, a metáfora do “amor” diria respeito a nossa identidade última. O curioso desta observação é que “amor” é fonte de conexões... O ser humano crescentemente no presente momento da história busca conexões, seja com a natureza, com o desenvolvimento da consciência ecológica, seja com o Outro através das ONGS... Assim vemos uma coincidência de alta sincronicidade, entre as afirmações vindas da ciência e da metáfora presente na Tradição Cristã.

Se formos mais fundo nessa questão, vamos verificar que o mistério da “liberdade”, que somente está presente no ser humano, de todos os seres vivos conhecidos, está profundamente vinculado ao “amor”. Sim, um pai pode exigir do filho “respeito”, mas nunca “amor”. O amor somente é possível com o exercício pleno do “querer”, ou seja, da liberdade...

A essa altura da presente reflexão deve estar ficando claro da importância do processo de ensino-aprendizagem levar realmente a sério, aquilo que Paulo Freire tanto insistia do “conscientizar antes de alfabetizar” já aqui referido. Escrevi um livro, cujo título é “O Autoconhecimento na Formação do Educador” onde as questões aqui levantadas são objeto de estudo mais profundo. Trago nesta obra, inclusive, o que denomino de “missão do Brasil neste momento”.

Sim, veja-se que o Brasil é uma das nações que mais está próxima das metas a serem perseguidas nessa fase de “maturidade” recém iniciada. Não foi “por acaso” que nosso país foi convidado para abrir os trabalhos da ONU desde sua inauguração. Somos vistos como um país pacífico, seja pela dimensão continental possuída, onde se fala uma mesma língua, sem guetos visando uma separação, seja pela profunda integração racial e religiosa presente entre nós. Curiosamente, no século XIX um santo da Igreja Católica, João Bosco que fundou os salesianos, teve um sonho profético de que o berço de uma nova civilização seria na América do Sul, continente que ele não conhecia. Visando localizar o local do sonho, consta que ele o situou onde hoje foi construída Brasília, sendo que uma ermida foi construída no local indicado, muito antes do surgimento de nossa capital.

O importante de tudo isso é que nosso país tem tido mesmo uma ação sempre pacificadora junto as Nações Unidas e mesmo a eleição recente de um operário como presidente da República, tem uma significação sinalizadora de uma integração social positiva. Não quero aqui entrar em apreciações políticas, até porque não é o espaço para tanto. Estou apenas chamando a atenção de que o fato de elegermos alguém oriundo não da costumeira elite internacional, que costuma ocupar o poder, findamos escolhendo um operário sem a tradicional “formação” daqueles que costumam dirigir os países. Trata-se, ainda uma vez de uma importante sinalização ao planeta, de uma saudável integração social.

Outro aspecto importante e vinculado à questão do autoconhecimento é a constatação das transformações permanentes presente ao universo e a importância do ser humano tomar consciência, de que além das transformações inexoráveis presentes, somos capazes de um processo de “autotransformação”. Sim, a medicina já nos apontou no sentido de que as doenças são psicossomáticas, ou seja, inconscientemente estamos gerando um câncer ou uma outra doença qualquer, porém **conscientemente** poderemos desenvolver um processo de autocura, que hoje vem sendo largamente trabalhado em várias linhas de medicina. Na verdade, vem sendo utilizado como forma de obter um melhor efeito no uso de remédios.

O mais importante, porém, nessa questão das transformações conscientes é o ser humano perceber, que ele é o único ser vivo conhecido capaz de transformar sons em música, letras em palavras, palavras em poemas e assim por diante.

Encerro este artigo com um texto poético que de outra forma busca expressar o que acima foi trazido.

### *Grande Transformação*

2.012

*Grande expectativa  
Mudanças esperadas  
Profetizadas  
Temidas...*

*Nenhum outro ser vivo  
Participa dessa ansiedade experimentada por tantos  
Desde os Maíais  
Até os profetas atuais  
O anúncio se faz presente...*

*Sinto que a grande transformação  
Não é “exterior”...  
Sinais externos podem acompanhar tal momento  
Vivido pelo Ser Humano*

Porém a grande transformação é “interior”...  
 Trata-se da realização da “profecia” junguiana:  
 O encontro do ego com o “self”...  
 A conscientização profunda apregoada por Paulo Freire...

Mais ainda o anúncio também profético de Teilhard de  
 Chardin:  
 Que afirmou que depois de percorrer longamente o Caminho  
 da análise  
 O Ser Humano chegava à luminosa síntese...  
 O “Ponto ômega”  
 Denominando tal momento de “conscencialização”...

A “chegada” a tal nível existencial  
 Deu origem às inúmeras ONGS  
 Dos Médicos Sem Fronteiras  
 A Anistia Internacional... E tantas outras...

O mistério de 2.012 é que a Liberdade oriunda de tal nível  
 de consciência  
 Conduzirá o ser humano a outra dimensão  
 Que implicará na “reconstrução” do planeta  
 Na profunda vivência do Amor

Não estamos sós no Universo  
 Irmãos em outra dimensão existencial  
 Acompanham-nos e “atuam” sobre nossa realidade  
 Visando a plenitude da conscientização

Assim esta essencial transformação poderá, sim,  
 Ser acompanhada por transformações “externas”  
 Que poderemos não “entender” as razões  
 Porém, seguramente, significarão a “sincronicidade”  
 apregoada por Jung.

Sim, tal sincronicidade está presente desde a transformação  
 havida entorno do ano zero  
 Quando contemporaneamente primeiro a filosofia grega  
 Depois o Budismo e o Cristianismo  
 Dentre outras mensagens, significaram o fim da infância  
 da humanidade...

Foi o fim daquilo que no cristianismo foi anunciado como  
 término do “olho por olho e dente por dente”

*Para dar lugar ao “Amor ao Inimigo”...  
Ou Sócrates com o “conhece-te a ti mesmo”  
Como princípio de toda a sabedoria...*

*Naquele momento a grande transformação foi o início da  
“adolescência” da humanidade... Ainda era cedo para  
vivenciar o “Amor” anunciado...*

*Lutas pelo poder, guerras religiosas, ideologias diversas  
Até 1.945, quando, com a bomba atômica o adolescente  
humano percebeu que podia “destruir o planeta”...  
E então vem todo aquele movimento de conscientização...*

*Ainda uma vez sincronisticamente, é no mesmo ano da  
“bomba atômica” que vão surgir os documentos de Nag  
Hamadí:*

*Do “nada”, no Egito surgem documentos de 2.000 anos atrás  
para relembrar a esquecida Lei do Amor...*

*Aí então é que vão surgir as ONGS...*

*E inicia-se o amadurecimento para o momento presente...*

*Permanecerá sempre, porém, o mistério da Liberdade...*

*É preciso “querer” participar da transformação...*

*Até porque nenhum Pai consegue “obrigar” seu filho a “amá-  
lo”*

*O Amor é a raiz dessa Liberdade que será a origem da  
próxima transformação...*

*Assim quem permanecer prisioneiro do mundo material*

*Do “apego” como anunciou Buda*

*Ficará mesmo à margem da mudança que se aproxima,*

*Não por “castigo”, mas por decisão pessoal...*

*Claro que tudo isso envolve o profundo Mistério existencial*

*Que vem sendo hoje intuído*

*Como fruto da integração do “self”*

*E da crescente conscientização*

*O fruto primeiro dessa transformação será a realização,  
interior, plena*

*Com a vivência da alegria, da beleza e do amor*

*Que possuem o sentido profundo*

*Do “mais dentro” de um Ser Humano!*

*Ruy*

# ***INTERDISCIPLINARIDADE***

A graphic design on a light orange background. In the center is a large yellow triangle pointing downwards. Overlaid on this triangle is the text 'LANÇAMENTO DE LIVROS' and 'DOS INTEGRANTES DO GEPI: 2012' in bold black capital letters. To the left and right of the triangle are white arrows pointing outwards. The background also features faint, stylized spiral patterns in shades of orange and yellow.

**LANÇAMENTO DE LIVROS  
DOS INTEGRANTES DO GEPI: 2012**



## ANA MARIA RAMOS SANCHEZ VARELLA, PELA EDITORA ESCUTA: 2012



Com ampla e holística visão, além da vivência no campo da Interdisciplinaridade, ao escrever o livro e para valorizar as histórias de vida que conheceu, a autora utilizou o método científico da escuta sensível. A partir daí, muitas questões se colocam ao longo da narrativa, como – por exemplo – "reencontros podem acontecer a qualquer momento de nossas vidas?". Pesquisadora sobre o ser humano e suas emoções, a autora diz: "como narradora fiel dos fatos apresentados por Júlia, personagem central do romance, espero ter conseguido transmitir toda a leveza de sua trajetória.

## CLÁUDIO PICOLLO E SONIA REGINA ALBANO DE LIMA PELA ÍCONE EDITORA



Pensar e Fazer Arte é um projeto de caráter interdisciplinar oriundo do Grupo de Ensino e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI) da PUC-SP ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação-Currículo. A proposta do projeto é a exposição e análise de obras de artes e práticas artístico-pedagógicas, na forma de colóquios, com palestrantes de diversas áreas do conhecimento que têm a incumbência de apresentarem aos ouvintes uma leitura particularizada da produção artística em debate. Nesta obra os autores não se limitam a um simples relato dos colóquios, e sim mostram como eles adentram a alma dos ouvintes e que significado têm para eles. Mostram ainda como ocorre o diálogo interdisciplinar com a plateia, o sentido da troca, a agregação de valores circunscritos ao objeto artístico, o sentido sociocultural atribuído às palestras e a transmigração da obra de arte para uma sociedade em constante mutação. Enfim, apresentam aos leitores novos direcionamentos para o ensino da Arte e da Cultura na Educação brasileira. Colaboradora: Ivani Fazenda

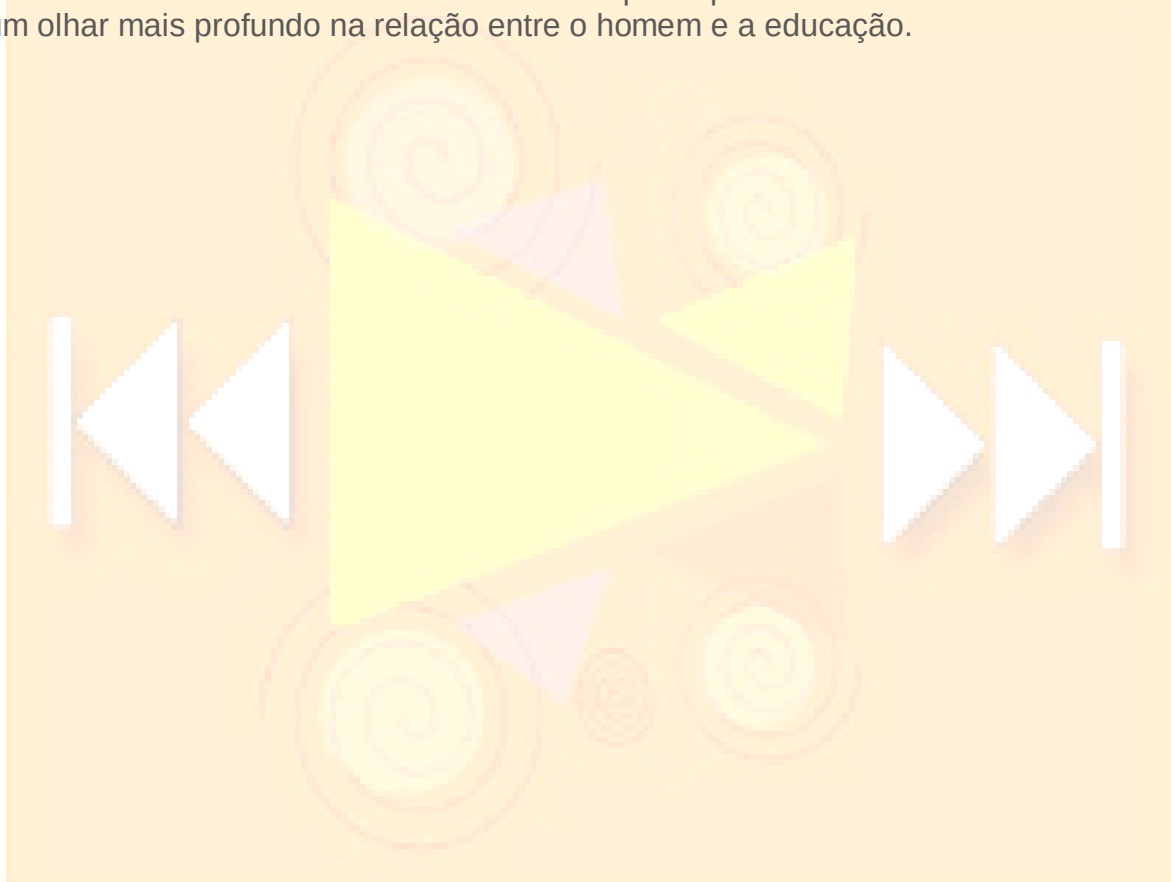
## HERMINIA PRADO GODOY E COLABORADORES PELA EDITORA PONTO COSMOPOLITANA



**INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA RADIESTESIA E RADIÔNICA:** A falta de um trabalho síntese a respeito da Radiestesia e da Radiônica levaram Herminia Prado Godoy e Kiyome Deguchi a criar este livro. Segundo as autoras "por um ano e meio, dedicamo-nos ao estudo da radiestesia e Radiônica. Reunimos o material que tínhamos, selecionamos os autores que mais nos fizeram sentido e buscamos organizar sistematicamente um material que pudesse ser mais compreensível, simples e de fácil manejo. Esta compilação resultou neste livro, que esperamos que possa servir de base a todos aqueles que desejem saber do que se trata a radiestesia e radiônica, seus instrumentos e como manejá-los. Introdução ao estudo da Radiestesia e Radiônica é uma obra referencial sobre o assunto", apresentando reflexões sob a ótica dos novos paradigmas e do pensamento interdisciplinar.

**TERAPIA DA CONSCIÊNCIA MULTIDIMENSIONAL:** Herminia Prado Godoy e colaboradoras apresentam em "Terapia da Consciência Multidimensional" um estudo sistematizado sobre as relações entre corpo, espiritualidade e existência. Segundo a autora "A Terapia da Consciência Multidimensional (TCM) é um tratamento para o ser humano que sofre e padece de males espirituais e energéticos. É, também, uma filosofia de vida calcada em princípios éticos que pretendem ser universalistas, ou seja, válidos em qualquer tempo e lugar e para todas as pessoas. Pretende vir a ser uma Ciência Espiritual (imaterial) ou Ciência do Bem-Viver, cujos princípios, há milênios, são transmitidos aos homens". O caráter Interdisciplinar desta pesquisa apresenta as possibilidades de um pensamento que exercita a reflexão, a prática e a espiritualidade para além dos dogmas religiosos.

**A CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL NA EDUCAÇÃO INTERDISCIPLINAR:** neste livro Herminia Prado Godoy apresenta sua tese de doutoramento e as reflexões em que trata a ampliação da consciência espiritual como possibilidade de realização de uma Educação Interdisciplinar. A autora foca suas reflexões em três grandes questões: o que é a espiritualidade, como é a espiritualidade no contexto educacional brasileiro e qual é a possível relação que se estabelece entre a espiritualidade e a vivência de uma atitude interdisciplinar no ensino. Segundo a autora: "Se considerarmos a espiritualidade como princípio da Interdisciplinaridade, poderíamos revelar que a busca da espiritualidade contemplaria os princípios: da espera, do desapego, da humildade, do respeito e da coerência. A Interdisciplinaridade assim seria um vetor de abertura à espiritualidade, e o educador interdisciplinar um terapeuta de consciências. Este é um texto fundamental para quem acredita na necessidade de um olhar mais profundo na relação entre o homem e a educação.



# ***INTERDISCIPLINARIDADE***



## XI Congresso Nacional de Educação- Educere - 2013

**XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO  
EDUCERE . 2013**

Formação docente e sustentabilidade:  
um olhar transdisciplinar.

**II** SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS,  
SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO  
- SIRSSE

**IV** SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE  
PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE -  
SIPD/CÁTEDRA UNESCO

Participe e abra os olhos para uma nova  
realidade na educação.

Curitiba, de 30/9 a 3/10/2013  
Inscrições de trabalhos: de 30/10/2012 a 31/3/2013  
[www.pucpr.br/educere](http://www.pucpr.br/educere) | [educere.congresso@pucpr.br](mailto:educere.congresso@pucpr.br)

Realização:

Apoio:



# ***INTERDISCIPLINARIDADE***



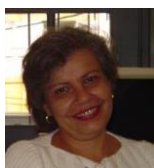
**DADOS BIOGRÁFICOS**

**EDITORA:**

**IVANI CATARINA ARANTES FAZENDA:** Graduada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (1963), mestrado em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1978) doutorado em Antropologia pela Universidade de São Paulo (1984) e livre docência em Didática pela UNESP (1991). Atualmente é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora associada do CRIE (Centre de Recherche et intervention educative) da Universidade de Sherbrooke- Canadá, membro fundador do Instituto Luso Brasileiro de Ciências da Educação-Universidade de Evora - Portugal. Em dezembro de 2007 foi convidada para ser membro do CIRETt/UNESCO,- França. Membro do comitê científico da Revista E. Currículum ([www.pucsp.br/ecurriculum](http://www.pucsp.br/ecurriculum)) e de várias revistas na área da Educação. Preside o conselho editorial de duas coleções de livros da Editora Papirus e três da Edições Loyola, membro da Academia Paulista de Educação (cadeira 37). Coordena o GEPI- grupo de estudos e pesquisas em interdisciplinaridade, filiado ao CNPQ e outras instituições internacionais. Pesquisadora CNPQ - Nível I desde 1993. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: interdisciplinaridade, educação, pesquisa, currículo e formação. **Contato: e-mail: [jfazenda@uol.com.com](mailto:jfazenda@uol.com.com)**

**COMITÊ EDITORIAL:**

**CLÁUDIO PICOLLO:** graduado em Letras Germânicas - Bacharelado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1971), graduação em Letras: Português Inglês e Latim - Licenciatura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1971), mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981) e doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Atualmente é professor assistente-doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Departamento de Inglês da FAFICLA – Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e Arte e é membro do GEPI – Grupo de Estudo e Pesquisa em Interdisciplinaridade onde coordena o Projeto Pensar e Fazer Arte. Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase em Lingüística Aplicada, Educação: Currículo: linha Interdisciplinaridade. **Contato: e-mail: [mentecultural@uol.com.br](mailto:mentecultural@uol.com.br)**



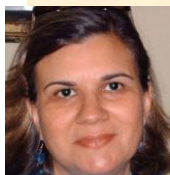
**HERMINIA PRADO GODOY:** Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (1978), mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1999) e doutora em Educação/Currículo pela PUC/SP (2011). É especialista pelo CRP/06

em Psicologia Clínica e Forense. É psicóloga pesquisadora clínica e atua como psicóloga em consultório particular desde 1979 e professora em cursos de Pós-Graduação desde 1990. Coordena o Grupo de Estudo sobre Consciência no Centro de Difusão de Estudos da Consciência. Participa do GEH, Grupo de Estudos de Hipnose, Coordenado pelo Prof. Dr. Osmar Colás da UNIFESP; do GEPI- Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade, Coordenado pela Profa. Dra. Ivani Fazenda, PUC/SP; do INTERESPE - Grupo de estudos sobre a Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação. **Contato: e-mail: herminia@osite.com.br**



**LEOCILÉA APARECIDA VIEIRA:** graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Paraná e Pedagogia pela Universidade Castelo Branco, Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Doutora em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Funcionária aposentada do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná. Professora de cursos de graduação e pós-graduação na modalidade presencial e a distância, em algumas instituições de ensino superior. Atuou como coordenadora de Setor de Material Didático para a EaD, Orientação e Supervisão de Monografias na modalidade a distância, de Material Didático para EaD e curso de Licenciatura em Pedagogia, nas modalidades presencial, “semipresencial” e a distância.. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em educação a distância, atuando principalmente nos seguintes temas: tecnologias educacionais, formação de professores, estágio supervisionado, pesquisa acadêmica (projetos e monografias) e redação de trabalhos acadêmico-científicos. **Contato: e-mail: leocilea.vieira@uol.com.br**

## CONSULTORES:



**ANA LUCIA GOMES DA SILVA: ANA LUCIA GOMES DA SILVA:** Graduada em Artes Plásticas, Mestrado em Educação na linha de Formação de Professores pela Universidade Católica Dom Bosco-MS e Doutoranda na linha de pesquisa: Interdisciplinaridade coordenada pela Profª Drª. Ivani Catarina Fazenda no Programa de Educação: Currículo, pela PUC de São Paulo, como bolsista do CNPq. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Aquidauana. Desenvolve estudos como pesquisadora no grupo: Interdisciplinaridade da PUC de São Paulo e História, Ensino, Cultura e Constituição de Identidades na Região de Aquidauana da UFMS/Campus de Aquidauana. Membro da OMEP/BR/MS/Aquidauana. Atua principalmente nos seguintes temas: Arte-Educação/ Currículo/Interdisciplinaridade/Educação Escolar Indígena/Formação de Professores/Inclusão/Linguagens/Cultura e Ludicidade. **Contato: analucia.sc1@hotmail.com**



**ANA MARIA RAMOS SANCHEZ VARELLA:** Pós-doutora em Interdisciplinaridade. Doutora em Educação: Currículo, linha de pesquisa Interdisciplinaridade. Mestre em Gerontologia, Psicopedagoga - PUC/SP. Graduada em Letras: Língua Portuguesa e Inglesa - UniPaulistana. Pesquisadora da PUC/SP dos grupos de pesquisa: GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade) LEC (Longevidade, Envelhecimento e Comunicação) e INTERESPE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação). Autora das obras: A Comunicação Interdisciplinar na Educação, Envelhecer com desenvolvimento pessoal e Quinta série, um bicho de sete cabeças? **Site Pessoal:** [www.anamariavarella.com.br](http://www.anamariavarella.com.br)



**BEATRIZ MARCOS TELLES:** Mestra em Administração (PUC SP/ 2011). Graduada em Processamento de Dados (UFSCAR/1983) e Licenciatura em Matemática (Centro Universitário Claretiano/2008). Especialista em: Administração de Empresas pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) e em Design Instrucional: ferramentas, técnicas e tecnologias UNIFEI (Universidade Federal de Itajubá). Pesquisa: educação, interdisciplinaridade no ensino superior, educação para sustentabilidade, sustentabilidade na formação de administradores, redes sociais. Educadora na UNIVAS desde 2004. Pesquisadora CNPQ do GEPI (grupo de estudos e pesquisas interdisciplinares - PUCSP), integrante do NEF - núcleo de estudos do futuro (PUCSP). Atua em processos de coaching/voluntário de ex-alunos recém formados ingressantes no ambiente corporativo). organizador, em dezembro 2009, do 6º Congresso Internacional de Inovação e Gestão no **Contato: e-mail: [biatelles@gmail.com](mailto:biatelles@gmail.com)**



**MARIANA ARANHA MOREIRA JOSÉ:** Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Maria Augusta Ribeiro Daher (2001), mestrado e doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006, 2011). Atualmente é pesquisadora do GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade) e Professora do curso de Pedagogia da FAPI - Faculdade de Pindamonhangaba. Tem experiência como Administradora Escolar de Centro Educacional de Educação Básica e Educação de Jovens e Adultos do Serviço Social da Indústria do Estado de São Paulo e como Professora de Educação Básica. Atua principalmente com os seguintes temas: interdisciplinaridade, currículo, formação de professores e gestão. **Contato: e-mail: [mariana-aranha@uol.com.br](mailto:mariana-aranha@uol.com.br)**



**MAURINA PASSOS GOULART OLIVEIRA DA SILVA:** Doutora em Educação: Currículo pela PUC-SP (2008). Mestre em Educação: Supervisão e Currículo também pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996). Possui graduação em Letras pela Universidade Católica de Santos (1978), graduação em Pedagogia pela Universidade Católica de Santos (1980), Lato Sensu em Educação - UNISANTOS (1991). Atualmente é professora da Universidade de Ribeirão Preto, Campus Guarujá e da rede municipal de ensino da cidade de Guarujá. Atuou como professora conferencista da Universidade Estadual Paulista, Campus do Litoral Paulista (2005-2006). Tem experiência na área de Educação e Educação a distância, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, principalmente nos seguintes temas: interdisciplinaridade, didática, currículo, formação de professores, projeto político-pedagógico e alfabetização de adultos. **Contato: e-mail: mauripassos@uol.com.br**



**NALI ROSA SILVA FERREIRA:** graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1974) e mestrado em Educação pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (2001). Doutoranda do Programa de Educação e Currículo da PUC/SP, na linha de pesquisa de interdisciplinaridade e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade (GEPI - PUC/SP). Professora e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares de Formação Docente e Práticas em Educação (GEIFoPE) do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH). Tem experiência na docência, orientação educacional e administração de unidades educativas na educação básica e superior. Atua também na formação continuada de professores. **Contato: e-mail: nali.rosafferreira@yahoo.com.br**



**RAQUEL GIANOLLA MIRANDA:** Doutora em Educação pela PUCSP possui mestrado em EDUCAÇÃO pela Universidade de Sorocaba (1999) e graduação em Análise de Sistemas Administrativos em Processamento de Dados pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1985). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Interdisciplinaridade - GEPI CNPQ desde 2000. Professora universitária e pesquisadora da Fundação Hermínio Ometto - Uniararas em tempo integral. Professora e orientadora de monografias de pós-graduação em Educação na área de Metodologia da Pesquisa Científica na UNISAL Campinas. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Interdisciplinaridade e Sociedade, Educação e Tecnologias, atuando principalmente nas seguintes áreas: educação, informática, interdisciplinaridade, currículo, formação de professores e tecnologias. **Contato: e-mail: rg.miranda@uol.com.br**





**RODRIGO MENDES RODRIGUES:** Mestrando em Educação - Currículo (PUC - SP), Especialização stricto-sensu em Filosofia Contemporânea Ética (UFSJ), Especialização em Gestão Escolar (Educon) e Especialização lato-sensu em Filosofia Clínica (Instituto Packter). Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de São João del-Rei (2005). Atualmente é professor da Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista (FESB) e professor efetivo da Rede Estadual do Estado de São Paulo. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética, Educação e Estética, atuando principalmente nos seguintes temas: Interdisciplinaridade, Nietzsche, filosofia, educação, cultura, cidadania, genealogia, esteticidade.



**ROSÂNGELA ALMEIDA VALÉRIO:** Graduada em Letras e Pedagogia. Especialização em Psicopedagogia. Pós-graduação: Mestrado em Educação, Doutorado em Linguística Aplicada e Pós-doutorado em Educação. Exerce o cargo de Diretora de Escola na rede estadual da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Atualmente é pesquisadora do GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares). **Contato: e-mail: rovaleryo@hotmail.com**



**RUY CEZAR DO ESPÍRITO SANTO:** graduado em Direito pela Universidade de São Paulo (1957), mestrado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Atualmente é professor titular da Fundação Armando Alvares Penteado; professor de graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor na UNIMESP, no programa lato-sensu denominado "Docência do Ensino Superior". Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Auto Conhecimento na Formação do Educador, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, auto-conhecimento, formação do educador, fragmentação e transformações. É autor dos livros: Pedagogia da Transgressão (SP: Papirus, 1996); O renascimento do Sagrado na Educação (SP: Vozes, 2008) e Autoconhecimento na formação do educador (SP: Ágora. 2007) dentre outros. **Contato: e-mail: ruycezar@terra.com.br**



# ***INTERDISCIPLINARIDADE***



## **NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS**

**INTERDISCIPLINARIDADE** é uma revista de periodicidade anual, cujo volume de cada ano será publicado em outubro e poderão ser realizadas edições extras.

É uma publicação Oficial do GEPI- Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade – Educação/Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade: PUC/SP.

Tem por objetivo publicar textos e artigos nacionais e internacionais sobre a Interdisciplinaridade, bem como do campo da Educação, da Arte e da Cultura, dentre outros que contribuam para a ampliação do conhecimento sobre a Interdisciplinaridade.

## CATEGORIAS DE ARTIGOS

Serão publicados: Artigos Originais, Revisões, Atualizações, Resultados de Pesquisas, Resumo e resenhas de livros, Filmes, Relatos e/ou Sugestões de Práticas Interdisciplinares, Comunicações Breves, Depoimentos, Entrevistas, Cartas ao Editor, Notícias, Agenda.

**Artigos originais:** são contribuições destinadas a divulgar resultados de pesquisa original inédita, que possam ser replicados e/ou generalizados. Devem ter a objetividade como princípio básico. O autor deve deixar claro quais as questões que pretende responder. O texto deve conter de 2.000 a 4.000 palavras, excluindo tabelas, figuras e referências.

A estrutura dos artigos é a convencional: introdução, métodos, resultados e discussão. A *introdução* deve ser curta, definindo o problema estudado, sintetizando sua importância e destacando as lacunas do conhecimento que serão abordados no artigo. Os *métodos* empregados, a população estudada, a fonte de dados e critérios de seleção, dentre outros, devem ser descritos de forma compreensiva e completa, mas sem prolixidade. A seção de resultados deve se limitar a descrever os resultados encontrados sem incluir interpretações/comparações. O texto deve ser complementar e não repetir o que está descrito em tabelas e figuras. Deve ser separado da discussão. A *discussão* deve começar apreciando as limitações do estudo, seguida da comparação com a literatura e da interpretação dos autores, extraindo as conclusões e indicando os caminhos para novas pesquisas.

**Revisões:** Avaliação crítica sistematizada da literatura sobre determinado assunto devendo conter conclusões. Devem ser descritos os procedimentos adotados, esclarecendo a delimitação e limites do tema. Sua extensão é de no máximo 5.000 palavras.

**Atualizações:** São trabalhos descritivos e interpretativos baseados na literatura recente sobre a situação global em que se encontra determinado assunto investigativo. Sua extensão deve ser de no máximo 3.000 palavras.

**Notas e informações:** São relatos curtos decorrentes de estudos originais ou avaliativos. Podem incluir também notas preliminares de pesquisa. Sua extensão deve ser de 800 a 1.600 palavras.

**Cartas ao editor:** Inclui cartas que visam a discutir artigos recentes publicados na Revista ou a relatar pesquisas originais ou achados científicos significativos. Não devem exceder a 600 palavras.

**Observação:** *Trabalhos que ultrapassem as extensões acima estipuladas serão objeto de análise por parte do Conselho Editorial.*

## **AUTORIA**

O conceito de autoria está baseado na contribuição substancial de cada uma das pessoas listadas como autores, no que se refere sobretudo à concepção do projeto de pesquisa, análise e interpretação dos dados, redação e revisão crítica.

## **PROCESSO DE ESCOLHA DOS ARTIGOS**

Os artigos devem ser encaminhados aos editores que considerarão o mérito contribuição e encaminharão aos colaboradores da área específica do autor.

O anonimato é garantido durante todo o processo de julgamento. A decisão sobre aceitação é tomada pelo Conselho de Editores.

Artigos recusados, mas com possibilidade de reformulação, poderão retornar como novo trabalho.

Artigos aceitos sob condição serão retornados aos autores para alterações necessárias e normatização de acordo com o estilo da revista.

O(s) autor(es) receberão no prazo de 90 dias o retorno do Conselho Editorial sobre a aprovação do artigo enviado para apreciação.

## **PREPARO DOS ARTIGOS**

Os artigos devem ser digitados em letra arial, corpo 12, no Word, plataforma PC, incluindo página de identificação, resumos, agradecimentos, referências, tabelas e numeração das páginas. Sugerimos que sejam submetidos à revisão do Português por profissional competente antes de ser encaminhado à publicação.

Os artigos devem ser enviados para o comitê de editoração aos cuidados de Herminia Prado Godoy: [herminia@osite.com.br](mailto:herminia@osite.com.br)

## **PADRÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

As normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT que deverão ser consultadas para a elaboração dos artigos são as seguintes:

**NBR 14724:2001 - Informação e documentação - Trabalhos acadêmicos - Apresentação**

**NBR 10520:2001 - Informação e documentação - Apresentação de citações em documentos**

**NBR 6022:2003 - Informação e documentação - Artigo em documentação periódica e científica impressa – Apresentação**

**NBR 6023:2002 - Informação e documentação- Referências- Elaboração**

**NBR 6024:2003 - Informação e documentação- Numeração progressiva das seções de um documento**

**NBR 6028:2002 - Informação e documentação- Resumos - Apresentação: noções básicas**

**NBR 12256:1992 - Apresentação de originais**

## **OBSERVAÇÕES GERAIS**

1. Deverá ser incluída uma carta, assinada por todos os autores, permitindo a publicação pela revista.
2. As pesquisas que envolvam seres humanos devem mencionar a devida aprovação prévia pelo Comitê de ética da instituição de origem.
3. Caberá aos autores a total responsabilidade sobre o conteúdo dos artigos publicados.
4. Os artigos devem conter o título no manuscrito, sua tradução para o inglês, nomes completos dos autores com suas titulações acadêmicas, instituição, departamento e disciplina a que pertencem, endereço para correspondência e, telefones, palavras-chaves em português e em inglês (NBR 12256 - 1992), resumo do artigo, (no máximo 250 palavras) em português e em inglês (NBR 6028 - 2002), e referências (NBR 6023-2002).
5. As tabelas, gráficos, figuras, desenhos feitos por profissionais e fotografias que permitam boa reprodução, devem ser citados no texto em ordem cronológica e, devem ser enviadas com título, legenda e, respectiva numeração. As ilustrações escanizadas deverão ser enviadas na forma original e no formato .tif ou .jpg e ter no mínimo 270 dpi. As fotografias não devem permitir a identificação dos sujeitos, preservando assim o anonimato. Caso seja impossível, deve-se incluir uma permissão do sujeito, por escrito, para a publicação de suas fotografias. Deve-se também incluir a permissão por escrito para reproduzir figuras já publicadas, constando um agradecimento para a fonte original (NBR 12256 - 1992).